

UNEMAT

PROFLETRAS

MESTRADO

# UNEMAT

Universidade do Estado de Mato Grosso

Carlos Alberto Reyes Maldonado

## PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS



PROFLETRAS

Rede Nacional

UNIDADE CÁCERES

# UNEMAT

Universidade do Estado de Mato Grosso  
Carlos Alberto Reyes Maldonado



PROFLETRAS

Rede Nacional

### PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS

Av. Santos Dumont - s/n - Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-Graduação em Linguagem  
Cidade Universitária - Bairro DNER - CEP 78.200-00 - Cáceres-MT  
Tel. (65) 3224-1307

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E LINGUAGEM  
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

**DIONILA GOMES TAVARES**

**LETRAMENTO LITERÁRIO E CRÍTICO: NOVAS PERSPECTIVAS PARA A  
LEITURA/ESCRITA EM SALA DE AULA**

**CÁCERES-MT**

**2019**

**DIONILA GOMES TAVARES**

**LETRAMENTO LITERÁRIO E CRÍTICO: NOVAS PERSPECTIVAS PARA A  
LEITURA/ESCRITA EM SALA DE AULA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, para a obtenção do título de Mestre(a) em Letras, sob a orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Vera Lúcia da Rocha Maquêa.

**CÁCERES-MT**

**2019**

Walter Clayton de Oliveira CRB 1/2049

T2311 TAVARES, Dionila Gomes.  
Letramento Literário e Crítico: Novas Perspectivas para a  
Leitura/Escrita em Sala de Aula / Dionila Gomes  
Tavares - Cáceres, 2019.  
191 f.; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso  
(Dissertação/Mestrado) - Curso de Pós-graduação Stricto Sensu  
(Mestrado Profissional) Profletras, Faculdade de Educação e  
Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de  
Mato Grosso, 2019.  
Orientador: Vera Lúcia da Rocha Maquêa

1. Letramento Literário. 2. Ensino de Literatura. 3. Leitura.  
I. Dionila Gomes Tavares. II. Letramento Literário e Crítico:  
Novas Perspectivas para a Leitura/Escrita em Sala de Aula: .  
CDU 801

DIONILA GOMES TAVARES

LETRAMENTO LITERÁRIO E CRÍTICO: NOVAS PERSPECTIVAS PARA A  
LEITURA/ESCRITA EM SALA DE AULA

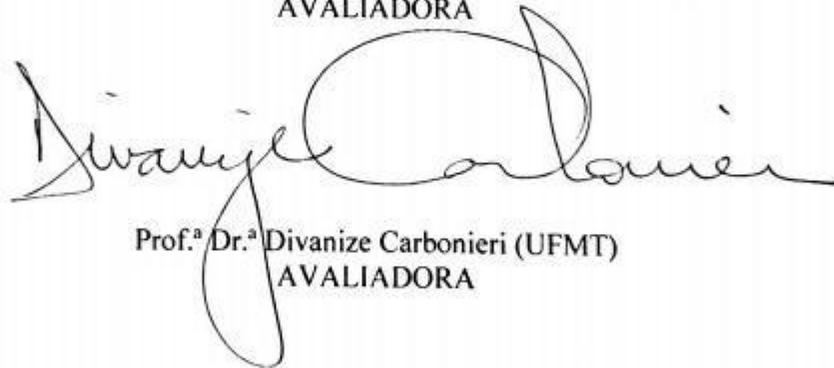
BANCA EXAMINADORA



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vera Lúcia da Rocha Maquêa (UNEMAT)  
ORIENTADORA



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Olga Maria Castrillon Mendes (UNEMAT)  
AVALIADORA



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Divanize Carbonieri (UFMT)  
AVALIADORA

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elizete Dall'Comune Hunhoff (UNEMAT)  
SUPLENTE

APROVADA EM 25/03/2019

Dedico este trabalho à minha orientadora, Dra. Vera  
Lúcia da Rocha Maquêa;  
À minha avó, Maria Silveira Tavares (*in memoriam*)  
Ao meu pai, Pedro Gomes de Souza (*in memoriam*)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus pela vida, por nos capacitar e dar forças para realização deste trabalho.

Toda gratidão, de modo especial, à querida professora e orientadora, Dra. Vera Lúcia da Rocha Maquêa, da Universidade do Estado de Mato Grosso, pela generosidade em me aceitar como sua orientanda, pelas valiosas orientações, sugestões, paciência, apoio e ensinamentos.

Às professoras, Dra. Divanize Carbonieri e Dra. Olga Maria Castrillon Mendes, pelas valiosas contribuições na qualificação e defesa do meu trabalho.

À Coordenação do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, Profa. Dra. Vera Regina M. e Silva e Profa. Dra. Maristela Cury Sarian, pela seriedade com que conduzem esse processo, e à Universidade do Estado de Mato Grosso, pela oportunidade de materialização desse sonho.

À direção, coordenação, professores e funcionários da Escola Estadual “Profª. Ana Maria das G. de S. Noronha”, que colaboraram direta ou indiretamente para o desenvolvimento das atividades. De modo especial, à professora titular da sala do 8º ano A, Karine Pedroza.

À querida Brenda Caroline, secretária do PROFLETRAS – Cáceres, pela paciência e eficiência ao cuidar tão bem da nossa vida administrativa.

Às professoras de ciências, Luana, e de história, Evenir, que prontamente aceitaram participar comigo deste projeto, realizando uma aula a campo.

Aos queridos alunos do 8º ano A, minha gratidão por não medirem esforços para o desenvolvimento deste projeto e por sempre me dedicarem tanto carinho.

À minha família, pelo amor incondicional, pela compreensão quanto à minha ausência nos momentos em que precisavam e não pude comparecer. De modo especial, a Ronaldo de Lima, pelas valiosas correções do meu texto.

À Secretaria de Estado de Educação do Estado de Mato Grosso, por conceder-me licença para a qualificação.

Aos companheiros do mestrado, unidos nessa caminhada, Cléia do Nascimento Morais de Andrade, Daniela de Paula Ferreira Novais, Flávia Ferreira Santana, Gislaine Ferreira de Araújo, Jansiléia Francisca Nogueira, Luciana Raimunda de Lana Costa, Mariley Teixeira Santos França, Marta Barbosa da Silva, Márcia Adriana de Barros Costa, Maria de Fátima da Conceição, Marcos Lopes Leandro Borecereu, Neanderson C. Lopes, Nicéia Espíndola Mariano e Queila Maria dos Santos Batista. A todos, o meu respeito.

Às minhas amigas, Edna Sebastiana, Maria Zeneide, Carmelina, Vera Lúcia, Janaina,

Karla e Leila, companheiras de longa jornada, que sempre me motivaram a prosseguir, pelo apoio incondicional.

*Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o címbalo que retine.*

*E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria.*

*E ainda que distribuísse todos os meus bens para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria.*

*O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não se vangloria, não se ensoberbece, não se porta inconvenientemente, não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não suspeita mal; não se regozija com a injustiça, mas se regozija com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.*

*O amor jamais acaba; mas havendo profecias, serão aniquiladas; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, desaparecerá; porque, em parte conhecemos, e em parte profetizamos; mas, quando vier o que é perfeito, então o que é em parte será aniquilado.*

*Quando eu era menino, pensava como menino; mas, logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino. Porque agora vemos como por espelho, em enigma, mas então veremos face a face; agora conheço em parte, mas então conhecerei plenamente, como também sou plenamente conhecido. Agora, pois, permanecem a fé, a esperança, o amor, estes três; mas o maior destes é o amor.*

(Carta de São Paulo aos Coríntios 13:1-13)

## RESUMO

A natureza desta pesquisa é de caráter intervencionista, tendo sido tomadas, como ponto inicial para desenvolvê-la, reflexões feitas durante as disciplinas cursadas no Mestrado Profissional e experiências em sala de aula. Nesse percurso vi e ouvi situações antagônicas relacionadas ao aluno leitor/não-leitor. Os professores das séries iniciais (até 5º ano) afirmavam que seus alunos liam, já os das séries finais do Ensino Fundamental afirmavam que seus alunos não liam (6º ao 9º ano). Visando a amenizar tais dissonâncias, inscrevemo-nos na linha de pesquisa “Leitura e Ensino de Literatura”, com perspectiva teórica no Letramento Literário, de Rildo Cosson e Márcia Abreu, e Letramento Crítico, de Dánie Marcelo de Jesus e Divanize Carboniere. Objetivou-se, através de uma diversidade de atividades de leitura/escrita, reconhecer o espaço da sala de aula como lugar de leitura, reflexão e escrita, dando ao aluno condições para que buscasse toda a sua força humanizadora capaz de transformar, de transcender o diálogo com a sociedade, como possibilidade de construção de um sujeito mais sensível, crítico, gesto que busca ressignificar, fortalecer a apropriação das habilidades de ler e escrever, em um processo interativo. Na escolha dos textos, foram tomadas as narrativas literárias curtas de língua portuguesa brasileira e africanas, com as quais oportunizou-se que os alunos produzissem a leitura e refletissem sobre os principais temas nelas abordados, tomando para si a constituição dos sentidos de pertencimento e de identificação. Assim, abordou-se o material literário integrando três aspectos metodológicos: Técnica da oficina; Técnica do andaime e Técnica do portfólio. Sistematizou-se o trabalho em três etapas: na primeira, conheceu-se um pouco a história de cada aluno, oportunizando-os a se situarem no espaço onde vivem e a olharem para os elementos que os constituem. Desse entendimento, refletiram sobre os textos literários lidos, apontando inclusive seus defeitos, suas relações afetivas com a sua constituição física e psicológica, sua constituição enquanto sujeito-leitor do texto literário. Na segunda etapa, leu-se uma diversidade de textos de literatura de língua portuguesa brasileira e africana, promoveram-se discussões e debateu-se sobre a contribuição cultural dos negros para o Brasil. Após as leituras literárias, foram suscitadas situações vividas na sala de aula/escola que causavam muitos conflitos e que foram repensadas a partir dessas reflexões. Na terceira etapa, a partir da leitura/discussão de diversos contos, compreendeu-se, com os alunos, a condição das mulheres nos textos e relacionaram-se essas mulheres com outras que protagonizaram e protagonizam sua história.

**Palavras-Chave:** Letramento literário. Letramento crítico. Leitura. Literatura.

## RESUMEN

La naturaleza de esta investigación es de carácter intervencionista, en la cual, tomé como punto inicial reflexiones que hice durante las asignaturas cursadas en el Máster Profesional y mis experiencias en el aula. En este recorrido vi / escuché, situaciones antagónicas relacionadas al alumno lector / no-lector. Los profesores de los años iniciales (hasta el 5º año) constataban que sus alumnos leían, ya los de los años finales de la enseñanza fundamental afirmaban que sus alumnos no leían (6º al 9º año). Con el fin de amenizar tales disonancias, nos inscribimos en la línea de investigación de Lectura y Enseñanza de Literatura con perspectiva teórica en la Iniciación Literaria de Rildo Cosson y Márcia Abreu y Letramento crítico de Dánie Marcelo de Jesús y Divanize Carboniere. Objetivamos a través de una diversidad de actividades de lectura/escritura reconocer el espacio del aula como lugar de lectura, reflexión y escritura, dando al alumno condiciones para que buscara toda su fuerza humanizadora capaz de transformar, de trascender nuestro diálogo con la sociedad, como posibilidad de construcción de un sujeto más sensible, crítico, gesto que busca resignificar, fortalecer la apropiación de las habilidades de leer y escribir en un proceso interactivo. En la elección de los textos, tomamos las narrativas literarias cortas de la lengua portuguesa brasileña y africana, con las cuales dimos la oportunidad de que los estudiantes produjeran la lectura, reflexionaran sobre los principales temas abordados en ellas tomando para sí la constitución de los sentidos de pertenencia y sentido de identidad. Así, abordamos el material literario integrando tres aspectos metodológicos: Técnica del taller; Técnica del andamio y Técnica del portafolio. Sistematizamos el trabajo en tres etapas: En la primera, conocimos un poco la historia de cada alumno, le dimos la oportunidad de situarse en el espacio donde viven y mirar los elementos que los constituyen. De ese entendimiento, reflexionaron sobre los textos literarios leídos, apuntando incluso sus defectos, sus relaciones afectivas con su constitución física y psicológica, su constitución como sujeto-lector del texto literario. En la segunda, leímos una variedad de textos de literatura de lengua portuguesa brasileña y africana, promovimos la discusión y el debate sobre las contribuciones culturales de los negros en Brasil. Después de las lecturas literarias, se plantearon situaciones vividas en el aula / escuela, que causaban muchos conflictos y que fueron repensados a partir de esas reflexiones. En la tercera etapa, a partir de la lectura / discusión de diversos cuentos comprendimos con los alumnos la condición de las mujeres en los textos, relacionamos a esas mujeres con otras que protagonizaron, protagonizan su historia.

**Palabras Clave:** Iniciación literaria. Lector crítico. Lectura. Literatura.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Catedral e cais da Praça Barão em Cáceres-MT .....	19
Figura 2 – Pannel confeccionado pelos alunos para atividade de leitura .....	34
Figura 3 – Pannel de sugestões de leituras confeccionado pelos alunos.....	35
Figura 4 – Destaque de duas sugestões de leitura elaboradas pelos alunos .....	36
Figura 5 – Aula a campo interdisciplinar .....	60
Figura 6 – Confeção de cartazes para campanha na Mostra Pedagógica .....	72
Figura 7 – Frase para campanha sobre preconceito, racismo e discriminação que foram distribuídas na Mostra Pedagógica.....	73
Figura 8 – Frase para campanha sobre preconceito, racismo e discriminação que foram distribuídas na Mostra Pedagógica.....	73
Figura 9 - Campanha com os visitantes da Mostra Pedagógica .....	74
Figura 10 – Lançamento do livro .....	79
Figura 11 – Mensagens de agradecimento dos pais via grupo de WhatsApp .....	79

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**BNCC** – Base Nacional Comum Curricular

**CDCE** – Conselho Deliberativo da Comunidade Escolar

**CEJA** – Centro de Educação de Jovens e Adultos

**PROFLETRAS** – Mestrado Profissional em Letras

**SICMATUR** – Secretaria Municipal de Indústria e Comércio, Meio Ambiente e Turismo

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>CAPÍTULO I: Contexto histórico e situacional</b> .....	16
<b>CAPÍTULO II: Identificação do problema e fundamentos teórico-metodológicos: estratégias para o ensino de literatura em sala de aula</b> .....	21
2.1 Procedimentos metodológicos .....	28
<b>CAPÍTULO III: Reflexão sobre os resultados – o caminho percorrido</b> .....	30
3.1 Produto Final: “Noite de Autógrafos” .....	78
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	80
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	84
<b>ANEXOS</b> .....	86

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa apresenta o resultado final de uma intervenção realizada com os alunos do 8º ano A da Escola Estadual “Profa. Ana Maria das Graças de Souza Noronha”, em Cáceres-MT, unidade escolar onde atuo como docente desde o ano 2000, quando passei no concurso. Essa unidade escolar, situada à Rua dos Monteiro, Bairro Cohab Nova, no norte da cidade de Cáceres, foi fundada em 1985 pelo Decreto Lei nº 2147/82, estabelecida pela rede Oficial de Ensino do Estado de Mato Grosso, construída em princípio para atender aos alunos do Ensino Fundamental, hoje atendendo também a Ensino Médio, Projeto Educar e CEJA.

Da minha formação profissional, destaco aqui a sabedoria de minha avó que, no ano de 1974, providenciou a ida da minha família para Rio Branco, centro urbano onde pude, aos 8 anos, iniciar oficialmente minha trajetória de estudos. Digo isso porque, em casa, sempre contei com a sabedoria da minha mãe, que era Normalista – formação de professora na década de 50/60. Nos primeiros anos, fui uma aluna muito tímida, porém muito estudiosa, sempre tirei boas notas. Minha motivação vinha do desejo de ler uma grande enciclopédia que minha mãe guardava a sete chaves dentro de um baú, lembrança dos tempos em que estudou em colégio de freiras em Minas Gerais. Após dois anos na escola, eu já sabia ler e escrever, momento em que ganhei a confiança de minha mãe e passei a ler aquele grande livro que, de tão pesado, quase não aguentava carregar com meus franzinos braços. Foram anos de encantamento e meu primeiro contato com livros. Os anos se passaram e, no Ensino Médio, na disciplina de estágio, eu já ministrava aulas na sala de uma professora vizinha da minha casa. cursando o segundo ano de magistério, tínhamos boas amizades, fazíamos grupos de estudos/leitura literária e outros. Desde aquela época, nunca pude esquecer “Inocência”, de Visconde de Taunay, e “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo. O que falar então das revistas “Julia” e “Sabrina”, emprestadas das minhas primas? Como constatado, nesse percurso, a leitura sempre me acompanhou e o sonho de ser professora também, mas, pelas adversidades da vida, veio uma gravidez não planejada e o sonho de fazer faculdade ficou adormecido até o ano de 1993, época em que me mudei para Cáceres. No ano seguinte, prestei vestibular e, para minha surpresa, fui aprovada. Tenho certeza de que a minha prática de leitura contribuiu para que essa façanha ocorresse. Enfim, em 1994, eu estava na Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, cursando Letras, quando tive o prazer de conhecer professores comprometidos com a boa formação acadêmica, que me motivaram e muito contribuíram com minha formação: professora Dra. Vera Lúcia da Rocha Maquêa, hoje minha orientadora no mestrado, Dra. Ana Maria Di Renzo, Ana Lucia Artiaga, Mirami e tantos outros. Como boa aluna e leitora, em 1998, concluí minha

graduação em Letras. No final desse mesmo ano, prestei o concurso da Secretaria Estadual de Educação. Aprovada, em fevereiro do ano de 2000, tomei posse na rede estadual. Na escola, escrevi e desenvolvi continuamente muitos projetos de leitura. Confesso que muitos deles tinham como objetivo atender às necessidades do vestibular e fazer fichamentos, o que não considero de todo um retrocesso, pois, uma vez que o aluno lê, ele nunca mais será o mesmo. Minha formação não parou por aí. Nesse mesmo ano, iniciei, também na UNEMAT, um dos primeiros cursos de especialização da área de Letras.

Nesse percurso, ao longo de 19 anos na Educação Básica, atuei na função de coordenadora pedagógica por cinco anos e, como tal, vi e ouvi, nas reuniões pedagógicas e conselhos de classe, algumas situações antagônicas relacionadas ao aluno leitor/não-leitor. Os professores das séries iniciais (até 5º ano) afirmavam que seus alunos liam, já os das séries finais do Ensino Fundamental afirmavam que enfrentavam muitos problemas no processo de ensino/aprendizagem porque seus alunos não liam (6º ao 9º ano). Em 2017, prestes a deixar a coordenação para me dedicar ao mestrado e antes de meu afastamento para a qualificação, na primeira reunião pedagógica realizada, discutimos sobre as fragilidades no processo de ensino para planejar ações para o ano que se iniciava. Eis que surge de forma uníssona: “nossos alunos apresentam dificuldade de interpretação e de escrita pelo fato de não lerem”. De repente, já não eram só os alunos das séries finais do Ensino Fundamental que não liam. Eram todos e, assim, decidimos que nossas atividades deveriam ser planejadas a partir de projetos de leitura que refletissem sobre a formação de alunos leitores. Advindo o afastamento, não acompanhei as atividades/projetos desenvolvidos no decorrer do ano letivo.

Porém, considerando esse diagnóstico da escola, senti-me atraída/desafiada e definimos nosso trabalho na linha da leitura/escrita do texto literário, com bases teóricas do letramento literário/letramento crítico, na perspectiva dos gêneros conto e poesia a partir dos autores Antonio Candido, Rildo Cosson, Márcia Abreu, Dánie Marcelo de Jesus, Divanize Carbonieri, Clarissa Menezes Jordão, Angela Kleiman, entre outros. Objetivamos a reconhecer o espaço da sala de aula como lugar de leitura, reflexão, experiência, oferecendo ao aluno contextos, aplicações e estímulos para o exercício da leitura e da escrita de forma crítica.

Por isso, propusemos um conjunto de atividades de leitura literária/escrita com controle muito moderado que, na sua maioria, se realizou pela “livre escolha”, como propõe Hilda Magalhães, pela espontaneidade, pelo gosto, pela autonomia na seleção de suas leituras, a fim de proporcionar um diálogo, entre o leitor e o livro, pautado na diversidade. Assim, acreditamos que esse projeto de leitura literária foi pertinente no contexto exposto e pôde, ainda, contribuir com a formação leitora desses alunos, de forma que, através do ensino de literatura, desvelaram-

se novos caminhos, que ampliaram o exercício da leitura, oportunizando novas formas de identidade para que houvesse deslocamentos na (re)construção dos discursos frente a questões ainda sedimentadas em nós, como discriminação, preconceito e desigualdade social, de forma que pudemos nos tornar mais sensíveis, mais humanos, como proposto por Candido, (1995, p. 186):

a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade (CANDIDO, 1995, p. 186).

Vale, ainda, ressaltar aqui que essa mesma literatura que oportuniza a (re)organização do ser humano que se apresenta com um poder encantador e incita a pensar, tem sido, ao longo dos anos, vítima da falta de políticas públicas que a defendam e da presença daquelas que fecham suas portas para algumas disciplinas e as massacram na escola. Na escolha das leituras, tomaram-se as inferências de Cosson (2012), a partir de narrativas literárias curtas, com as quais estabeleceram-se condições para que os alunos produzissem sua leitura e refletissem sobre os principais temas nela abordados, tomando para si sua constituição, a constituição dos sentidos de pertencimento e de identificação. Como postula Cosson (2012), aplicou-se:

[...] o princípio da diversidade entendido, para além da simples diferença entre os textos, como a busca da discrepância entre o conhecido e o desconhecido, o simples e o complexo, em um processo de leitura que se faz por meio da verticalização de textos e procedimentos (COSSON, 2012, p. 35).

Consideraram-se, ainda, nesse processo de seleção, as diversas manifestações literárias, proporcionando aos alunos a oportunidade de experimentar o universo da leitura e descobrir o quanto ele é amplo e diversificado. Levou-se em conta seu funcionamento textual para reconhecer o espaço da sala de aula como lugar de leitura, reflexão, experiência, oferecendo-lhes contextos, aplicações e estímulos para o exercício da leitura e da escrita de forma crítica.

A atividade de intervenção foi desenvolvida em três etapas: na primeira, objetivou-se a conhecer um pouco a história de cada aluno, saber como ele se relaciona com a escola, com o espaço onde vive e com a sua família; na segunda, promoveram-se discussões/debates sobre a contribuição cultural dos negros no Brasil, dando abertura para tratar de temas como a diversidade cultural/racial, preconceito e discriminação; na terceira, pensou-se e compreendeu-

se com os alunos a condição das mulheres nos textos. Relacionaram-se essas mulheres com outras conhecidas, através de suas histórias de leitura ou com mulheres que protagonizaram e protagonizam sua história de vida.

Para dar visibilidade a este trabalho, organizou-se este texto em três capítulos. No primeiro, apresenta-se o contexto histórico e situacional da escola, sua relação com o bairro e a cidade, bem como os recortes teórico-metodológicos que sustentaram as temáticas que materializaram esta intervenção.

No segundo, trazem-se os pressupostos teóricos que fundamentaram as atividades desenvolvidas com base no Letramento Literário, de Cosson (2012) e Soares (2003), que o definem como conjunto de práticas sociais e processo de desenvolvimento de habilidades e competências que extrapola o domínio do sistema alfabético e ortográfico da leitura/escrita em sala de aula. Além disso, usou-se também como base o Letramento Crítico, de Duboc (2016), que revisita o conceito de letramento literário, expande-se e convida o indivíduo a problematizar, a estabelecer relações entre suas leituras e suas ideologias. Abordou-se ainda sobre os aspectos metodológicos: Técnica da oficina; Técnica do andaime e Técnica do portfólio.

No terceiro, refletiu-se sobre o caminho percorrido, sobre os resultados. Acredita-se que o desafio lançado nos fez, enquanto professores, repensar um pouco mais sobre o ensino de leitura literária na escola e, assim, dar visibilidade ao processo de intervenção.

## CAPÍTULO I: Contexto histórico e situacional

*Se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar.*

(Paulo Freire, Pedagogia do Oprimido)

Sempre fui professora do Ensino Fundamental e Médio e, independentemente das turmas atribuídas, escrevi/desenvolvi muitos projetos de leitura/escrita e gincanas literárias. Confesso que a maioria deles tinha como foco principal a quantidade e o ensino de língua. As gincanas apresentavam melhores resultados porque, em virtude da competitividade com outras turmas, sempre existia um grupo na sala que motivava a participação de todos. É certo que, de algum modo, esses alunos liam, mas não uma leitura que lhes significasse, que transcendesse a sala de aula. Assim posto, alguns aspectos são importantes de serem pensados, como postula Martins (1986):

Quando começamos a organizar os conhecimentos adquiridos, a partir das situações que a realidade impõe e da nossa atuação nela; quando começamos a estabelecer relações entre as experiências e a tentar resolver os problemas que se nos apresentam – aí então estamos procedendo leituras, as quais nos habilitam basicamente a ler tudo e qualquer coisa. Esse seria, digamos o lado otimista e prazeroso do aprendizado da leitura. Dá-nos a impressão de o mundo estar ao nosso alcance; não só podemos compreendê-lo, conviver com ele, mas até modificá-lo à medida que incorporamos experiências de leitura (MARTINS, 1986, p. 17).

Visto desse modo, considera-se importante, nesse processo, que ele seja iniciado pela história de leitura de cada aluno, porque eles estão postos em um ambiente familiar e em uma sociedade que lhe significa de alguma forma. A partir daí, tomam-se como ponto de partida as relações que estabelecem com essas instâncias e que trazem para o ambiente escolar, para compreender as peculiaridades que lhes influenciam positiva ou negativamente na sua relação com a leitura. Outrossim, pode também influenciar nesse aspecto de negatividade da leitura o ambiente escolar que, conforme constatou-se nos projetos de leitura, está muito mais preocupado com a quantidade que com a qualidade e isso os impede de avançar.

Sob esse olhar, desenvolveu-se este projeto de leitura, visando à transformação da prática pedagógica em uma prática significativa para o aluno leitor, considerando que este não é vazio de significados, pois está inserido em uma sociedade onde vivencia diversas práticas de

linguagem.

Acredita-se que, para haver uma mudança das práticas de leitura configuradas na escola, baseadas principalmente no ensino de conteúdo, primeiro será necessário ocorrer uma mudança de mentalidade e de postura frente aos desafios educacionais relacionados às dificuldades de leitura. Para tanto, discutiram-se e planejaram-se as atividades de forma a levar os alunos a ultrapassar as dimensões do texto e, assim, transformarem-se humanamente.

Para atender a essas necessidades, buscou-se desenvolver um trabalho sob o viés do ensino de leitura literária concebida como possibilidade de construção de um sujeito reflexivo, sensível, capaz de se colocar no lugar do outro, gesto que busca ressignificar, que se destina a ampliar, fortalecer a apropriação das habilidades de ler e escrever em um processo interativo.

Ao desenvolver este projeto, optou-se por trabalhar com os alunos do oitavo ano do Ensino Fundamental, turma constituída por estudantes de doze e treze anos, da Escola Estadual “Profa. Ana Maria das Graças de Souza Noronha”, localizada em Cáceres-MT. Essa unidade escolar, situada à Rua dos Monteiro, Bairro Cohab Nova, no norte da cidade de Cáceres. Foi fundada em 1985 pelo Decreto Lei nº 2147/82, estabelecida pela rede Oficial de Ensino do Estado de Mato Grosso, construída, em princípio, para atender aos alunos do Ensino Fundamental, hoje atendendo também a Ensino Médio, Projeto Educar e CEJA – Centro Educacional de Jovens e Adultos. Apresenta, assim, uma complexidade quase que única no âmbito da educação estadual.

Mais conhecida como “Escola Ana Maria”. Está inserida num espaço de classe social média, mas sua clientela é de classe média-baixa, sendo que mais de 50% delas são beneficiadas pelo Bolsa Família, e recebe alunos dos bairros circunvizinhos: Massa Barro, Vila Irene, Jardim Padre Paulo, Betel, Vila Nova, Residencial Aeroporto, alunos do campo e de outros bairros, considerados mais periféricos. A unidade funciona em prédio próprio, atende a cerca de 950 alunos, devidamente distribuídos nos três turnos: matutino, vespertino e noturno. Desse total de alunos, 550 correspondem ao Ensino Fundamental, 320 ao Ensino Médio, 15 ao Projeto Educar e cerca de 65 ao Ceja.

Sobre o Projeto EDUCAR/SEDUC/MT, a escola está desempenhando um importante papel no desenho da adolescência destes alunos, em especial, com a consolidação do direito à educação como um direito fundamental, fornecendo a verba destinada a merenda escolar, materiais didáticos, formação continua dos profissionais lotados no projeto e acompanhamento pedagógico. O programa tem como objetivo intermediar conflitos e socializar os conhecimentos produzidos pelos adolescentes que cumprem Medidas socioeducativas através de uma metodologia que dá condições para que se apropriem dos conhecimentos em um ambiente que

seja responsável pelo processo completo de humanização das suas ações e atitudes frente à sociedade. Na busca pelos caminhos possíveis para a reorientação dos valores, condutas e perspectivas de inserção social dos jovens atendidos pelo sistema socioeducativo, devem-se reconhecer as vinculações entre as transformações individuais pretendidas com as relações macrossociais envolvidas.

Esse projeto possibilitou a integração entre racionalidade e identidade. Com isso, a mediação entre o estado e a sociedade civil foi de fato celebrada. Essa integração se trata de um movimento emancipador do sujeito que, para Costa (2001), está articulado a um projeto de socioeducação que deve ser construído no Brasil, aliado à educação geral e profissional, tendo como orientativo a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) 2ª versão 2016. Enquanto houver um adolescente necessitando de apoio e de limite, não deve haver descanso. Com a responsabilidade da família, a presença do Estado desenvolvendo políticas públicas consequentes e o apoio da sociedade, será possível criar um novo tecido social, capaz de conter oportunidades de cidadania para os jovens.

Pensada em um contexto mais amplo, a Escola “Ana Maria” está situada no município de Cáceres, que se localiza a 214km da capital, Cuiabá, na mesorregião Centro Sul do estado de Mato Grosso, à margem esquerda do Rio Paraguai. A cidade é também conhecida como “Princesinha do Paraguai” e “Cidade Portal do Pantanal”, devido ao rio que a atravessa e que constitui o cenário do riquíssimo bioma Pantanal. Tem como data de fundação o ano de 1778, no dia 6 de outubro. Desse marco em diante, obteve muitas denominações. Inicialmente, foi chamada de Vila de São Luís de Cáceres por determinação do quarto governador e capitão-general de Mato Grosso, Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, a quem foi dado o título de fundador do município. Os moradores mais antigos dizem que, no início, seu povoado não passava de uma pequena aldeia em torno da encantadora igreja de São Luiz de França. Posteriormente (em 1859), a cidade passou a ser denominada Vila-Maria do Paraguai, em homenagem à rainha reinante no período, em Portugal (MOTTA, 2003).

A vila já contava com uma Câmara Municipal em 1860, mas só em 1874 foi elevada à categoria de cidade, com o nome de São Luiz de Cáceres, em homenagem ao padroeiro, São Luís, e ao fundador do município, Luis de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres. Com o tempo, passa a ser chamada apenas Cáceres (1978).

O acontecimento da mudança de nome da cidade ao longo dos anos chama a atenção pelo modo como significa, imbricado às questões políticas de comercialização e expansão territorial. Segundo relatos do contexto histórico, a cidade foi fundada como forma de abrigo ou ponto de apoio, devido à necessidade de parada por causa da distância entre Vila Bela da

Santíssima Trindade e Cuiabá. Segundo Mendes (1973), a cidade nasce com um objetivo relacionado ao espaço hídrico, o que possibilitaria a navegação entre Mato Grosso e São Paulo. A navegação pelo Rio Paraguai desenvolveu o comércio com Corumbá, Cuiabá e outras praças, e o incremento das atividades agropecuárias e extrativistas fez surgir os estabelecimentos industriais representados pelas usinas de açúcar e as charqueadas de Descalvados e Barranco Vermelho, de grande expressão em suas épocas.

Ainda conforme escritos de Mendes (1973), em meados do século passado, Vila-Maria do Paraguai experimentou alguns avanços em virtude do ciclo da indústria extrativa, que tinha seus principais produtos no gado, na borracha e na ipecacuanha, o ouro negro da floresta e da abertura fluvial. Esse fato remete à significância do rio Paraguai na constituição do processo sócio-histórico e político da cidade de Cáceres conforme conceito reformulado por Motta:

Sustentada no pré-construído da relação sujeito/ambiente, a cidade enquanto registro se especializa e constitui sentidos no social a partir da textualização do rio e seus espécimes. Entende-se que é o rio Paraguai que dá corpo significativo à cidade de Cáceres, atravessando- a com os efeitos imaginários que organizam a cidade, o comércio, o espaço urbano, a ordem cidadina que tem a ver com a geografia (MOTTA, 2010, p. 4).

Nesse sentido, a cidade, o rio, o centro histórico e arquitetônico constituem elementos que identificam um povo. Do cais da praça, a população aprecia o Rio Paraguai. A praça abriga ainda a catedral, o Marco do Jauru, os casarões que, com suas imponências, trazem para a memória do povo suas lendas e mitos. Muitos dos textos que foram trabalhados referem-se a esses ambientes que, a partir das produções de nossos alunos, agora estão mais enriquecidos.

Figura 1 – Catedral e cais da Praça Barão em Cáceres-MT



Fonte: autora.

Nesse sentido, o turismo também se apresenta como um veículo de intercâmbio cultural entre pessoas e grupos, sendo um processo social, econômico e cultural do qual participam vários agentes sociais, podendo afirmar que a atividade turística é um encontro entre culturas e sistemas sociais que provoca mudanças socioespaciais multifacetadas (BOYER, 2003). Nesse viés de pensamento, a educação patrimonial se situa como importante atividade junto às demais políticas públicas, incluindo as relacionadas ao turismo, tendo o potencial de proporcionar uma formação voltada para compreender as práticas culturais enquanto referências culturais, auxiliando na preservação do patrimônio, mas principalmente como forma de se desenvolver ações que permitam que os sujeitos se reconheçam enquanto sujeitos históricos. Entende-se também que essa pode ser uma via que contribua para além do aprendizado, voltado para a decodificação dos símbolos e signos presentes nas referências culturais, mas também para uma formação em que os sujeitos possam, através do seu saber, utilizá-los como meio de subsistência. O Centro Histórico de Cáceres é um espaço ainda muito pouco apropriado para o desenvolvimento da atividade turística e educacional. Contudo, há infinitas possibilidades de ações a serem desenvolvidas, como percursos (trilhas), atividades culturais e práticas educativas, que incorporem os elementos heterogêneos e de características transversais, integrando o ambiente natural e o construído pelo homem, que desempenharam importante papel para a definição e proteção de fronteiras entre terras brasileiras e bolivianas.

## **CAPÍTULO II - Identificação do problema e fundamentos teórico-metodológicos: estratégias para o ensino de literatura em sala de aula**

Considera-se que a prática de leitura passa por uma longa caminhada, portanto, esse projeto de leitura literária foi pertinente nesse contexto escolar e pode ainda contribuir com a formação leitora desses alunos, de forma que, através da literatura, desvelem-se novos caminhos que possam ampliar o exercício da leitura, oportunizando novas formas de busca de identidade para que haja deslocamentos na (re)construção dos discursos frente a questões ainda sedimentadas em nós, como a discriminação, o preconceito e a desigualdade social, de forma que possamos nos tornar mais sensíveis, mais humanitários. Para Candido (1995):

a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade (CANDIDO, 1995, p. 186).

Considerou-se a leitura literária como fator humanizador no sentido de que ela desvia o indivíduo do perigo, incita à reflexão, oportuniza a sua (re)organização, traz indagações, alimenta a sua insatisfação, controla as suas emoções, possibilita questionamentos e desejo de mudanças. Essa mesma literatura, que se apresenta com um poder encantador, que incita a pensar, tem sido, ao longo dos anos, vítima da falta de políticas públicas que a defenda, ficando a cargo dos professores o reconhecimento da sua importância para os seres humanos.

Esse cenário motiva a repensar a prática educativa e, a partir desses estudos, houve a necessidade de propor um trabalho com leitura/escrita literária pela qualidade do sentimento-conhecimento que a literatura exprime, pela natureza de sua posição política e humanitária, capaz de fortalecer o aprendizado, oportunizando ao aluno uma reflexão sobre a realidade que vivencia na escola e fora dela para, assim, ter condições de interagir para melhor compreendê-la e transformá-la. Ainda sobre literatura, Candido (1995) a distingue pelo menos em três aspectos:

1) ela é construção de objetos autônomos como estrutura e significado; 2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; 3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente (CANDIDO, 1995, p. 178).

Considerando esses aspectos formativos, nota-se que foi importante, nesse processo, tê-

lo iniciado pela história de leitura de cada aluno, uma vez que estão postos em um ambiente familiar e em uma sociedade que, de alguma forma, afeta-lhes. Assim, tomam-se, como ponto de partida, as relações que estabelecem com essas instâncias e que trazem para o ambiente escolar, buscando compreender as peculiaridades que os influenciam positiva ou negativamente na sua relação com a leitura. Outrossim, pode também influenciar, nesse aspecto de negatividade da leitura, o próprio ambiente escolar que, conforme constatou-se nos projetos de leitura, estavam muito mais preocupados com a quantidade do que com a qualidade e isso os impossibilitava de avançar.

Sob esse novo olhar, com vistas a proporcionar ao aluno a oportunidade de construir sua proficiência em leitura à medida que percebe no texto o assunto tratado e é capaz de processar as informações, levantar hipóteses e fazer inferências, é que buscaram-se mecanismos diferenciados, visando a uma prática de leitura significativa, considerando que ela não é vazia de significados, pois está inserida em uma sociedade em que se vivenciam diversas práticas de linguagem. Para haver essa mudança configurada na escola, baseada principalmente no ensino de conteúdo, primeiro será necessário buscar outros sentidos para ela, frente aos desafios educacionais. Os relacionados às dificuldades de leitura foram discutidos e planejados de forma que levaram os alunos a refletir sobre as dimensões do texto, de modo que isso influenciou sua relação com ele e, assim, levou à redescoberta de diferentes modos de construção de sentidos. Para atender a essas necessidades, buscou-se desenvolver um trabalho sob o viés do ensino de leitura literária concebida como possibilidade de construção de um sujeito melhor, mais sensível, capaz de se colocar no lugar do outro, gesto que busca ressignificar, que se destina a ampliar, fortalecer a apropriação das habilidades de ler e escrever em um processo interativo.

No processo de seleção inicial de texto, foram consideradas diversas manifestações literárias para proporcionar aos alunos a oportunidade de experimentar o universo da leitura e descobrir o quanto ele é amplo e diversificado, levando-se em conta seu funcionamento textual, com o objetivo de (re)significar o espaço da sala de aula como lugar de leitura, reflexão e experiência, oferecendo contextos, aplicações e estímulos para o exercício da leitura e da escrita, de forma crítica. Para superar o diagnóstico de que os alunos não leem e, em consequência disso, também não escrevem, sobrelevou-se a pedagogia tradicional, baseada na transmissão de conhecimento, e reinventou-se a pedagogia moderna, que coloca os alunos no centro do sistema, pois “Não se trata de centrar na escola nem nos conhecimentos”, “nem nos alunos”, “mas sim, na aprendizagem” (NÓVOA, 2007, p. 6). É evidente que a aprendizagem implica alunos. “A aprendizagem implica uma pessoa, um aluno concreto, implica o seu desenvolvimento, o seu bem-estar” (NÓVOA, 2007, p. 6), em um processo que vislumbra o

conhecimento para todos.

Dessa forma, a aprendizagem “da leitura em particular significa uma conquista de autonomia, permite a ampliação dos horizontes, [...] ler significa rompimento com a passividade” (MARTINS, 2007, p. 20). Significa adquirir competências leitoras e saber fazer uso social delas.

Para alcançar esses objetivos, buscou-se trilhar caminhos que propiciaram práticas de leitura/escrita mais significativas sob os diversos olhares do letramento. A palavra “letramento” surgiu no Brasil na década de oitenta, como forma de ruptura com o sistema fônico de alfabetização, que não valorizava os aspectos socioculturais, os conhecimentos trazidos pelos alunos (SOARES, 1997). Sob esse novo olhar, que corresponde à multiplicidade de sentidos, serão tomadas as inferências de Cosson (2014) sobre letramento literário como

[...] processo de apropriação da literatura enquanto linguagem. Para entendermos melhor essa definição sintética, é preciso que tenhamos bem claros os seus termos. Primeiro, o processo, que é a ideia de ato contínuo, de algo que está em movimento, que não se fecha. Com isso, precisamos entender que o letramento literário começa com as cantigas de ninar e continua por toda nossa vida a cada romance lido, a cada novela ou filme assistido. Depois, que é um processo de apropriação, ou seja, refere-se ao ato de tomar algo para si, de fazer alguma coisa se tornar própria, de fazê-la pertencer à pessoa, de internalizar ao ponto daquela coisa ser sua (COSSON, 2014)<sup>1</sup>

Nessa mesma perspectiva, o conceito de letramento se expande, sendo revisitado pelo Letramento Crítico, que apareceu no Brasil no ano de 1991, sendo mais difundido em 1999 e tornando-se mais expressivo em 2004. Essa linha de pesquisa comunga com as ideias de Freire (1980) e dá ênfase a um novo modo de ler textos que, aqui, é compreendido por Duboc (2016, p. 61) “como exercício que convida o aluno a problematizar não apenas o discurso imbuído no texto, mas sim e, sobretudo, a sua própria compreensão sobre o texto, [...] um exercício de “ler, se lendo”. Desse entendimento, destaca-se a concepção da linguagem como prática social que considera o contexto sociocultural do sujeito-leitor. Vê-se aqui um modificador para o ensino de literatura no âmbito escolar com vistas a desenvolver práticas de ensino que não visam apenas à habilidade de ler e escrever, mas que ultrapassem os muros da escola e contribuam para a efetiva formação leitora, crítica e social. O Letramento Crítico é bem-vindo na sala de aula nos dias de hoje, porque leva o leitor a compreender os motivos pelos quais se lê, o que a leitura fala ou o que ela não fala, o que o texto considera ou desconsidera. Essas questões são

<sup>1</sup> Disponível em <<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/leitura>>

importantes porque problematizam, apresentam uma leitura que desvela apagamentos, que possibilita ao leitor compreender construções socioideológicas. Para reforçar essa perspectiva educacional, Duboc (2016) a entende como:

[...] exercício voltado para essa diversidade de significações[...] em que toda a diversidade social, étnica, de gênero e sexualidade e de condições físicas outrora velada clama por um sujeito ético e responsável, um sujeito que reconhece a diferença, e, acima de tudo, sabe com ela conviver (DUBOC, 2016, p. 62).

Em sua singularidade, surgida no discurso dos especialistas letrados da década de 80, o letramento ganha força no meio educacional e passa a figurar nos discursos escritos e falados. Kleiman (2006) afirma que essa é uma vertente teórica que busca a transformação da marginalização de grupos sociais que não conhecem a escrita, destacando que diferentes estudos se enquadram nesse termo, por isso há complexidade ao definir seu conceito, que pode variar, por exemplo, se o estudo for examinar a capacidade de refletir sobre a própria linguagem de pessoas alfabetizadas e analfabetas. Nessa perspectiva, ser letrado significa ter desenvolvido e usar uma capacidade metalinguística em relação à própria linguagem. Pesquisa-se como adulto e criança de um grupo social falam sobre um livro e comparam-se com outro grupo social para medir seu sucesso na escola. Tem-se letramento como prática discursiva que está relacionada com a função da escrita.

Ainda sobre esta vertente do letramento, Cosson (2012) define Letramento Literário como:

[...] processo de escolarização da literatura. [...] aqui se destina a reformar, fortalecer e ampliar a educação literária que se oferece no ensino básico. [...] letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e, sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio (COSSON, 2012, p. 12).

Nesse ínterim, a proposta de letramento literário apresenta três reflexões sobre o lugar da literatura:

Na primeira, responde às questões relacionadas ao seu valor e à sua função social, centrada na necessidade do seu ensino nas escolas, considerada ainda como plena de conhecimento sobre o mundo, dizendo o que somos e ensinando a desejar, a expressar o mundo;

Na segunda, reflete sobre a sistematização das estratégias importantes/necessárias para apontar caminhos como uma aprendizagem que consiste em experienciar o mundo por meio da palavra, aprendendo sobre a literatura e por meio dela;

Na terceira, propõe ao professor uma oficina para adaptar seu trabalho ao letramento literário em uma escola resistente a mudanças.

Por consequência, tem-se um corpo linguagem que se alimenta de palavras e permite constituir-se como sujeito que se apropria de uma linguagem que não é só sua, que se propaga através de nossa constituição, de nossa mutação, num processo formativo humanizador. Nessa linha, Candido (1995) diz:

Entendo aqui por humanização o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor (CANDIDO, 1995, p. 182).

Nessa perspectiva, para garantir seu principal fim de formar leitores capazes de estabelecer relações diferenciadas com os textos, o letramento literário traz consigo uma demanda de planejamento específico do processo educativo, que se estende à escolha dos textos e à metodologia a ser utilizada. Em relação à escolha dos textos/livros, estes passaram por um processo polissêmico. Recomenda-se sempre se pautar na diversidade e buscar o conhecido e o desconhecido, o simples e o complexo, iniciando a leitura sempre pelo que o aluno já conhece, sejam cânones ou contemporâneos, não esquecendo que a atualidade é muito importante e pode estar em qualquer tipo ou gênero textual. Nesse caso, o que importa é se o tema, o assunto é atual, não havendo julgamento de melhor ou pior.

O que se percebe na contemporaneidade é que as histórias figuradas pela literatura são mais atraentes, vivas, divertidas, sem deixar de lado o aspecto crítico e questionador que é preciso desenvolver nos sujeitos. Dentro desse panorama, Coelho (1991) estabelece três tendências da literatura infanto-juvenil:

**a) A literatura realista:** pretende expressar o real, buscando testemunhar o cotidiano; informar sobre costumes, hábitos ou tradições populares; apelar para a curiosidade do leitor, explorando enigmas e mistérios; e preparar psicologicamente os pequenos leitores para enfrentar as dores e sofrimentos da vida;

**b) A literatura fantasista:** apresenta o mundo maravilhoso, criado pela imaginação, prevalecendo o lúdico, a ficção sobre a realidade;

**c) A literatura híbrida:** é a mais fecunda de todas, pois une o real ao imaginário ou à fantasia, inserindo-se na linha do realismo mágico, cujo espaço básico é cotidiano e, de repente, entra, naturalmente, o estranho, o mágico, o maravilhoso.

Cabe ainda registrar aqui o percurso histórico da literatura proferido por Cosson (2016), a partir de paradigmas. A literatura se ensina desde que começou a escrita. No paradigma gramatical, era definida como um conjunto de obras clássicas com o objetivo de auxiliar o ensino de língua materna; no paradigma histórico, a literatura era considerada como herança artístico-cultural associada ao ensino do cânone e períodos literários. Estes são do grupo tradicional.

Em Cosson (2016), vê-se que o grupo dos contemporâneos traz o paradigma analítico que surgiu nos anos 50 e teve seu auge nos anos 70. Preocupa-se com a leitura do texto, faz distinção entre linguagem comum e linguagem literária. Ainda hoje é muito presente nos livros didáticos e define literatura como qualquer texto de alta elaboração estética. Preocupa-se com a elaboração do texto e traz para a sala de aula questionamentos como quem é o autor/narrador/personagem principal e trabalha com textos curtos, tipo poemas líricos. O social surge em contraposição ao analítico, define literatura como espaço de representação de construção social, valoriza a literatura das minorias para resolver questões sociais, desenvolve a consciência crítica dos alunos e ao professor cabe promover debates.

Para o paradigma, a formação do leitor em literatura é fruição. Seus textos colocam o leitor em evidência, desenvolvem o hábito de leitura e partem daquilo que o aluno gosta. É predominante no Ensino Fundamental, nos anos 90. Cosson (2016) comenta sobre os paradigmas já citados para observar que eles são, de um modo geral, restritivos, porque atribuem adjetivos à literatura; são descontínuos, pois são fragmentados em cada período e grafocêntricos, restritos a livros; e alternam o foco, ora privilegiam o leitor, ora o texto.

Por fim, ainda dentro dos contemporâneos, o paradigma experiencial – considerado por ele o ideal, literatura como espaço de liberdade dentro da língua e da linguagem – objetiva a desenvolver a competência literária. Aqui não há fronteira entre escritor e leitor. Trata-se de experienciar a literatura. O texto passa a fazer parte do mundo do leitor que responder a ele, que vai ser produtor. O papel do professor aqui é construir comunidades leitoras para, junto com seus pares, gerar interpretação. Aqui, todas as práticas são possíveis: o ensino é sistematizado, ensina a experienciar; a metodologia é leitura como prática interpretativa. Ler literariamente é uma prática de interpretação, relação de vivência. Todas as práticas são possíveis. Quanto às escolhas dos textos, precisam ser significativos para aquela comunidade.

Hoje, ao optar pelo ensino de leitura literária, “não se trata de rejeitar o caminho percorrido, mas de ajustá-lo aos novos tempos [...] Trata-se por outro lado de reiterar premissas e pressupostos, para que se atinjam as metas desejadas, constando entre elas a melhoria das condições de ensino” (ZILBERMAN, 2008, p. 6), como a formação do leitor.

A constituição desta pesquisa trouxe, como linha de pesquisa, a Leitura e Ensino de Literatura com perspectiva teórica no Letramento Literário e Letramento Crítico. Norteou-se pela elaboração de uma diversidade de atividades de leitura/escrita e outras formas de expressão que conseguiram dar ao aluno condições para que buscasse nos textos literários toda a sua força humanizadora, capaz de transformar, de aprofundar, de transcender nosso diálogo com a sociedade.

Dessa forma, escolheu-se trabalhar com narrativas literárias curtas, com vistas a uma possibilidade de formação que ultrapassasse os muros da escola, que corroborasse/ratificasse/legitimasse o ensino em um movimento, em um lugar para a literatura na sala de aula, que “efetive um movimento contínuo de leitura” (COSSON, 2012, p. 47), o que possibilitou ao leitor constituir-se pelo seu envolvimento no mundo, que também é feito de palavras.

Dito isso, refletiu-se que o professor de língua portuguesa não pode abrir mão dessa materialidade para oferecer aos seus alunos um aprendizado que os leve a expressar os sentidos num processo de interação entre o leitor e o texto literário. Desse modo, consideraram-se as ponderações de Leite:

[...] o professor de Literatura não pode subscrever o preconceito do texto literário como monumento, posto na sala de aula apenas para reverência e admiração do ser humano. Bem diferente disso, é seu dever explorar ao máximo, com seus alunos, as potencialidades desse tipo de texto (LEITE *apud* COSSON, 2012, p. 29).

Assim, vê-se que esse tipo de texto se coloca como lócus de conhecimento, no sentido de que “a escola precisa ensinar o aluno a fazer essa exploração” (COSSON, 2012, p. 27). Nesse sentido, planejaram-se ações que demandavam leitura, pesquisa, aula campo, entrevista, palestra, encenação, reflexão e atuação dentro e fora do espaço escolar, empregando também a linguagem não-verbal e a história em quadrinhos. Em suma, buscou-se definir critérios para o ensino de língua portuguesa para que se conseguissem planejar adequadamente atividades com textos literários que possibilitassem chegar ao letramento literário, uma vez que, segundo Cosson (2012), é necessário sistematizar a abordagem do material literário em sala integrando três aspectos metodológicos:

**a) Técnica da oficina:** princípio de alternância, cada atividade de leitura corresponde a uma atividade de escrita ou registro. Base para atividades lúdicas ou associadas à criatividade verbal;

**b) Técnica do andaime:** dividir e, em alguns casos, transferir para o aluno a edificação

do conhecimento. Atividades ligadas à reconstrução do saber literário de maneira autônoma pelos alunos;

**c) Técnica do portfólio:** oferece ao professor e ao aluno a possibilidade de registro das atividades realizadas, o que permite uma visualização do crescimento alcançado, ao compararem-se os resultados da turma e dos alunos individualmente.

Nesse sentido, para conduzir o processo do letramento literário, selecionou-se um conjunto de narrativas literárias com o fim de construir/reconstruir o ato de ler para articular com autonomia as várias possibilidades de humanizar-se, conforme Candido: “a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação” porque ela “confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável” (1995, p. 177). Como destaca Abreu (2006),

[...] que se abra mão da tarefa de julgar e hierarquizar o conjunto dos textos empregando um único critério e se passe a compreender cada obra dentro do sistema de valores em que foi criada. Não se trata de se esquivar de qualquer forma de julgamento ou hierarquia, até porque os grupos culturais avaliam suas próprias produções e decidem que há algumas mais bem realizadas que outras. O que parece inadequado, entretanto, é avaliar todas as composições segundo os critérios pertinentes à criação erudita. Abandonando esta forma de agir, ficará claro que não há livros bons ou ruins (ABREU, 2006, p. 111).

Nesse aspecto, concebe-se que não há fronteiras para o texto literário, seja ele uma criação da cultura popular, de massa ou erudita. Foi interessante para este trabalho a pluralidade de vozes, o diálogo da produção literária, o que ela traduz, seja do cânone ou não. Não se limitou este trabalho a nenhum gênero e isso possibilitou um encontro com a realidade do aluno, que estabeleceu a partir dele um diálogo que descortinou uma visão mais crítica, mais consciente, e que permitiu trilhar caminhos mais conciliáveis.

## **2.1 Procedimentos metodológicos**

No primeiro momento, o projeto foi apresentado à gestão escolar e ao conselho deliberativo, o que é considerado como uma fase muito importante, uma vez que o projeto apresentou orçamento e contou com recursos oriundos da Secretaria Estadual de Educação. Entende-se que haverá sempre novas propostas a serem discutidas, acrescentadas, para, juntos, buscarmos as melhores formas de viabilizar sua execução, de forma a atender à realidade da escola, seus anseios e de seus pares.

Na sequência, o projeto foi apresentado aos pais. Acredita-se que eles constituem uma

das partes importantes para o seu desenvolvimento. Por isso, precisam conhecer o trajeto a ser percorrido para que, juntos, possamos estabelecer uma relação de confiança, harmonia e cooperação, para reforçar o espaço público escolar e, assim, eles possam acompanhar e contribuir com as atividades que serão desenvolvidas pelos seus filhos. Para tanto, buscou-se evidenciar, com toda transparência, a proposta de intervenção. Propôs-se a criação de um grupo de Whatsapp para acompanhamento de todo o processo de leitura e escrita e registro e comentários das leituras feitas.

No desenvolvimento das atividades da primeira etapa, a aula campo precisou ser adiada porque não havia, naquele momento, transporte para realizá-la. Porém, acrescentaram-se outras atividades, entre elas, um filme e a confecção de um painel de leituras para exposição na biblioteca.

Na qualificação do projeto, acatou-se a sugestão da banca e incluiu-se, neste trabalho, a linha teórica do Letramento Crítico, que deu mais sustentabilidade às atividades desenvolvidas para sustentar as atividades de reflexão sobre a constituição da identidade dos alunos. Acrescentou-se o referencial teórico de Bauman (2005), que afirma que a busca pela identidade tem, um pouco, o objetivo de discutir o sujeito “deslocado”, porque em todo lugar, e principalmente na escola, “há diferenças a serem atenuadas ou desculpadas, ou, pelo contrário, ressaltadas e tornadas mais claras” (BAUMAN, 2005, p. 26).

### CAPÍTULO III – Reflexão sobre os resultados – o caminho percorrido

*O homem como ser incompleto, inacabado e concluso que é, só inicia seu processo de plenificação, de acabamento e de auto conclusão de sua humanidade, no momento em que toma consciência de sua incompletude*  
(Paulo Freire)

A problematização inicial deste trabalho de leitura e escrita envolve questões de culpabilidade por parte dos professores, que afirmam que o aluno das séries iniciais do Ensino Fundamental lê (do 1º ao 5º ano) e os das séries finais do Ensino Fundamental não leem (6º ao 9º ano). De início, coube perguntar: lê o quê? Lê para que e para quem? O que não lê? Por que deixou de ler?

É certo que, de algum modo, esses alunos liam, mas não uma leitura que lhes significasse, que transcendesse a sala de aula. Assim posto, alguns aspectos são importantes para serem pensados, como postula Martins (1986):

Quando começamos a organizar os conhecimentos adquiridos, a partir das situações que a realidade impõe e da nossa atuação nela; quando começamos a estabelecer relações entre as experiências e a tentar resolver os problemas que se nos apresentam – aí então estamos procedendo leituras, as quais nos habilitam basicamente a ler tudo e qualquer coisa. Esse seria, digamos o lado otimista e prazeroso do aprendizado da leitura. Dá-nos a impressão de o mundo estar ao nosso alcance; não só podemos compreendê-lo, conviver com ele, mas até modificá-lo à medida que incorporamos experiências de leitura (MARTINS, 1986, p. 17).

Em virtude desse contexto, essa intervenção pedagógica propôs uma diversidade de atividades de leitura literária com o intuito de ir ao encontro dessa realidade. Optou-se por trabalhar em sala de aula com textos de literatura de língua portuguesa brasileira e africana (poesias e contos), complementados com leituras livres extraclasse.

À luz desses pressupostos, elaborou-se o projeto de intervenção e desenvolveram-se as atividades planejadas com os alunos do 8º Ano A da Escola Estadual “Profa. Ana Maria das Graças de Souza Noronha”, na cidade de Cáceres-MT, localizada em uma região afastada do centro da cidade. A turma é bastante heterogênea, composta por alunos de diferentes bairros circunvizinhos, inclusive da zona rural, de diferentes situações econômicas, com turmas possuindo, em média, 30 alunos matriculados, com cerca de sessenta por cento deles estudando juntos desde o primeiro ano escolar. Vale ressaltar aqui que, não muito diferente de outros diagnósticos, essa turma apresentava, segundo a maioria dos professores e a coordenação, muitos problemas de relações interpessoais que, em alguns momentos, ultrapassaram as

agressões verbais e chegaram às agressões físicas. Por isso, a primeira etapa do projeto teve a pretensão de conhecer um pouco da história de vida desses alunos, transformando-se, via de consequência, na mais extensa de todas.

Na sequência, apresentou-se o projeto aos pais, que constituíram parte fundamental para o seu desenvolvimento, conheceram o trajeto que foi percorrido e estabeleceram uma relação de confiança, harmonia e cooperação que reforçou o espaço público escolar e, assim, acompanharam e contribuíram com as atividades desenvolvidas pelos seus filhos. Evidencia-se aqui que a tecnologia foi uma grande aliada, uma vez que, em decorrência dela, surgiram as redes sociais que invadiram nossas casas, alteraram nossas relações com a vida moderna na corrida contra o tempo, estabeleceram uma nova relação social pedagógica com o espaço escolar, tendo contribuído de forma positiva na interação entre pais, alunos, professores e coordenação pedagógica, permitindo novos modos de se relacionar, através de uma interconexão com a mobilidade. Neste caso, aparelhos telefônicos celulares facilitaram o diálogo através de um grupo de Whats App, que possibilitou interagir em tempo real. Redes sociais são aqui definidas na sua forma mais simples como uma plataforma online que reúne pessoas em torno de um interesse em comum (RAMOS, 2011). A maioria dos responsáveis pelos alunos foi constituída por mulheres, que, muitas vezes, tinham dupla jornada de trabalho e estudo e não conseguiam acompanhar presencialmente a vida escolar de seus filhos, daí terem apoiado a ideia do grupo, através do qual agendavam-se os horários de chegada e saída das aulas extraclasse, tratavam-se das justificativas de ausências nas aulas e até da resolução de conflitos, proporcionando a todos mais segurança e tranquilidade e garantindo a efetiva participação no projeto.

Já na sala de aula, com os alunos, tomou-se, como metodologia inicial a roda de conversa, para a apresentação de sugestões de atividades previstas no projeto, bem como para colher sugestões de outras. Essa etapa foi de fundamental importância, uma vez que foi nela que aconteceu a conquista, que se criaram laços de afetividade, que muito contribuíram no desenvolvimento das atividades. Poucos falaram, mas se surpreenderam e acharam uma novidade a escolha da classe para o desenvolvimento do projeto, uma vez que carregavam o rótulo de “bagunceiros” e “indisciplinados” desde o quinto ano. Referiram, também, que, por esses motivos, nesse ano, alguns professores deixaram a turma e que a coordenação estava presente na sala todos os dias, monitorando seus comportamentos. Aflorou, então, a primeira dúvida: aquele diagnóstico prévio dos professores era verdadeiro ou ele fez com que a turma se sentisse rejeitada e desmotivada? Não rejeitaram o projeto, mas foi possível sentir que a maioria ficava sempre à espera daquilo que lhes era trazido pelos professores, buscando cumprir com

uma obrigação apenas. Nesse momento, percebeu-se que era preciso propor estratégias mais atrativas para conquistá-los.

---

Como previsto nessa fase de apresentação e contextualização, na aula seguinte, foi apresentado a eles o livro do Projeto “Cometa Redação”<sup>2</sup>, que reúne produções textuais de alunos que participam e apresentam bom desempenho naquele evento, exortando-os para a edição de obra semelhante para ilustrar a atividade final da nossa intervenção. Surpreendentemente, não sabiam da existência do projeto, nem do fato de que alguns alunos que até conheciam, pela convivência na escola, tiveram seus textos publicados ali, momento em que se percebeu, afinal, um certo brilho e admiração no olhar deles, demonstrando entusiasmo, servindo como incentivo para motivá-los com palavras de ânimo. Observou-se ainda que, mesmo sutilmente, sentiram que podiam passar de meros expectadores a protagonistas, que podiam ser a informação, como era-lhes proposto. Mesmo assim, houve a necessidade de estender essa fase da conquista e motivação, ao perceber que os alunos ainda demonstravam ser meros receptores de informações, que não se importavam com quem eram, e era preciso que se sentissem como parte importante do processo. Fazia-se necessário insistir em dar voz a eles. Embora não estivesse planejado, preparou-se, para a próxima aula, uma atividade a partir dos relatos do conselho de classe do primeiro bimestre. Foram retiradas de lá várias frases, que foram digitadas, impressas, recortadas e, em sala de aula, em círculo formado, entregues aleatoriamente para cada aluno, intencionalmente, em sua maioria, contendo aspectos positivos. Mediada a conversa, pediu-se que cada um fizesse a leitura e comentasse o perfil do aluno que julgavam estar por trás daquela descrição. Entre risos, conversas, brincadeiras e até alguns palavrões, descreveram alunos estudiosos, quietos, com dificuldades no processo de ensino, mas empenhados em entregarem suas atividades, que dependiam dos colegas e que brincavam durante as aulas para realizar suas atividades (nesse momento, algum aluno lá atrás complementou com a expressão: “burro!”). Nessa atividade, de um total de vinte e três alunos, somente quatro se recusaram a desenvolvê-la, pois notadamente já estavam mais familiarizados com a presença da pesquisa em sala de aula. Mesmo assim, sequer desconfiaram que aquelas frases se referiam a eles, ocasião em que se aproveitou do momento para comunicar-lhes que tudo que leram e falaram estava relacionado a eles próprios, que eram registros do conselho de classe. Mais uma vez, ficaram surpresos, porque povoava ainda seus imaginários um conceito

---

<sup>2</sup> Projeto Cometa Redação. Instituto Cometa Cáceres-MT. Produções textuais selecionadas nos 9º, 10º e 11º concursos Cometa redação. /Instituto Cometa Redação, MT: Ed. Unemat, 2015.

de negação relativo à turma. Assim, foi possível transcender, foi possível desestabilizar conceitos negativos pré-estabelecidos, que advêm de sua condição de constituição do sujeito que lê, sobre o qual o lido atua e que, com e pela leitura, constituem-se ou não. Ainda com foco no diagnóstico do aluno que não lê, acrescido do conceito preestabelecido de “alunos bagunceiros”, que gerou na turma um ambiente tenso, displicente, que impedia sua progressão, iniciou-se a primeira fase de atividade de ensino de leitura literária com foco no letramento literário.

Nessa perspectiva, Leffa (1999 *apud* COSSON, 2016) levou a refletir durante processo de escolha, antes da leitura, a pensar em um trabalho adequado à sala de aula, em como se processaria essa leitura que, num primeiro momento, está centrada no texto e é chamada de processo de antecipação, de julgamento, no qual o aluno julga o texto ou livro pelo título e pela capa ou pelas imagens, por exemplo. Assim, por acreditar na ressignificação do ensino de leitura do texto literário na escola, apresentam-se alternativas que propiciaram e possibilitaram aos alunos o contato direto com a literatura. Para tanto, foi feita uma visita à biblioteca, onde foi apresentada a atividade denominada “Um livro, um travesseiro, bons companheiros”, que foi desenvolvida extraclasse, paralela às atividades em sala. Foram solicitadas sugestões de outros nomes, mas, acostumados a serem sujeitos passivos, os alunos não opinaram e, assim, este nome permaneceu. Foi explicado que essa atividade de leitura literária era de livre escolha e que deveriam, baseados em seus critérios de escolha, apresentar oralmente o texto escolhido. Já na roda de conversa, cerca de oitenta por cento da turma explicitou que suas escolhas se deram em função do título, imagem da capa e espessura do livro. Assim que começaram a falar, instaurou-se um ambiente de muita conversa e descontração: uns riam, uns concordavam com as descrições feitas, outros não, e alguns atrapalhavam. Essa atividade teve pouca recusa por parte dos alunos para ser desenvolvida, embora eles tenham estranhado a liberdade de escolha e questionado o que fariam após a leitura do texto. Aqui, foi possível vê-los mais motivados, porque a ideia foi deixá-los explorar ao máximo aquele ambiente, sem nenhuma regra: manusear livros, escolher, devolver, procurar e admirar. O painel abaixo (Figura 2) foi confeccionado pela turma e sempre acompanhou as atividades de leitura na biblioteca e os piqueniques literários na praça do bairro, que fica paralela à escola.

Figura 2 – Painel confeccionado pelos alunos para atividade de leitura



Fonte: autora.

Para sistematizar o material de leitura literária, tomou-se como exemplo a terceira perspectiva metodológica proposta por Cosson (2016), que é a do portfólio. Para cumprir o princípio teórico metodológico da proposta, foi organizado um “Diário de Bordo”, que ofereceu “a possibilidade de registrar as diversas atividades realizadas em um curso, ao mesmo tempo em que permite a visualização do crescimento alcançado” (COSSON, 2016, p. 48) e ajudou a idealizar outras possibilidades de sistematização dessa prática. Na aula seguinte, os alunos receberam o “Diário de Bordo” para os registros do que aprenderam sobre a literatura e por meio dela. Vale ressaltar que todos os alunos levaram livros para leitura, porém, no decorrer de duas semanas, seis alunos ainda resistiam em iniciar sua prática. Após trinta dias, todos se reuniram para um piquenique e, assim, foi possível constatar a fluência da atividade de prática de leitura. Para motivá-los a prosseguir com essa atividade, a partir do “Diário de Bordo”, foi montado um painel com indicações de leitura para o público que frequentava a biblioteca e foi possível perceber os primeiros sinais de solidariedade entre os colegas que leram e escreveram seus textos em dupla (Figura 3). Para motivá-los, também foi produzido um texto indicativo de leitura, a partir da obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. Considerou-se essa atividade de leitura e produção em dupla muito significativa, porque foi possível perceber que aqueles que ainda resistiam em ler em casa, na sala de aula, encontraram um jeito de interagir com a leitura,

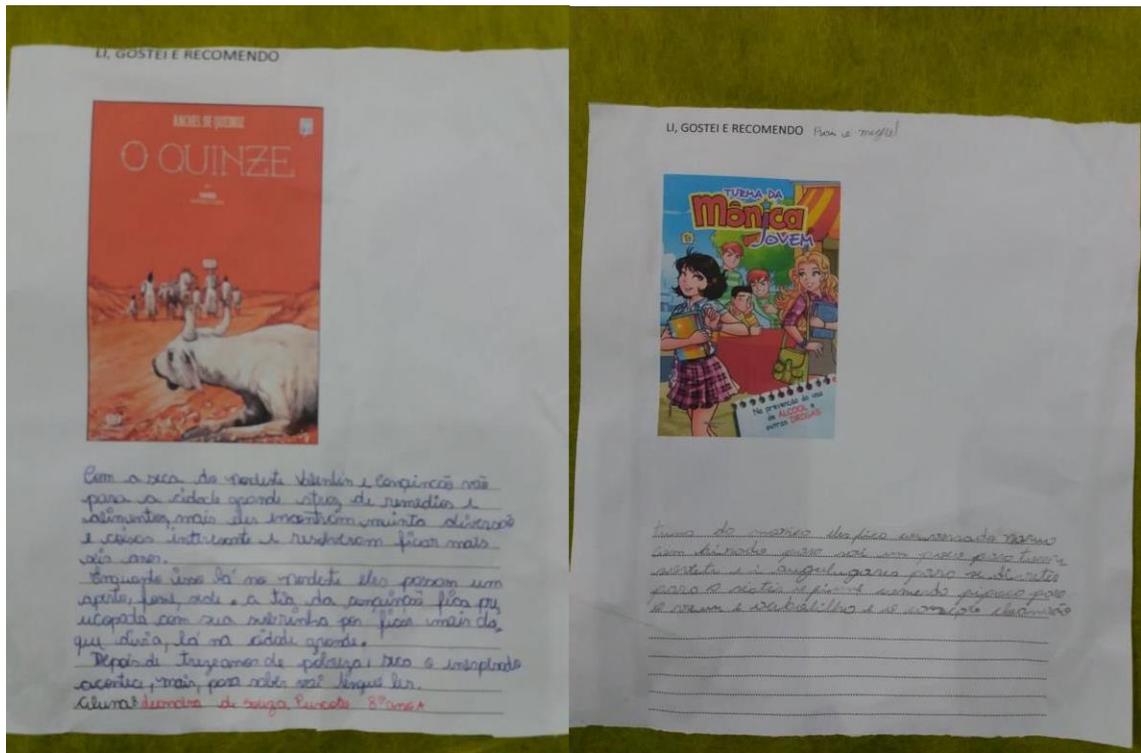
ouvindo o colega e anotando os fatos para compor o texto. Essa atividade perdurou por todo o período de execução do projeto, embora não tivesse sido planejada para tal. Nesse ínterim, houve duas aulas no laboratório de informática para pesquisar uma breve biografia dos autores lidos, entre eles: Rachel de Queiroz, William Shakspeare, Manuel de Barros, Ana Maria Machado, Domingos Pellegrini, Júlio Emílio Braz e, assim, foi possível conhecer outros títulos publicados por eles, conforme Figura 3 e 4.

Figura 3 – Pannel de sugestões de leituras confeccionado pelos alunos



Fonte: autora.

Figura 4 – Destaque de duas sugestões de leitura elaboradas pelos alunos



Fonte: autora.

Na composição desse quadro de leitura, é possível visualizar um conjunto de atividades de leitura literária e de escrita com controle muito moderado, que, na sua maioria, realiza-se pela espontaneidade, pelo gosto, pela autonomia na escolha de suas leituras, proporcionando um diálogo entre leitor e livro pautado na diversidade, que se configura com a leitura de clássicos brasileiros como *O Quinze*, clássicos universais como *Romeu e Julieta*, em contraponto com *best sellers*, como *Bom Dia, Princesa*, da série espanhola *Blue Jeans*, considerado como “literatura de massa”, e histórias em quadrinhos, da “Turma da Mônica Jovem”, afastando qualquer possibilidade de unificação da literatura, o que enriquece o repertório da leitura, afinal, não é um confronto, não caracteriza um paradoxo entre o que é melhor ou pior. Aqui, o exercício da leitura é uma ação pedagógica, que permite ao aluno estabelecer relações no seu imaginário, extrapolar as narrativas do texto, invadir o mundo interior do personagem e o seu, desencadeando emoções, prazer e reflexões que o identificam. No processo de construção do painel, os alunos sentiram-se bem à vontade com as atividades de riscar, recortar letras, colar e decorar, momento mais aberto ao estreitamento das relações interpessoais, por ser colaborativo. Para motivá-los ainda mais, foi apresentado o enredo do livro *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e foi elaborada a atividade de escrita para compor o painel, demonstrando que o professor também lê. Durante todo o percurso de leitura em sala ou

em piqueniques literários, foi oportunizado aos alunos presenciar atos de leitura da professora, uma vez que se crê que esse modelo de leitor estimula o gosto pela leitura. Ao lidar com a palavra “recomendo”, que compõe o título do painel, os alunos sentiram-se muito intimidados, não estavam seguros com o fato de indicarem leituras para a comunidade escolar. Então, aqui, a mediação do professor foi necessária, já que, normalmente, o aluno escreve para o professor e não tem a ideia de agente ativo da aprendizagem, fundamento das metodologias ativas, teorias que colocam o aluno na posição de protagonista. Aqui, essa abordagem caracteriza um dos fundamentos do letramento que “procura compreender a leitura e a escrita como práticas sociais complexas, desvendando sua diversidade, suas dimensões políticas e implicações ideológicas” (RIBEIRO, 2003, p. 12), caracterizando competências daquele que não só sabe ler, mas que faz uso das habilidades de escrita, que incluem saber selecionar informações sobre determinado assunto, organizar ideias e, ainda, pensar nas características do público leitor.

Configura-se também, com essa atividade, o aspecto metodológico da técnica da oficina, proposta por Cosson (2016), na qual cada atividade de leitura corresponde a uma atividade de escrita. Destacou-se ainda a importância do ambiente diferenciado da biblioteca, com mesas redondas e grandes, que comportam até seis cadeiras. Criou-se um ambiente acolhedor, prazeroso, capaz de promover o diálogo e a interação, o qual possibilitou novas parcerias com novos colegas de sala, ampliando os espaços e tempos de formação para além da sala de aula. As bibliotecas escolares são instrumentos de desenvolvimento do currículo que fomentam o ensino na escola, essencialmente o ensino de leitura literária, propiciando a formação do indivíduo em um processo permanente, estimulando a criatividade, o pensamento crítico e a capacidade de expressão, o que torna o indivíduo mais fraterno, mais livre para relacionar-se com o próximo. A biblioteca é, antes de tudo, ambiente de letramento, pois proporciona imersão, acesso ao livro.

Na sequência, com o objetivo de desmistificar um pouco mais essa difícil tarefa de ensino de leitura e escrita do texto literário, mais uma vez, foi preciso caminhar lado a lado com os alunos nessa atividade e, assim, aproximou-se cada vez mais dela da forma mais simples possível. Por entender que há processos de leitura que ainda precisam ser constituídos, encontra-se, na leitura em grupo, um aliado, uma vez que os alunos que ainda resistiam a ler individualmente passaram a ouvir o colega ler em sala e, a partir da audição, participavam das discussões, fato que lhes insere nela de forma indireta e, aos poucos, permite que eles dela também se apropriem, comungando com o que nos diz Rocha (1983, p. 4): “A leitura deveria ser posta na escola como educação artística, ela devia ser posta na escola como uma atividade e não como uma lição, como uma aula, como uma tarefa”. E, assim, em grupo maiores, em

dupla, individualmente e distribuídos na sala de forma aleatória, a leitura literária aconteceu. É claro que uns leram mais, outros menos, mas, de uma forma ou de outra, leram. Na sala, havia sempre vinte e três ou vinte e quatro alunos, dos quais cerca de cinco sempre pediam para sentar do lado de fora da sala para realizar a leitura e reclamavam que na sala não conseguiam ler, porque as conversas paralelas tiravam sua concentração. Entender esses diferentes gestos de leitura dos alunos foi essencial para seu envolvimento nessa atividade. Os textos propostos para esse momento de formação foram “A garça”, de Aclyse de Matos; “Assassino na torre da catedral” e “Metamorfose”, de Agnaldo Rodrigues; “Sonho Azul” e “Baía de Cáceres”, de Natalino Ferreira Mendes; e “Tuiuiú”, de Lucinda Nogueira Persona. Intencionalmente, os textos revisitavam na natureza, na realidade, os elementos que serviram de pano de fundo e sensibilizaram os poetas a expressarem seus sentimentos, além de permitir constatar, diante dos nossos olhos, que a escrita passa por essa transformação do real ao ficcional, passa por um posicionamento diante do objeto a ser relido. Para compor essa etapa, havia o planejamento de uma aula a campo na Secretaria Municipal de Indústria e Comércio, Meio Ambiente e Turismo de Cáceres-MT (doravante, SICMATUR), na Catedral e na Praça Barão, que não aconteceu nesse momento, porque havia uma demanda de recursos financeiros para custear nosso transporte, que a escola, juntamente com o Conselho Deliberativo da Comunidade Escolar, (doravante, CDCE), não dispunham no momento.

Entende-se que havia sido exposto aos alunos um grande volume de informações que permeiam espaços que os constituem. Essa aula foi fechada com uma roda de conversa, na qual os alunos demonstraram muita empolgação (até aqui, não se tinha conseguido deles uma participação voluntária), mostrando que compreenderam, através da leitura literária, que escritores de sua cidade estavam inscritos ali no texto, criando e recriando espaços que eles conheciam. Houve a impressão de que tudo ficou mais fácil, mais palpável.

Quanto ao poema “A garça”, o primeiro comentário foi: “Professora, esse texto parece um passarinho de pescoço e pernas compridas (risos)”. Relataram também sobre sua esperteza ao buscar alimento nos rios. Perceberam a estrutura diferenciada do poema, mas, perguntados sobre a tipologia dessa estrutura textual, não souberam responder. Ficou combinado que iam pesquisar sobre a estrutura composicional do texto, além de buscar conhecer a estrutura do conto e da poesia, sobre os quais se falaria na próxima aula.

Do poema “Tuiuiú”, comentaram várias passagens com a presença da ave, inclusive relataram a presença de um antigo morador às margens do Rio Paraguai, em Cáceres.

O grupo que ficou com os textos “Sonho Azul” e “Baía de Cáceres” teve considerações importantes e tomou o título do livro para interpretar a apreciação, a contemplação e a

observação daquilo que é belo comparado ao azul do céu. Alguém perguntou o que era “beijando as barrancas”. Logo os colegas responderam que eram as águas do Rio Paraguai batendo nas encostas do cais na Praça Barão, lugar considerado um dos mais lindos cartões postais da “Princesinha do Paraguai”.

Do grupo que leu o conto “Assassino na torre da catedral”, o que mais chamou a atenção em seus relatos foi a questão do medo: comentaram que jamais imaginaram um assassinato na torre da igreja, porque nas festas mais tradicionais da cidade, como o Festival Internacional de Pesca e Natal, ela estava sempre bonita, enfeitada. Aqui, fizeram uma reclamação em relação ao tamanho (extensão) do texto. Com isso, embora não soubessem classificar o gênero textual, foi possível perceber que visualizaram diferentes estruturas para os textos lidos, fatos que compõem os objetivos específicos deste trabalho, tais como: desenvolver atividades de leitura de poemas e de narrativas curtas e analisar e identificar aspectos formais de textos literários que já foram trabalhados nas aulas anteriores.

Ainda nessa primeira fase de ensino da leitura literária, com o objetivo de refletir sobre o papel social dela e conhecer um pouco da história de leitura e da história de vida de cada indivíduo, amparados por Orlandi na “[...] necessidade de se levar em conta as histórias de leitura do texto e as histórias de leitura do leitor” (ORLANDI, 2012a, p. 49), foi oportunizada, na aula seguinte, através de um piquenique literário na praça do bairro Cohab Nova, em um processo de mediação, a leitura dos textos literários, com a finalidade de se situarem no espaço, de olharem para os elementos que, de alguma forma, constituem-nos, uma vez que, inegavelmente, quem diariamente está dentro da sala de aula sabe que os conflitos que nela existem vão além do simples diagnóstico de que não sabem ler ou não leem. Nesses termos, foram lidos os poemas: “Identidade”, de Mia Couto; “Identidade”, de Pedro Bandeira; “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias; e “Recado a Gonçalves Dias”, de Dom Pedro Casaldáliga. No início, essa atividade de identidade tinha apenas caráter de diagnóstico, com a leitura, mediação, discussão e oportunidade de reflexão através da roda de conversa, em um mergulho um pouco mais profundo nesse universo da vivência dos textos, revivendo situações que permeavam suas vivências afetivas e psicológicas. Foi um certo remexer em seus baús e selecionar fatos que compõem suas vidas, tais como o saudosismo que têm da infância. As aulas tinham duração de duas horas e, como os textos eram menos extensos, foi possível uma breve roda de conversa. A maioria dos alunos do 8º ano A estudam na escola desde as séries iniciais e, ao olharem para o espaço onde se encontravam naquele momento, relataram que, quando ainda muito pequenos, quando seus pais ainda seguravam suas mãos para virem à escola, havia, na praça, muitas flores, muitas plantações, que hoje estão destruídas, que estão mal cuidadas, e que se deve amar mais

a natureza, como dizem os textos. Um aluno lembrou que também no espaço da escola havia um enorme jardim, que lá colhiam flores para presentear a professora e a mãe, mas que a diretora brigava com eles. Nesse aspecto, considera-se o aluno um leitor em processo, de modo que "... o conhecimento do mundo é aguçado pela organização do pensamento lógico" (COENGA, 2010, p. 21).

Essa primeira fase tornou-se uma das atividades mais importantes da intervenção proposta. Nela, houve uma demanda de atividades que não estavam planejadas, mas que ajudaram a compor o principal objetivo: a leitura do texto literário. À medida em que a maioria dos alunos ainda demonstrava baixa autoestima e desinteresse em realizar as atividades, muitas vezes motivados pelos episódios de agressão verbal em sala, que culminavam em violência física fora dela e das queixas da maioria dos professores sobre o comportamento da turma em geral, que sempre terminava com a intervenção da coordenação pedagógica, foi preciso criar novas atividades, para manter seu interesse. Perceber isso tornou possível repensar e criar algumas outras estratégias, principalmente aquelas em que os alunos eram retirados da sala de aula, quando suas relações se tornavam mais fraternas, o que os colocava em condições mais livres, mais confortáveis. Assim, aos poucos, foram deixando os enfrentamentos de lado, tornando-se mais tolerantes, proporcionando ao ambiente relações mais amigáveis, sendo que um motivava o outro a envolver-se mais nas atividades de leitura. Alves (2004) afirma: "[...] sempre se repete de que os adolescentes não gostam da leitura. Sei que, como regra, não gostam de ler. O que não é a mesma coisa que não gostar de leitura". Percebe-se, aqui, que o problema não era o fato de não gostarem de ler. Os alunos não se envolviam nas atividades de leitura porque era difícil a relação professor-aluno. Tão logo resolvido isso e os objetivos esclarecidos, o envolvimento foi satisfatório. Como já foi narrado, haviam ainda alguns alunos que resistiam à leitura, no entanto, gostavam de ouvir a leitura do colega, fato que os levava a uma participação oral nas rodas de conversa. Os alunos 19 e 23 constituíram esse modelo, porém, com persistência, iniciaram, mesmo que timidamente, suas leituras e participaram da atividade escrita que compõe o mural sugestivo de leitura da biblioteca (Figura 3).

As poesias lidas constituíram-se como a voz que os desorganiza, mas que dá sentido. O aluno assume um lugar de descoberta e uma particular travessia desde sua infância e adolescência. Tratava-se dos primeiros sinais de reconhecimento de uma identidade, uma chance de o aluno se encontrar em um lugar, em uma condição que ele mesmo ainda não havia percebido: há uma porta que ele acabou de abrir, que identifica-se como a passagem da infância para a pré-adolescência e adolescência, que os mobilizou e fez reconsiderar quem eram ou quem

são e exercitar o autoconhecimento ao repensarem quem é o aluno, o filho ou o amigo, em uma tentativa de reestruturação e de ressignificação.

Dessa visão, descortinou-se, com as discussões dos textos, um profícuo diálogo em que os versos “Preciso ser um outro//Para ser eu mesmo//Sou pólen sem insecto//Existo onde me desconheço//”, de Mia Couto; e “Às vezes nem eu mesmo sei quem eu sou//Para mim tem vezes que eu sou rei//Às vezes sou pulga//às vezes eu sou Hércules”, de Pedro Bandeira representaram, no primeiro momento, uma relação desarmônica, que trouxe um repensar sobre a liberdade de ser quem quiser e, ao mesmo tempo, de não ser ninguém. Ser alguém importa muito a uns e a outros nem tanto. Alguns buscam saber que aquilo que pensam que são pode não ser verdade, que as vezes são frágeis ou fingem ser, mas podem também ser forte ou apenas fingir ser. Aqui, vale lembrar que essa identidade que foi buscada passa pelo julgamento do outro, daí a necessidade de refletir sobre o ponto de vista da individualidade do ser que fala e do ser que ouve, desvelando o questionamento: quem sou eu?

E o poema prossegue: “Existo onde me desconheço”. Essa ambiguidade da existência, a luta de ser ou não ser, reconfigura uma tentativa de análise dos erros ou acertos, que tornou possível transitar pela busca por uma identidade que pressupõe diferenças entre as pessoas, sejam elas físicas, psicológicas ou intelectuais, que denotam uma singularidade em seus comportamentos. Coube aqui trazer para o debate o preconceito da identificação dos alunos como “bagunceiros”, preestabelecido na escola, termo que caracteriza desordem, confusão, e que precisa ser repensado a partir do debate sobre a identidade de cada um. Sob o ponto de vista de Duboc (2016, p .61), “consiste em um exercício de “ler, se lendo”, que se transformou em uma oportunidade compromissada para compreender que os conflitos em sala de aula perpassam por um olhar ético, desvelando apagamentos.

O homem, enquanto ser social, constrói julgamentos, mas estes devem ser relativizados, pois passam pela identificação das razões pelas quais a constituição do outro difere do seu eu. Em termos práticos, o que vale é que essa atividade de ensino de literatura oportunizou aos alunos condições para que buscassem, nas entrelinhas dos textos e na sua realidade, toda a sua força humanizadora, com possibilidade de constituição de um sujeito melhor, mais sensível, que, por sua vez, já não é mais como antes, porque fortaleceu o seu convívio com o outro, modificou seu olhar sobre si e sobre o outro, melhorando suas relações sociais com os colegas, com a escola, com o irmão e com sua família. A partir da poesia de Gonçalves Dias e Casaldáliga, discutiu-se sobre uma identidade que reafirma um lugar onde se deseja estar, que transcende o espaço e o tempo, que liberta. É a busca por um lugar que o representa, que o constitui, seja ele sua escola, sua casa, uma praça, uma igreja ou a natureza.

Sem fugir do foco de ensino de leitura literária e com vistas a desenvolver práticas de ensino capazes de possibilitar a melhoria das relações interpessoais, sem as quais não seria possível avançar, em decorrência de um ambiente ainda pouco harmônico que ainda afetava as relações pessoais, e pelo fato de haver percebido que as aulas fora do ambiente da sala de aula proporcionaram aos alunos relações mais fraternas, mais livres, pensa-se que as tecnologias, tão presentes na vida deles, são também um modificador para o ensino de leitura literária no âmbito escolar. Sendo assim, propôs-se a leitura audiovisual do filme francês: “Entre os muros da escola” (*Entre les murs*, 2007), vencedor do prêmio Palma de Ouro no Festival de Cannes em 2008, dirigido por Laurent Cantet. Essa atividade fílmica não estava proposta no projeto, mas serviu também como instrumento de reflexão para dialogar com os temas já apresentados nas leituras literárias anteriores e ajudou a compor a discussão na busca da identidade de seres humanos mais tolerantes. Como afirma Alencar:

O cinema possibilita o encontro entre pessoas, amplia o mundo de cada um, mostra na tela o que é familiar e o que é desconhecido e estimula o aprender. Penso que o cinema aguça a percepção e torna mais ágil o raciocínio na medida em que, para entendermos o conteúdo de um filme, precisamos concatenar todos os recursos da linguagem fílmica utilizados no desenrolar do espetáculo e que evoluem com rapidez (ALENCAR, 2007, p. 137).

Nessa escola, o ambiente de cinema funciona na biblioteca, com alunos sentados no chão comendo pipoca, tomando refrigerante, conversa ao pé do ouvido e ambiente descontraído. Na aula seguinte, formou-se uma roda de conversa a partir da qual muitos alunos identificaram aquela sala de aula do filme como sendo a deles. Muitos se projetaram na narrativa fílmica e viram também alguns colegas ali constituídos, principalmente pela falta de respeito entre professor e aluno e pelo desinteresse pelas aulas. Uma aluna relatou que ficou com vergonha ao se identificar no filme com os alunos que jogavam papéis nos colegas em sala de aula. Outros disseram: “Aquela sala de aula somos nós professora!”; “mas professora, por que vocês não nos deixam quietos no nosso canto quando não queremos fazer nada na sala de aula?”, “Aquele professor é muito chato”. Poucos alunos falaram, mas foi possível observar que o silêncio dizia muito. O filme desestabilizou. O efeito de reflexão foi imediato. O debate foi capaz de desconstruir a imagem de professor durão, chato, e de alunos que, segundo eles, “só não querem estudar”. Diante da complexidade que é romper com um comportamento, permitir outras formas de constituição do sujeito, a articulação entre tecnologia e educação possibilitou reconstruir práticas que levaram ao letramento a experiência de visualizar e interpretar, construindo sentidos. Nas aulas seguintes, os alunos se aproximaram uns dos outros em um gesto que acata

as diferenças, sem negligenciar o direito do outro. Outra relação apresentada no filme que foi interessante foi a ilustração do professor abordado no filme, que trouxe, para a discussão, a necessidade do estreitamento dessa relação, que se estabelece em uma hierarquia de diferentes posições sociais, na qual os discursos permitidos para um não são para outros, o que significa duas posições: sujeito professor, que exerce um papel de autoridade que coloca diferentes enunciados em movimento, os quais não devem ser entendidos como uma relação de força e poder; e sujeito aluno, que, diante da hierarquia de uma organização burocrática de ensino escolar, assume um papel passivo, de receptor de conteúdos, uma posição subalterna, por ter que cumprir com normas institucionais, embora isso não signifique que suas relações precisam ser conflituosas. Nesse contexto, o professor pode propor aos alunos um contrato de trabalho que estabeleça, nessa relação, distintos papéis sociais que venham a produzir, além de conhecimento, relações afetivas que contribuam com a interação desses dois agentes na educação.

Feito isso, a próxima atividade considerou o aspecto metodológico “técnica de oficina” (COSSON, 2012, p. 47), através do princípio de alternância, no qual cada atividade de leitura corresponde a uma atividade de escrita. Nesse sentido, os alunos ficaram livres para escolher o gênero textual e produzirem seus textos, (poema autobiográfico, narrativa linear, conto, etc.) a partir das reflexões propiciadas pela leitura de textos literários – poemas, contos e leitura fílmica.

Ao produzirem seus textos, alguns alunos perguntaram se podiam desenhar e ilustrá-los como alguns que lhes foram assim apresentados, bem como viram na pesquisa biográfica de alguns autores dos textos lidos, que conjugavam texto e imagem. Julgou-se essa ideia como pertinente e deixou-se a critério de cada aluno escolher entre uma imagem ou uma foto autobiográfica. O resultado foi que nenhum aluno usou sua fotografia para compor o texto, embora saiba-se que a maioria adora tirar fotografias nos eventos da escola para postar nas redes sociais. A aluna N. K. C. desenhou a imagem que compõe sua identidade, os outros escolheram uma imagem da internet. Desse entendimento, visualizamos aqui a segunda perspectiva metodológica “técnica do andaime” proposta por Cosson, (2016) na qual o aluno desenvolve de maneira autônoma sua atividade. Destacam-se aqui as produções dos alunos que demonstram uma reflexão sobre os textos literários lidos, caracterizando um olhar carinhoso pelo seu eu, apontando inclusive defeitos, suas relações afetivas com a sua constituição física e psicológica, sua constituição enquanto sujeito-leitor do texto literário, inclusive atravessado por outras produções, como a cinematográfica por exemplo, tornando possível perceber um modificador para o ensino de literatura no âmbito escolar, com vistas a desenvolver práticas de ensino que

não se restringem tão apenas à habilidade de ler e escrever, mas que ultrapassam os muros da escola e contribuem para a efetiva formação leitora, crítica e social.



### IDENTIDADE

Me chamo A. P., tenho 14 anos, meu cabelo é castanho escuro, sou uma menina legal e gosto de passar o dia com a família, tenho amigos divertidos e gosto de sair com eles.

Gosto de dormir à tarde, tenho olhos escuros, gosto de viajar com a família para lugares novos.

Tenho uma família legal que amo muito, estudo em uma escola legal onde tenho amigos divertidos, os professores são legais, às vezes são meio chatos.

Sou feliz por ter a vida, gosto muito de tudo (A. P.).



### IDENTIDADE

Meu nome é C.V, sou uma pessoa muito brincalhona, gosto de comer bastante, gosto de sempre estar com os meus amigos toda tarde, sempre com um bom tereré (C. V.).



## IDENTIDADE

Sou A.S.S., tenho 13 anos, nasci em Cáceres no dia 7/8/2004 e ainda moro aqui, gosto do som de violão, viola e baixo, mas quero mudar para outros lugares.

Meus parentes moram em São Paulo, Sergipe e Cuiabá.

Meu cabelo é preto, meus olhos são castanhos, minha mãe nasceu em Cáceres e meu pai em São Paulo, o nome da minha mãe é L. e do meu pai, A. Minha mãe é sergipana e meu pai é baiano, sou mato-grossense com muito orgulho (A. S. S.)

Nos pequenos textos narrativos acima, as alunas, A.P., C. V. e A.S.S. apresentam traços marcantes dos textos lidos, ao demonstrarem suas características físicas, suas preferências, seus gostos e suas estreitas relações com a família, escola e amigos. No fragmento “os professores são legais, às vezes são meio chatos”, vemos uma dualidade de significados que marca a relação conflituosa vivida com alguns professores que, segundo a turma, chegaram a abandonar a sala de aula, fato que é considerado como fonte de uma sensação de abandono nos alunos, que desencadeia um comportamento rebelde.



## IDENTIDADE

O meu nome é A., mas pode me chamar de A., porque esse é o meu nome. Tenho os olhos castanhos como castanha, os cabelos pretos e quando fico triste, choro. Se eu fosse um animal, seria pássaro. Se eu fosse uma flor, seria girassol, mas sou apenas uma pessoa chamada

A. que sonha com o futuro. Nasci em um dia em que eu saí da barriga. Gosto de ouvir o som sertanejo e funk, de cheirar perfume e sentir felicidade. Contam-me que, quando leio em

voz alta, sinto como estivesse diante do poema. Às vezes, fecho os olhos e peço alegria e desejo que o mundo melhore (A. R. M.).



## IDENTIDADE

O meu nome é P. E. mas podem me chamar de P., tenho os olhos castanhos como jaboticaba, cabelos pretos e quando fico triste, eu choro. Se eu fosse um animal, seria cachorro, se eu fosse uma coisa, seria *Velozes e Furiosos*, se eu fosse uma flor, seria uma rosa, mas sou apenas um garoto, que sonha com os filmes. Nasci em um dia em que estava frio. Gosto de ouvir o som do piano, de cheirar flor e sentir a flor. Quando era (mais) menor, pensava que os bichos de pelúcia falavam. Contam-me que eu pegava os doces do meu avô. Os meus poemas preferidos são os que falam de aventura, porque são mais animados e, quando eu os leio em voz alta, sinto que estou em um teatro, às vezes, fecho os olhos (P. E. S. S.).

Diante da liberdade da escrita, observa-se que os alunos A. R. M. e P. E. S. S. optaram por parafrasear a atividade “autorretrato” (Anexo 2), que foi realizada no momento das discussões dos textos de leitura literária, em busca de uma reflexão e de uma identidade que lhes significasse. Há, nos textos, uma repetição, uma ênfase na reafirmação do nome dos alunos, aspecto que chama a atenção porque, entendido no contexto de uma sala de aula que apresenta fragilidades nas relações interpessoais, parecem reforçar a ideia de que não gostam de serem nomeados por outro termo que não seja o seu próprio nome, tornando implícito que impõem limites como forma de proteção contra apelidos, por exemplo, que, nas rodas de conversa, sempre aparecem como motivadores de conflitos.



## IDENTIDADE

O meu nome é C., mas pode chamar-me de C. porque todos me chamam assim.

Tenho os olhos castanho-escuros, como terra molhada, os cabelos pretos e ,quando fico triste, eu choro muito, porque sou muito chorona.

Se eu fosse um animal, seria gato.

Se eu fosse uma coisa, seria beija-flor. Se eu fosse uma flor, seria rosa branca, mas sou apenas um ser humano, chamada mulher das rosas, que sonha em ser enfermeira.

Nasci em um dia em que estava chovendo. Gosto de ouvir o som do vento e do silêncio, de cheirar flores e folhas de limão e de sentir o carinho de todas as pessoas. Quando eu era menor, pensava que não seria capaz de ser quem eu sou. Contam-me que eu fazia muita bagunça.

Os meus poemas preferidos são os que falam de amor e romance, porque vivo de amor e, quando eu leio em voz alta, sinto felicidade por fazer o que eu amo.

As vezes fecho os olhos e peço conde e desejo comer<sup>3</sup> (C.M.).

As impressões deixadas na escrita de C. M. apresentam uma junção da estrutura dos textos narrativos e dos poemas lidos, juntamente com a paráfrase da atividade “autorretrato”, que marca sua liberdade na escrita. Em um primeiro momento, a aluna estrutura seu texto em forma de poesia e, em seguida, produz uma estrutura com sequência narrativa. Em um exercício de autoconhecimento, declara-se como leitora apaixonada por poemas e resgata da “Canção do Exílio” essa identidade com a natureza que a rodeia.

---

<sup>3</sup> Texto do aluno C. M. Transcrição conforme o original.



### IDENTIDADE

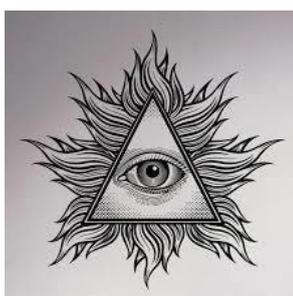
Eu sou uma pessoa um pouco louca, gosto de internet e de assistir a netflix, youtube, néck e ficar sozinho. Um dia ou outro, fazer uma rodinha de tereré com os amigos.

Eu gosto de ciências e tecnologia, acho que, para falar de um assunto, tem que apresentá-lo de uma forma que atrai, por exemplo, é melhor passar horas no youtube assistindo ao “nostalgia”, a história, que passar uma hora na sala de aula com uma aula de história.

Quando você gosta do tema que se é apresentado, você presta mais atenção e, conseqüentemente, você aprende mais quando você gosta (E. G. M.).

Nessa pequena narrativa, E. G. M. demonstra apropriação dos textos lidos e discutidos ao se identificar com uma retomada consciente de quem gosta da sua individualidade, demonstra afinidades, auto define-se pelo gosto por tecnologia, autorretrato que se completa com a imagem de um executivo que acompanha sua escrita e o correlaciona com a imagem de um sujeito moderno, antenado. De forma indireta, denuncia a falta de motivação ao tratar de

determinados assuntos em sala de aula, reflexão que, no contexto das discussões, entende-se que motivam o pouco interesse pelas aulas e causam salas bagunceiras. Reflete, inclusive, sobre sua intolerância em “passar uma hora na sala de aula com uma aula de história”, demarcando que, afetado pelo mundo digital, considera indispensável à sua formação aulas motivadoras.



### IDENTIDADE

Meu nome é G. e esta é a minha identidade, tenho 13 anos e muitas amizades, às vezes

sou meio tímida, às vezes sou brava, às vezes sinto raiva do nada. Sou bastante carinhosa, mas às vezes não quero ninguém perto de mim, chego a ser insuportável, às vezes tenho toda a paciência necessária, sou até bem-educada!

Gosto de ler, gosto de comer e de ouvir música, amo poesia de romance, gosto muito da maioria dos meus professores. Tenho vários sentimentos, sou de vários jeitos, mas sou bem feliz assim (G. S. C.).



#### IDENTIDADE

Meu Nome é K.

Eu gosto muito de sair e passar os melhores momentos da vida com meus amigos e com minha família.

Falando um pouco mais sobre mim: Tenho cabelos enrolados como caracóis,

Meus olhos são escuros como a noite e brilham como o dia.

Gosto de sair, mas para mim nada se compara a ficar sozinha no meu quarto escutando música, sou apaixonada por poesias acústicas, pop e rap, isso sim é gênero musical.

Bom, às vezes também gosto de sentar e refletir um pouco sobre a vida, o futuro e até mesmo o presente (K. G.).



#### IDENTIDADE

Sou tímida... também

Sou escandalosa, falo baixo

Mas também grito, mais grito do que falo, Gosto, mas também desgosto Não sou

perfeita, mas não sou imperfeita

Deus já trouxe muita coisa boa, Mas também já levou. Tenho muitos amigos e poucos inimigos.

Às vezes tenho vontade de fazer algo, Luto pelo que quero E às vezes estou igual a um velho chinelo, Sem valor algum Gosto do dia mas ... Prefiro o luar

Pois o silêncio da noite é o que me faz chorar, pois fico só pensando... Em tudo e me pergunto:

O que será de mim no futuro? (L. S.).



## IDENTIDADE

Falando Sobre mim: Prazer, meu nome é R. B. e hoje vou falar um pouco sobre mim, Bom, não tenho muito o que falar mas vou começar falando das coisas básicas.

Tenho 14 anos, meus cabelos são escuros como a noite. Meus olhos são castanhos cor de mel. Gosto de sair bastante, assim como adoro fazer amizades novas.

Sou bem magrinha e isso me incomoda bastante.

Gosto muito de sertanejo, funk e amo forró e lambadão. Eu gosto muito de dançar, comer e dormir.

Amo muito minha família, principalmente minha mãe, porque é nela que eu confio e sim, é ela que vai estar do meu lado quando eu mais precisar.

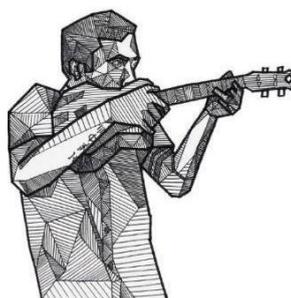
Bom, eu não venho muito na escola porque sou muito preguiçosa, mas amo muito as colegas da minha escola. Bom, é isso (R. B.)



### IDENTIDADE

Eu sou morena como *a moreninha*, tenho 1,45 cm de altura, os olhos pretos como um gato no escuro, tenho os cabelos pretos como a pena da pomba. Se eu fosse uma coisa, seria um batom, se eu fosse uma flor, seria um girassol como o sol, mas sou apenas uma menina chamada S., de 13 anos e que pensa alto e às vezes pede paz, felicidade e amor. Gosto de poemas que falam de amor por gostar de ler em voz alta, porque me sinto bem e porque são lindos (S. C. S. S.).

Na singularidade de sua escrita, as alunas G. S. C., K. G., L. S., R. B. e C. S. S. resgatam a dualidade, o contraditório e até mesmo a dúvida, que remete, entre outros, aos textos “Identidade” de Mia Couto e de Pedro Bandeira, que denotam serem resgatados em “sou de vários jeitos”. Entre os seus gostos, aparece a leitura, a preferência por poemas, por poesia romântica, fato que leva ao entendimento de que as alunas compreenderam os objetivos da intervenção e destacam sua boa relação com a família e com alguns professores, os quais sempre permeavam as discussões.



### IDENTIDADE

Moro em Cáceres. Meu nome é H. N. S., tenho 13 anos de idade, gosto muito daqui, a minha família mora aqui e eu prefiro ir para outra escola, se eu pudesse eu ia para outra cidade.

#outracidade #outraescola (H. N. S.).



### SOU FELIZ

Sou um menino brincalhão e sou feliz, então às vezes eu ainda imagino que ainda tenho amigos.

Sou feliz de ter família perto de mim para fazer companhia. Às vezes eu falo demais e quase não consigo parar.

Me considero inteligente, às vezes me chamam de nerd mais eu não me importo e podem me chamar de qualquer coisa, inclusive de (super herói), realmente eu gosto de salvar pessoas, e pode me chamar de qualquer coisa que eu não me importo, sou feliz onde moro e permanecerei até morrer (H. S. O.).

H. N. S. Relativiza, em seu texto, uma condição de insatisfação com sua escola, com seu meio social, faz campanha “#outracidade, #outraescola, retomando o saudosismo da “Canção do exílio”, em uma demonstração de desavença, que faz com que ele não se sinta confortável nesses ambientes, mas se vê agregado a eles por laços familiares. Ao desenvolver o papel de mediador, entende-se, nesse contexto, uma forte necessidade de reconstrução, demonstrada pela insatisfação de um sujeito enrijecido, que busca sua auto afirmação em outros ambientes. Nessa mesma perspectiva, H. S. O. considera-se feliz por ter família, mas questiona, de forma indireta, se ainda tem amigos e, mesmo que de forma inversa, rompe com a passividade e reafirma que não se importa com os apelidos que lhe colocam, demarcando um território de prática de *bullying*, que, nesse caso, não abala o indivíduo, mas que precisa ser combatido.



## IDENTIDADE

Meu nome: J., mas me chamam de J., tenho 13 anos, os olhos pretos, cabelo bem curto e cor castanho claro.

Se eu fosse um animal, queria ser uma cobra  
Se eu fosse uma coisa, queria ser um celular  
Se eu fosse uma flor, seria uma rosa,

Mas sou apenas uma garota chamada J. Que sonha com um futuro melhor.

Nasci em um dia que estava chovendo, Quando fico triste, eu choro muito.

Gosto de cheirar uma linda flor e sentir o vento no meu rosto. Quando eu era menor pensava que o mundo era só maravilhas. Contam-me que eu fazia muita bagunça

Os meus poemas preferidos são os que falam de romance, Gosto quando eu leio em voz alta, sinto até falta de ar.

As vezes fecho os olhos e peço saúde, Desejo que o mundo seja melhor (J. T. C.).



## IDENTIDADE

Os Cabelos são de mel e quando fico triste, choro

Se eu fosse um animal, seria como um urso forte e fofinho  
Se fosse uma coisa, seria uma bicicleta veloz e furiosa  
Mas sou apenas um sonhador chamado solidão, paixão  
Que sonha com um futuro brilhante

E quando leio em voz alta, sinto que alimento a minha alma  
Às vezes, fecho os olhos e peço paz no mundo

Desejo que seja feliz hoje e sempre (W. H. B.)

Nos poemas da atividade “autorretrato”, J. T. C. e W. H. B. articulam texto e imagem, que compõem uma identidade de sonhos, e fazem uma descrição física e psicológica cheia de encantamentos, influenciados pela leitura dos poemas “Identidade” de Pedro Bandeira e de Mia Couto, bem como pela “Canção do Exílio”, de modo que afloram suas sensibilidades para descrever suas preferências e gostos. Aparece também, nas constituições dos sujeitos, o mundo exterior, sendo que, de forma indireta, afirmam que nossa sociedade não vai bem e preocupam-se com sua melhoria, desconstrução também encontrada na poesia de Dom Pedro Casaldáliga.



IDENTIDADE

Eu me chamo K. F., tenho 13 anos e gosto de brincar de verdade ou desafio. Minha mãe se chama M. E. e meu pai H.

Tenho 3 irmãos e 4 irmãs, todos filhos do meu pai, a minha mãe só tem três filhos, Tenho um cachorro que se chama Chena, gosto muito de ter amigos e,

Tenho muito orgulho de ter a família que tenho (K. F. S. C.).

O pequeno poema, articulado com a imagem da Mulher Maravilha, ajuda a compor toda a força feminina de K. F. S. C., que se orgulha da grande família que tem. Sua produção demonstra seu crescimento a partir das atividades desenvolvidas na intervenção, inclusive a do autorretrato, com a qual fez analogia com essa produção.



IDENTIDADE

Tenho os cabelos crespos e um metro e cinquenta e três centímetros, gosto de ouvir música eletrônica, gosto de comer doce e de sentir a brisa no meu rosto, tenho dificuldade na leitura e, quando era pequena, pensava que nunca ia ter uma amiga, gosto de chupar picolé e gosto de andar a cavalo com as minhas amigas e de cheirar as flores, se eu fosse um animal, seria um pato (K. C.).

Para a pesquisadora, que vivenciou o silêncio da aluna K. C. em sala de aula, vê-la refletindo sobre sua condição de leitora é muito significativo, uma vez que descobriu-se, no percurso da intervenção, que a aluna não sabia ler. Diante dessa condição, é necessário reinventar-se como pedagogo para dar conta de iniciar esse processo de alfabetização, que só foi possível com a ajuda da amiga K. F. S. C., condição registrada no texto na passagem: “... pensava que nunca ia ter uma amiga ...”, reconhecendo, assim, sua relação com a amiga concreta, real. Toma-se este como um momento ímpar na condição de mediador desse processo, que reflete a condição humanizadora da literatura, citada por Cândido. O texto da aluna fala muito mais que as breves palavras ali registradas, pois, ao narrar uma breve descrição física e assumir sua identidade com “cabelos crespos”, K. C. demonstra coragem, enfrenta sua condição de mulher negra e qualquer julgamento, brincadeira ou preconceito que possa descaracterizá-la não será aceito. Retoma o contexto dos textos literários lidos quando fala das flores e dos animais e não se esconde ao falar dos seus gostos, dos seus desejos. Nesse percurso, as atividades orais foram muito significativas para K. C. que era muito calada, portanto, ouvia muito mais que qualquer outro aluno e isso lhe oportunizou todas essas reflexões. Vale ainda registrar aqui que somente no conselho de classe os outros professores ficaram sabendo que a aluna não sabia ler. Ficaram muito assustados e, inclusive, disseram que iriam fazer testes de leitura com ela, uma vez que ela entregava o caderno com algumas atividades copiadas e resolvidas. Sabe-se que essa condição só era possível a partir da sua interação com a amiga, que respondia as atividades e ela copiava.



IDENTIDADE

...Falar sobre mim é fácil. Eu sou a menina de sorriso fácil, a garota que por tudo chora, a menina que tem todos os sonhos possíveis dentro de si, a menina que ama ouvir um “Eu te amo”, seja de amigos ou familiares, a menina que adora viver uma aventura. Sabe aquela menina que não cala a boca? Que tem a risada mais escandalosa? Prazer, sou eu. Eu odeio transparecer aquilo que sou por dentro, mesmo nos dias em que está tudo confuso dentro de mim, eu sorrio e apenas sigo em frente, esperando a chuva passar e o sol voltar a brilhar. Eu sou muito nervosa, muito tímida, muito sonhadora, muito amiga, muito apaixonada, muito louca, tem dias que eu estou assim: “Eu não sei se estou muito bem, não sei se estou triste, tá tudo tão...Affs! Sla”.<sup>4</sup>

Eu sou chata, teimosa, dramática, chorona, carente, ciumenta, complicada, marrenta, difícil, Mas pensa num coração bom. Uma frase que eu mais falo “TÔ COM FOME”, “TÔ COM SONO”, “AFFS”, “QUE PREGUIÇA VEI”, “MÓ SONO” (K. G. B. N.).



IDENTIDADE

Meu nome é M. e tenho 13 anos, meu apelido é Mimi, os meus amigos me chamam assim, gosto muito de estudar, de ler, de escrever e também de conversar com os meus familiares e amigos.

Tenho os olhos castanhos da cor de um cacau e os cabelos loiros e curtos. Sou muito feliz ao lado de quem gosta de ficar comigo, conversando de coisas boas!

O nome da minha mãe é N. G. E o do meu pai, J. S., quando fico triste com alguém, eu

---

<sup>4</sup> Abreviação da expressão “sei lá” comumente usada para comunicação instantânea através da internet.

tento disfarçar, mas não consigo, mesmo assim eu os perdoo porque gosto muito deles, sejam amigos, pais, avós, cunhados, irmãs, tios, tias, etc... Eu desejo tudo de bom para aquelas pessoas que eu amo, professores, pais e que eu seja algo no futuro (M. A.).



### IDENTIDADE

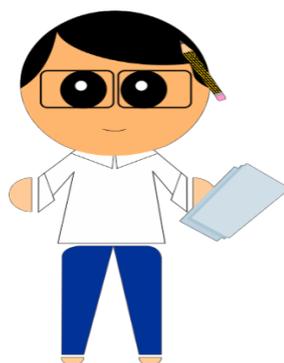
Meu Nome é R., mas pode me chamar de ...finha. Tenho 15 anos, sou muito legal, gosto de muitas coisas, uma delas é comer kkk, gosto de fazer palhaçadas, de brincar com amigos, mas o que mais gosto de fazer é jogar futebol, apesar de não ser muito boa (caretinha).

Sou muito louca e têm motivos, minha mãe e minhas irmãs falam que, quando eu era pequena, eu corria de um lado para o outro e socava meu cabeção na parede (Quê? Pera aí?). Sim, essa é uma verdade.

Meu animal preferido é cachorro e gato (mas como minha mãe não gosta, então não tenho um gato) (caretinha), mas hoje tenho 3 cachorros lindos e fofos, “hoje”, porque já tive muitos cachorros.

Minhas comidas preferidas é tudo que não tenha cebola, pimentão, jiló, pepino e palmito, odeio essa coisas (caretinha) E isso é um pouco da minha “identidade” (caretinha) (R. G. M. S.).

Nessas breves narrativas, as alunas expõem, em seus textos, uma carga de lirismo. Assim como Gonçalves Dias, na “Canção do Exílio”, apresentam um “contentamento descontente”, rimas, subjetividades, uma dualidade descompromissada com a verdade, muito característica do texto literário, conjugada com imagens que produzem um autorretrato cheio de humor, cheio “... de sorriso fácil”.



### MINHA VIDA

Minha vida às vezes é muito alegre, mas às vezes é muito triste e sem graça e muito deprimente, as pessoas não gostam do meu jeito, é por isso que eu não gosto de falar com quase ninguém, gosto muito de ficar em casa (M. O.).

Com a mesma dualidade de Pedro Bandeira e de Mia Couto, M. O. se esconde atrás de uma identidade ainda pouco definida, porém apresenta um traço forte de sua preferência pela individualidade no aconchego do lar e admite que essa condição é dependente do comportamento do outro, que lhe recusa, por isso sua passividade.



### IDENTIDADE

Eu sou morena, tenho 1,65m de altura, tenho cabelos e olhos pretos como as penas da pomba com um gato no escuro. Se eu fosse uma coisa, queria ser uma barra de chocolate, se eu fosse uma flor, seria um girassol como o sol, mas que pena, sou só uma menina de 14 anos que pensa muito alto, Se eu fosse dona do meu futuro, queria ser uma estrela para viver lá no céu. Sou assim, meu nome é N. e às vezes fecho os olhos e peço paz e felicidade, desejo ter uma amiga muito boa!!! (N. K. C.).

N. K. C. retrata, nessa pequena narrativa, conjugada com um desenho que ela mesma produziu, sua solidão, seu individualismo, retratado na “Canção do Exílio”, que é amenizado

na companhia da natureza, que, no seu desenho, demonstra ser sua melhor companhia.

Assim, compreende-se que, ao trabalhar leitura e ensino de literatura na perspectiva da (re)constituição do sujeito nas suas relações sociais, antes de tudo, é preciso que se permita desestabilizar as fragilidades já constituídas com comportamentos mais flexíveis, para que haja quebra de estereótipos e desenvolvimento de valores de igualdade.

Para finalizar essa primeira etapa, foi realizada a aula a campo com as condições possíveis no momento, porque, mais uma vez, o CDCE informou que ainda não havia recurso para o transporte. Considerando a motivação dos alunos, optou-se, juntamente com a coordenação pedagógica e com os pais, por fazer a aula campo e que o meio de transporte seria a bicicleta, elemento marcante na história de Cáceres, que já lhe garantiu o título de “Cidade das Bicicletas”. A turma, constituída de vinte e sete alunos, demandou, nesse momento, maior atenção, uma vez que somente um professor não seria suficiente para acompanhá-los e orientá-los. Sendo assim, através do grupo de WhatsApp, os pais foram convidados a levarem seus filhos com transporte próprio ou a acompanhá-los também de bicicleta, mas nenhum teve tempo ou oportunidade, devido às suas obrigações com o trabalho. Por isso, foram convidadas a professora Luana, da disciplinas de ciências, que abordou aspectos da preservação do meio ambiente do pantanal mato-grossense, da orla do Rio Paraguai em Cáceres e questões relacionadas ao hábitat das onças, figura que, de há muito, povoava a área verde da orla do Rio Paraguai na praça Barão, e a professora Evenir, da disciplina de história, que proferiu falas sobre os aspectos históricos do conjunto arquitetônico e paisagístico tombado em Cáceres, entre eles a Catedral, a Casa Rosa e o Marco do Jauru, lembrando, ainda, a Lenda do Minhocão.

Entre os muitos outros aspectos abordados, pensou-se nas múltiplas possibilidades de leitura a serem exploradas, além dos textos literários já lidos e discutidos que foram retomados, como “A garça” de Aclyse de Matos; “Assassino na torre da catedral” e “Metamorfose”, de Agnaldo Rodrigues; “Sonho Azul” e “Baia de Cáceres”, de Natalino Ferreira Mendes; e “Tuiuiu”, de Lucinda Nogueira Persona. Participaram da aula vinte alunos, dos quais dois não aparecem nas fotografias, porque não gostam. É evidente, no rosto de cada um, a alegria de vivenciar esse momento, que culminou em um piquenique na área verde da SICMATUR, momentos eternizados pelas fotografias (Figura 5).

Figura 5 – Aula a campo interdisciplinar



Fonte: autora

Na sessão seguinte, já em sala de aula, foi retomado o aspecto metodológico “técnica de oficina” (COSSON, 2012, p. 47), princípio de alternância em que cada atividade de leitura corresponde a uma atividade de escrita. Advindos de um ambiente altamente motivador, que atendeu aos seus interesses, a participação da turma nessa aula foi intensa. Outra vez, os alunos ficaram livres para escolher o gênero textual e produzirem seus textos a partir das reflexões propiciadas pela leitura dos textos literários, leitura de paisagens e ambientes e aspectos recorrentes das suas “Histórias de leitura”, em uma tentativa de reestruturação, de ressignificação da sua identidade, tema proposto e abordado nas atividades de leitura do texto literário. As produções apresentam um notável traço característico do diálogo com a literatura, apontam marcas dos textos lidos que usaram para conduzir à sua particular escrita, com considerações relevantes à sua capacidade de criação, como em algumas produções que serão destacadas aqui:



O minhocão

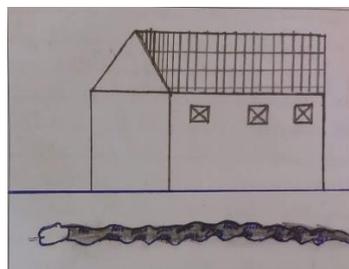
A história do minhocão começa em um dia de muito sol, as crianças estavam tomando banho na praia do rio, quando perceberam que algo mexeu debaixo da água. Saíram da água e esperaram para ver o que era aquilo na água. Quando o minhocão saiu da água, as crianças ficaram assustadas, não sabiam o que fazer.

Então, pegaram fios de cabelo e amarraram ela, a igreja estava sendo construída, tinha um buraco bem fundo, as crianças amarraram o minhocão bem amarrado e colocaram-no no buraco e tamparam com terra.

A igreja foi construída e até hoje ninguém sabe que debaixo da igreja tem um minhocão (A. P.).



São Luiz de Cáceres não seria mais a mesma, o Negrinho brincou o dia inteiro no quintal, brincando de carrinho e jogando bola, de repente, derrubou um vaso de louça daqueles bem caros, a Sinhá ficou brava e brigou com o garoto, ela ficou tão brava que ordenou que o matassem. Dias depois, a senhora desapareceu, colocaram um monte de pessoas atrás dela, mas nunca acharam vestígios, sempre ouviam gemidos, gemidos sofridos, mas ninguém sabia a origem dos gemidos. Um dia, o Negrinho estava brincando e, sem perceber, afastou-se da casa grande, entrou na mata e ouvia gemidos estranhos e encontrou a senhora em um lodaçal, ela estava metade mulher, metade serpente, ela riu porque o garoto era negro e achou que negro não era gente, quis rir e ao abrir a boca caiu veneno, esparramando-se pela pele cascuda. Rastejou revoltada, como uma naja, foi para o Rio Paraguai. Apavorados, aterraram o local e construíram uma catedral. Os devotos amarraram o monstro com um fio de cabelo de Nossa Senhora. E a catedral nunca mais pôde ser pintada para não incomodar a serpente (S. C. S.).



Era uma vez uma lenda do mioncão, que todo mundo esta falando que o mioncão, todo mundo esta dizendo que o mioncão sai de baixo da igreja quando todas as pessoas estão pintando a igreja (R.).

O aluno A. P. demonstra, na sua breve narrativa, conhecer a essência assustadora da lenda do Minhocão, tão editada e reeditada em Cáceres, mas cria a sua versão da história, com certo lirismo, fazendo com que o leitor do seu texto conheça a essência da lenda, mas não se sinta aterrorizado por ela. Já S. C. S. Apresenta, em sua produção escrita, uma história de leitura que enriquece seu texto. Sua referência a Negrinho remete à lenda do Negrinho do Pastoreio, que se confirma com a inclusão da personagem Sinhá e “casa grande”, seguido da personagem senhora metade mulher, metade serpente, “pele cascuda”, que reporta a uma personagem da mitologia grega, assim como à lenda do Minhocão. Insinua, na sequência textual, um evento de discriminação racial e retoma a lenda. O educando R., embora com dificuldade na escrita, usa sua habilidade de desenhar e compõe sua produção, em um esforço para reproduzir a lenda do Minhocão,



Tuiuiú

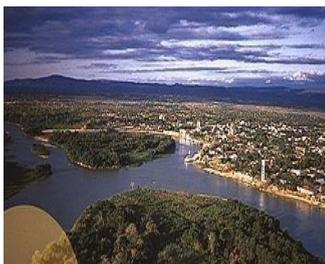
Majestoso tuiuiú  
 Ave símbolo do pantanal  
 De beleza fundamental  
 Anda devagar e calmamente  
 Com suas longas pernas afinadas  
 Alça voos rasantes  
 Abrindo suas grandes asas planadas!  
 À beira dos banhados  
 Passa o tempo sossegado  
 Se alimentando e refrescando  
 E a natureza contemplando  
 De pescoço preto e alongado  
 E papo nu e avermelhado  
 No natural espelho d'água  
 Passa horas se admirando! (C. V.)



### Onça

Quando a onça apareceu  
O povo lhe aplaudiu  
Os aplausos são de espanto, medo e admiração  
Ela causou intrigas  
O perigo é eminente  
Em nosso porto presente  
Sossego já não há  
Difícil de explicar  
Os especialistas disseram  
- “De lá ela não sairá”  
Famosa a cidade ficou  
O fato novo a agitou  
Perigo ela não traz  
O que faremos então? (E. G. M.)

Embora apresentem temáticas diferenciadas, C. V. e E. G. M. produziram lindos poemas, indicando que visualizaram e compreenderam muito bem as diferentes estruturas das leituras que fizeram, bem como a sua essência lírica, ao usarem rimas na constituição de seus poemas, referenciando ao texto “Tuiuiú”, de Lucinda Nogueira Persona.



### O Rio

As sinuosas curvas do rio Paraguai atraem para o cais da Praça Barão adultos e crianças, que se encontram com a harmonia entre o rio, a praça e a natureza do mato.

O que entristece é que a viagem que os olhos veem não pode na realidade. O rio vem sofrendo com a falta de consciência das autoridades e pessoas comuns, que poluem suas águas, canalizando suas redes de esgoto para o rio, que fica com um cheiro mal, e mata os animais que bebem água lá (D. F.).

D. F. nos apresenta o prazer na contemplação das sinuosas curvas do rio e coloca no texto sua indignação com as autoridades governamentais e pessoas comuns que ainda não se conscientizaram da necessidade de preservação do meio ambiente, referenciando o texto “Baía de Cáceres”, de Natalino Ferreira Mendes.



Tuiuiú

O tuiuiú é uma ave brasileira, que mede cerca de 2 metros de altura, come peixe, sapo, rã, entre outros, todos admiram a sua beleza, ao ver o tuiuiú, todos querem tirar fotos com ele para se lembrar a vida toda.

As penas do tuiuiú são brancas, pretas e vermelhas, que formam um colorido encantador, ao final da vida, voam em um show sobre as águas do Rio Paraguai, se preparam para iniciar a pescaria, que ,na maioria das vezes, é para levar para os seus filhotes, garantindo assim a preservação dessa espécie (H. S.).

Dessa produção, destaca-se a contemplação, o olhar carinhoso de H. S. pela ave que povoa diariamente a orla do Rio Paraguai, na Praça Barão do Rio.



A onça e o pescador

Já bastante vivido e aposentado, o Sr. Chico, um experiente pescador, passeava com o seu barco nas margens do Rio Paraguai, lá morava uma onça, mas ele não sabia, então, atravessou o Rio e, chegando lá, assustou-se, porque de longe avistou uma onça em cima de uma árvore, mas teve uma sorte grande porque ela havia acabado de comer um jacaré e não estava com muita fome. Mesmo assim, pegou o pouco de peixe que tinha e deu para ela. Enquanto a onça comia, distraidamente, ele pegou o seu barco e foi embora sem que ela o atacasse.

Passados alguns dias, a onça atravessou o rio e foi até a casa do Sr. Chico, a pobre onça estava magra e com fome, o pescador a alimentou e todos os dias a onça ia lá comer. Assim, o Sr. Chico percebeu que a onça era domesticada e que não sabia buscar o seu próprio alimento. K.



Pescador assombroso

Em pleno século XXI, uma onça apareceu em nossa cidade, do outro lado do rio. Certa noite, em que a lua estava cheia, o pescador saiu tarde da noite, depois de pescar vários peixes, ele estava indo embora pela mata e de repente ouviu um barulho, e de repente a onça apareceu em sua frente, ele ficou muito assustado e sem reação ao ver o animal, tentou se afastar andando para trás e cada passo que dava a onça se aproximava cada vez mais e abriu a sua grande boca, ele tentou oferecer os peixes a ela, mas sem sucesso, ela comeu-o por inteiro, deixou só a pele e seus cabelos. Até hoje, uma parte da floresta é assombrada pelo seu espírito, quando as pessoas

andam por lá, escutam gritos e gemidos do pescador (K. G.).

K. trabalha, em seu texto, questões do fantástico mundo da fantasia para caracterizar duas figuras bastante notórias às margens do Rio Paraguai: a onça e o pescador. Subentende-se, em sua produção, a fala da professora Luana, que proferiu, na aula campo, palestra sobre o hábitat natural da onça, destacando a questão da preservação do meio ambiente. K. G. une também esses dois personagens marcantes, mas cria uma narrativa com os mistérios de uma assombrosa noite de lua cheia, criando mais um monstro para assustar os cacerenses.



A Casa Rosa

Havia uma família que morava na Casa Rosa, eles se chamavam Dulce, o dono da casa tinha o nome de Alfredo Dulce, pelo tom de cor da casa, a família sofreu muito preconceito, então as pessoas começaram a provocar muito a família Dulce, que ficou com raiva de todas aquelas pessoas. No outro dia, a família estava limpando a casa, quando chegou uma mulher bem velhinha, que a família não conhecia, ela foi dar um recado, dizendo que estavam correndo perigo naquela cidade. Depois de uma semana, começaram a acontecer coisas estranhas, a família ficou assustada. Na casa, ficaram uma menina, uma senhora, um senhor. Depois que a menina completou 18 anos, seus pais morreram e ela ficou sozinha, morando naquela casa, mas decidiu deixar a casa e mudar de cidade, até hoje aquela casa está abandonada e ninguém pode entrar nela (L. O.)

A partir das pistas deixadas pela professora de história em sua palestra, o escritor desse texto recria mitos e lendas que povoam a mente dos cacerenses em relação à assombração que ronda a Casa Rosa, monumento histórico tombado como patrimônio público.



A Catedral

A catedral foi construída para espantar os maus espíritos, ela não pode ser pintada, porque pode despertar a mulher metade serpente que mora ali, caso isso aconteça, ela amaldiçoará as pessoas que estão à sua volta lá dentro da catedral.

A partir daí, ela irá aparecer todos os dias à meia noite, em forma de anjo, e todas as pessoas que aparecerem na sua frente ficarão em transe, não conseguirão se mexer e logo em seguida desmaiarão (M. O.).



Os Pássaros

Uma menina estava passando por um rio e viu muitos pássaros, como tuiuiús, ela foi correndo falar com sua mãe que lá no rio havia muitos pássaros tuiuiús erguidos no céu e foram para lá, sua mãe falou: - Que lindos os pássaros! O sol está brilhando, têm muitas gramas, o verde e flores em cima da grama, flores bonitas, a natureza é muito bonita!!! (N. K.).

Ao analisar esses textos, não se pode deixar de registrar a importância da democratização do acesso à leitura, com vistas a colocar o aluno no centro do processo, ampliando seus espaços de formação para além da sala de aula. Na busca por iniciativas de inserção no mundo da leitura, compreende-se ser muito significativa, nessa intervenção, a leitura em ambientes diversificados, que conduziram o aluno a espaços em que ele, sozinho ou com colegas, senta na calçada, em um banco na praça ou no gramado e lê, ou ainda, ouve e internaliza a leitura do colega, aprende e se diverte. Esse conjunto tão amalgamado desencadeia práticas de ensino e aprendizagem com

distintos papéis sociais, que produziram além da prática da leitura, conhecimento e relações mais afetivas. Em Lajolo (2004, p. 7), “a leitura como fonte de prazer e de sabedoria, não esgota seu poder de sedução nos estreitos círculos da escola”. Somos sujeitos de distintos papéis sociais e o ensino da literatura escapa a essa instância escolar. Portanto, não se pode privar os estudantes do acesso a ela.

Ainda para a autora,

é a literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso, a Literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muito (LAJOLO, 2004, p. 106).

Sob a concepção de que não há boa prática sem reflexão, é preciso pensar continuamente sobre o fazer pedagógico, sobre o exercício da docência, pois isso possibilita a concretização de uma prática compromissada com a aprendizagem de qualidade.

Nessa perspectiva, um dos grandes desafios da escola, conforme os PCNs (1997), é reconhecer a diversidade como parte inseparável da identidade nacional e dar a conhecer a riqueza representada por essa mesma diversidade, propondo ações que superem qualquer tipo de preconceito ou discriminação. Nesse sentido, nessa segunda fase da intervenção, foi selecionada uma diversidade de textos de literatura de língua portuguesa brasileira e africana. Julgou-se pertinente introduzir textos que, aparentemente, ainda não são muito conhecidos desse público para promover uma discussão e um debate sobre a contribuição cultural dos negros para o Brasil, dando abertura para tratar de temas como a diversidade cultural e racial e o preconceito e a discriminação, e pensar a aplicabilidade da Lei 10.639/03 e outras que surgirem durante as discussões, a partir dos textos “As mãos dos pretos”, do escritor moçambicano Luiz Bernardo Honwana; “Nós chorámos pelo Cão Tinhoso”, de Ondjaki; e “Meus dois pais”, de Moacir Carrasco.

E, levando em consideração que o professor incumbe-se da mediação e responsabilização na busca pelo acesso às diferentes formas de conhecimento, faz-se necessário que se aproprie do uso das práticas sociais de leitura e escrita de forma crítica e criativa e, assim, por meio das mais variadas formas de leituras, nesse caso, as literárias, mudar o olhar sobre a dinamicidade da linguagem na concepção do letramento literário. Nessa etapa, as leituras foram realizadas dentro da sala de aula e paralelas a ela, em um espaço que fica entre o muro e a sala

de aula, metodologia que facilitou, durante todo o processo, as leituras em grupo, uma vez que alguns alunos falam ou leem em voz alta. Já com um clima bem mais harmonioso, os alunos formaram grupos de leitura conforme suas afinidades. Os textos dos autores africanos apresentam um vocabulário diversificado que merece destaque, sendo assim, desenvolveu-se um glossário com anotações no “Diário de Bordo”, a fim de elucidar o sentido das palavras pouco conhecidas.

O próximo passo foi a realização de uma roda de conversa, quando, ao debater sobre a sociabilidade vivida no ambiente escolar, foram suscitadas situações vividas na sala de aula e na escola, que causavam muitos conflitos, inclusive agressões físicas entre alunos da sala e que foram repensadas a partir das temáticas suscitadas nos textos literários lidos.

Como previsto, após as discussões, foi elaborado, em grupo, um questionário para entrevistar alunos do Terceiro Ciclo. Porém, dos nove questionários realizados, quatro foram com alunos do Ensino Médio (Anexo 5), já que essa modalidade foi escolhida por apresentar as mesmas questões para todas as pessoas, garantir o anonimato e conter questões para atender a finalidades específicas da pesquisa. O questionário possibilita obter informações, apresenta relativa uniformidade de uma medição a outra, pode proporcionar respostas mais refletidas e a tabulação de dados pode ser feita com maior facilidade e rapidez. O questionário foi elaborado levando-se em conta aspectos quantitativos e qualitativos. As falas entre aspas reproduzem fielmente a escrita dos entrevistados, por isso, há alguns problemas de ortografia e concordância. As questões que não foram analisadas aqui estão anexadas a este trabalho. Desse levantamento, alguns fatos nos chamaram a atenção.

Ao serem questionados em relação ao preconceito racial, cujas opções de resposta eram:

a) Existe, porém é ignorado; b) Existe e é discutido; c) Existe, porém não declaradamente; d) Não existe, todos os alunos escolheram a primeira alternativa, questão que é preocupante, uma vez que, se ele existe, deve ser discutido e combatido.

Para a pergunta “Já sofreu algum tipo de preconceito racial?”, oito responderam que não; um justificou que “Nunca, não para ofender”. Isso demarca uma situação que julga-se ser comum, aquela em que o preconceito é sempre feito em tom de brincadeira.

Quanto a se “Já presenciou alguma atitude racista?”, aqui, dois entrevistados disseram que sim e justificaram: “Sim, por alguns tempos na escola, uma briga incluindo a cor da pele e aparência, chingamentos raciais e entre outros”, “sim, em um discurso, um cara chamou o outro de Macaco”.

À pergunta “Para você, há segregação racial (ato de separar/isolar) aqui na escola?”, cinco dos entrevistados responderam que SIM e justificaram: “Já presenciei por diversas vezes

em algumas escolas. Porém a pessoa que cometeu a atitude racista, acha que não passa de uma brincadeira”, “com algumas pessoas até que eu conheso”, “Sim, pessoas ficam isoladas e tristes por sofrer Bullyng e na maioria das vezes ninguém liga”, “Sim, principalmente entre as meninas”, “Sim muito mas vários fazem vista grossa para isso”. Esses fatos nos confirmam, mais uma vez, o silenciamento das atitudes racistas na escola e indicam que esse tema precisa ser mais difundido, inclusive por professores das diversas áreas do conhecimento.

Por fim, perguntados se “Existe algum tipo de preconceito em sua sala de aula?”, cinco estudantes responderam que Sim e justificaram: “Sim, mas hoje eles os alunos que praticam o preconceito acham que é só brincadeira, mas não percebem que estão magoando o outro”, “Chamam meu amigo de cabelo de fogo e bachin”, “Sim, como o L. F. o apelido de ‘Gordao’ fato que ninguém sabe se ele gosta”, “Sim, sobre quem tem isso quem não tem, sobre a menina ser lesbica, vários todos diferentes mais iguais”, “Sim vários”, “Com um menino gordinho”.

Nesse sentido, tem-se apoio em Miguez (2000) ao dizer que,

a leitura é um processo de percepção da realidade envolvendo, entre outros fatores, a visão do mundo do leitor. E, induz a refletir sobre a prática literária no ensino, destacando a importância da literatura tanto para a conquista da leitura quanto para o desenvolvimento do leitor em potencial (MIGUEZ, 2000, p. 17).

Assim, pode-se dizer que trabalhar a leitura literária é fundamental para propiciar espaços de discussão que possibilitem aos estudantes contato com textos que apresentam valorização de si, propiciando-lhes reflexões a partir da leitura sensorial e visual, trazendo, para o ambiente escolar, discussões pertinentes, que demonstram a necessidade de reconhecer a multiculturalidade e a diversidade como elementos constitutivos de si enquanto ser social.

Na sequência, a aula planejada para o laboratório de informática para a elaboração de gráficos não aconteceu, pois o ambiente não estava em condições de uso, porém, em sala de aula, foi feito um levantamento das principais situações de preconceito e racismo presentes nos textos lidos e, a partir das respostas dos entrevistados e com elas, foram elaborados cartazes que foram fixados nos corredores da escola e expostos na “Mostra Pedagógica”. Foram produzidos pequenos folhetos com frases de combate ao preconceito, racismo e discriminação, que também foram distribuídos na “Mostra Pedagógica”, conforme

Figura 6, 7 e 8. A seguir, serão apresentados alguns fragmentos de textos produzidos pelos alunos, consignando que essa atividade de escrita não havia sido planejada, mas as leituras produziram muitos efeitos positivos, fazendo os envolvidos se sentirem úteis, empoderados, ao falarem dos temas com os visitantes da “Mostra Pedagógica” (Figura 9), assim sendo, munidos

das habilidades de ler e escrever, o registro escrito foi facilitado. A esse propósito, afirma Maquêa (2010),

Quando escrevemos não importa se escrevemos sobre o outro ou sobre nós mesmos. A escrita é sempre um deslocamento da realidade, e nossas impressões são sempre carregadas de ambiguidades, quando colocadas no campo da representação. Já que a escrita não se confunde com a realidade, não pode substituir o real, e só pode referir o real e representar a sua própria realidade de linguagem, a sua dimensão social e o seu caráter coletivo e plural pelas convenções que estabelece, ela sempre duplica aquele que escreve (MAQUÊA, 2010, p. 42-43).

À luz dessa ideia, compreende-se que, quando se produz um texto, estabelece-se nele um diálogo tácito, em que o autor aciona seus conhecimentos prévios e, em decorrência disso, processa a leitura à sua maneira, faz o exercício da reflexão e se expõe na escrita. Também por isso, tem-se o letramento, que, para Soares (2003, p. 75), “...é um conjunto de práticas de leitura e escrita que resultam de uma concepção de o quê, como, quando e por quê ler e escrever”. E assim os alunos produziram seus textos:

“Ao assistir à novela malhação, logo observei a discussão de dois homens, um chamava o outro de viado/gay, o ofendido não queria brigar, porém, o mais exaltado continuava com os xingamentos e nem percebia que estava em uma escola, ambiente onde deve prevalecer boas relações de convívio social. Para conter a falta de respeito do colega, ambos foram encaminhados à coordenação pedagógica para esclarecer os fatos. Sérgio, O mais exaltado foi suspenso por três dias para que pudesse refletir sobre seu ato de preconceito, discriminação. Em um ambiente escolar, ou mesmo na rua o respeito deve sempre prevalecer (H. S.).

“...O que é o preconceito? É quando você não aceita a outra pessoa por ela ter uma cor diferente e um cabelo diferente, não ter dinheiro, isso no caso é o preconceito na minha opinião” (G. S.).

“O preconceito/discriminação são caracterizados por ações do ser humano que cria uma imagem irreal do outro. Vivi, senti na pele essas desumanidades quando na sala de aula tive colegas que me xingaram de baleia, gordo, burro, obeso, bolo fofo, falavam ainda para eu ir vender banha, No momento da agressão até ficava nervoso mas não brigava porque sei que Jesus me ama e me aceita do jeito que sou. Portanto, aceitar o outro do jeito que é será a melhor saída, lembrando que isso significa respeito” (H.).

“Bullyng é uma coisa que as pessoas não gostam de sofrer, algumas entram em depressão ou querem suicídio. Nós não podemos cometer bullyng com outras pessoas, isso é crime, alguns falam que isso foi uma simples brincadeira. Entretanto, nem isso acontece, é prejudicada e não consegue lidar com isso, as pessoas que sofrem bullyng não se sentem muito bem com isso. As pessoas tem que ter respeito com outras pessoas, ninguém gosta dessas brincadeiras sem graça, isso é muito feio” (A. P.).

“O preconceito é sobre um filme que eu assisti, era um menino que tem uma deficiência e o nome dessa deficiência é síndrome de turete e toda vez que ele ficava com raiva a síndrome de turete piorava e ele ficava fazendo um barulho

estranho e as pessoas ficavam olhando e falando mal dele, ele explicava para os outros porque ele fazia aquele barulho” (M.).

“Eu já vi preconceito acontecer muitas vezes, tantas vezes que teve até uma que aconteceu com um primo meu na escola, e isso foi tão revoltante que o próprio preconceito foi feito pela professora que deveria ser uma pessoa para dar exemplo. O preconceito começou a partir do momento que a professora começou a chamar ele de “Neginho”, porque na sala que ele estudava só tinha pessoas brancas e ele era o único moreno ...” (C. V.).

Figura 6 – Confecção de cartazes para campanha na Mostra Pedagógica



Fonte: autora.

Figura 7 – Frase para campanha sobre preconceito, racismo e discriminação que foram distribuídas na Mostra Pedagógica.



Fonte: <http://renataodoquilombo.blogspot.com/2014/03/dia-internacional-de-luta-pela.html>

Figura 8 – Frase para campanha sobre preconceito, racismo e discriminação que foram distribuídas na Mostra Pedagógica.



Fonte: <https://www.slideshare.net/ValdecCasteloBranco/etnia-racial-incluso-o-espectro-autista-e-a-sndrome-de-down> e <http://www.palmares.gov.br/?p=2999>

Figura 9 - Campanha com os visitantes da Mostra Pedagógica



Fonte: autora.

De modo geral, os textos possibilitaram a reflexão e o debate sobre o contexto social, histórico, político e cultural e indicam e denunciam espaços marginalizados que resistem na invisibilidade do problema. A partir de uma vivência de vinte anos na educação básica, vê-se que as escolas enfatizam conteúdos voltados à história da África e afro-brasileira somente na semana que antecede o dia da Consciência Negra. As literaturas de Mia Couto, Hondjaki e Homwana trazem marcas da violência e da guerra na sociedade angolana e moçambicana em paralelo com o Brasil, demarcam a luta pela independência de seus países, por isso são tão pertinentes à sala de aula.

Nesse ponto, a terceira etapa da intervenção, houve o objetivo de trabalhar com os contos “Sem asas, porém”, de Marina Colassanti; “O enterro da bicicleta”, de Nelson Saúte; “Zito Makoa, da 4ª série”, de Luandino Vieira; “Lição das coisas”, de Vera Maquêa; e “Feliz aniversário”, de Clarice Lispector, para pensar e compreender, com os estudantes, a condição das mulheres nos textos, relacionando-as com outras conhecidas e com as que protagonizam suas vidas. Ainda com foco na luta contra a desigualdade social e com a consciência de que se

vive ainda em um país machista, que comete diariamente atos de extrema violência contra a mulher, percebe-se, mesmo assim, que, aterrorizadas, tornam-se seres cada vez mais fortes, cada vez mais resistentes aos problemas de tais gêneros que uma família pode ter no seu seio. Estudam, trabalham dentro e fora de casa, alimentam, protegem, aquecem corações e conquistam cada vez mais a confiança do mercado de trabalho. Em confluência com Macêdo e Maquêa (2007, p. 12) “[...] literatura e reivindicação social caminham juntos nos países africanos de língua portuguesa”. Nesse caminhar, à luz da figura feminina que luta pela conquista de direitos iguais, é que se propôs essa diversidade de leituras literárias de língua portuguesa brasileira e africana, que configuram memória de lutas e mudanças através das quais é possível denunciar, reivindicar.

Como estratégia motivadora dos objetivos de leitura, foram levados para a sala de aula recortes de matérias de jornais que falavam da luta de algumas mulheres, que precisaram enfrentar muitos monstros para terem reconhecido o direito à igualdade com os homens, entre elas Malala Yousafzai, jovem paquistanesa militante dos direitos das meninas de irem à escola; Emma Gonzales, que lidera o movimento de controle de armas entre os jovens nos Estados Unidos; Sydney Gutierrez, que trabalha para acabar com a pobreza e a cultura do machismo, defendendo a educação das meninas; e irmã Dulce, religiosa católica brasileira que fez muitas ações de caridade e assistência para quem mais precisava, registrando-se que, para surpresa, a turma só conhecia Malala e irmã Dulce, sobre as quais foi feita uma breve explanação de seu papel na sociedade.

Munidos dos textos e com o objetivo de refletir sobre a identidade das mulheres que povoam esses textos e suas vidas, foi realizado, a gosto dos estudantes, o “Piquenique Literário”, na praça da Cohab Nova, bairro paralelo à escola. Já acostumados com essa atividade de leitura, cada aluno ou grupo de alunos se organizou para trazer toalha, almofada e lanche e escolheram o seu espaço para realizar a leitura. Ao final da aula, todos se reuniram no centro da praça, em um espaço arborizado, para compartilhar o lanche, em um clima bastante descontraído. Em virtude de alguns vocábulos desconhecidos nos textos de literatura africana, os alunos foram orientados a realizarem um glossário para elucidar o significado das palavras. Essa atividade não foi compartilhada no WhatsApp conforme previsto no projeto, porque não havia um grupo para os alunos, uma vez que a maioria não tinha aparelho compatível. Nesse sentido, os registros foram feitos no “Diário de Bordo”.

Na aula seguinte, foi realizada a roda de conversa para abordar no que o texto literário e sua linguagem foram capazes de interagir com seu leitor. Na oralidade, cada texto foi discutido e seus leitores falaram da condição de submissão em que viviam, de mulheres que só aparecem

no texto na condição de servidão doméstica, dos seus silêncios, da condição de viverem sem espírito de humanidade e destacaram a presença da mulher professora, aquela que se libertou e conquistou seu espaço. Finalmente os alunos produziram seus textos, intitulados “Vida de Mulher”.

“No início do século as mulheres não tinham vez, não votavam, não trabalhavam fora do ambiente doméstico, eram tipo que empregadas de seus maridos, os homens pensavam que o lugar delas era somente na cozinha. Mas agora está totalmente diferente, as mulheres estudam e muitas das vezes tem um trabalho mais bem sucedido do que dos homens. Minha mãe mesmo com seus afazeres domésticos trabalha das 8 10 da manhã as 8 da noite cuidando da minha prima, mesmo assim, sobra tempo para cuidar muito bem de mim e dos meus outros dois irmãos, eu mesmo tenho muito orgulho dela” (A. S. S.)

“Uma das melhores mulheres do mundo é a mãe, aquela que nos ama, nos cuida, protege desde o primeiro piscar de olhos, aquela que cuida dos mínimos detalhes com muito carinho antes mesmo da nossa chegada. Mãe não é só aquela que nos dá a luz, mas também aquela que faz o papel de cuidar e amar, até porque em algumas famílias laços sanguíneos não significam nada. Todos temos em nossas vidas aquela mulher que faz papel de mãe, esposa, cidadã, etc. E além de tudo isso, trabalha muito para que não nos falte o que comer, servir, e para que tenhamos uma educação de qualidade” (A. P. e K. G.).

“Nesse texto irei dizer sobre uma mulher muito guerreira e forte que faz parte da minha vida que é a minha mãe. Uma mulher que é um exemplo de pessoa dentro de casa, uma mulher batalhadora, mulher de braço forte, mulher que sempre lutou para manter minha irmã e eu na escola, um amor de mulher, luta pelos seus direitos, tem uma boa convivência com a família, amigos e colegas. Em casa e na rua ela tem um bom diálogo com as pessoas, mesmo que para ela seja estranho. Corre atrás dos seus direitos, é forte e nos protege muito, tem um caráter de mulher muito especial. Uma mulher vaidosa e sensível. Ela está desempregada, é formada na área de história” (C. M. B.).

“Neste texto resolvi falar sobre a mulher mais importante da minha vida, a minha mãe, uma pessoa que sempre batalhou pelo que quis, sempre fez de tudo para ver as pessoas felizes, uma mulher que é independente, que trabalha, que cuida da casa, faz muitas coisas e ainda tem tempo para se divertir, ela é uma mulher super feliz com a vida e eu sou muito feliz por ter ela comigo todos os dias” (G. S.).

“A mulher sofreu muito para gerar uma vida, sendo que quase perde a sua, também sofre muito preconceito porque é frágil e desprotegida. Os homens pensam que só porque são mulheres não podem trabalhar fora de casa” (M. O.).

“A minha mãe é lutadora, trabalhadora, ela enfrenta racismo, me protege, é uma mulher que eu nunca vi, ela consegue tudo de melhor para mim, é uma mãe e um pai, estrago uma porta ela arruma, um chuveiro ela arruma, então eu agradeço a Deus por ter dado uma mãe maravilhosa, obrigado Deus por dar uma mãe maravilhosa, obrigado Deus” (H. N. S.).

“A vida da mulher é muito ocupada, é trabalhadora. A mulher pode se considerar agro porque ela está no trabalho, na cozinha, cuidando dos filhos e do marido doente. A maioria das vezes os maridos não deixam as mulheres irem nas festas, (pois tem ciúmes) e as mulheres não conseguem ir onde quer, porque os homens pensam que mandam na casa!” (H. S. O.).

“Meu nome é D. tenho treze anos, minha mãe se chama E. e eu vim escrever dessa pessoa que eu admiro muito, que eu amo e sempre vou amar, ela faz de

tudo para nos ver bem, é uma pessoa muito legal, é professora pedagoga, tudo que ela faz é com amor, eu tenho orgulho de ser filho de uma pessoa tão especial” (D. R. S. P.).

“As mulheres estão cada vez mais inseridas na sociedade, a pouco mais de 150 anos atrás mulheres eram usadas apenas para cuidar de casa e dos filhos, mas hoje já estão até nos cargos mais altos dos poderes, já tivemos até uma presidente mulher, mulheres hoje já votam e já tem os mesmos direitos que os homens, direitos como: educação, salário, respeito. Estamos longe de um mundo 5 estrelas, estamos melhor que ontem e pior que amanhã” (E. G.).

“A mulher que vou citar é mais que especial para mim. É minha professora de português D.G. T., ela é minha inspiração para tudo, ela me aconselha para estudar, para ficar bem com minha família, eu amo minha professora demais, quando estou com ela me sinto bem. Professora parabéns por ser essa pessoa maravilhosa na minha vida” (L. S. P.).

“Mesmo com a modernidade do século XXI a mulher ainda sofre muito preconceito e assédio no dia a dia, no trabalho ganham menos que os homens mesmo trabalhando igual e tem menos direitos que os homens, também tem preconceitos em algumas profissões ou esportes como futebol e outros” (M. M.).

“A mulher é um gênero feminino e hoje em dia existe muito machismo contra elas, mas elas podem fazer qualquer coisa que homem, e no trabalho elas ganham também o mesmo salário. E as mulheres tem os mesmos direitos que todos” (W. H. B.).

“Minha homenagem é pra você Que ao mesmo tempo é mãe e pai. Que tem o dom de nos facilitar Que luta por grandes ideias; Minha homenagem é pra você Que é atriz ou escritora

Que é dançarina ou do teatro Que é cineasta ou pintora; Minha homenagem é pra você Que corre atrás do seu intento Que é independente, lutadora

Que é a mais linda obra vinda do firmamento; Minha homenagem é pra você Que é vitoriosa e sabe o que quer Que é a mais rica benção de Deus

Minha homenagem é pra você mulher.” (K. G.)

“A vida da mulher na sociedade de hoje é muito melhor que antigamente. Em tempos eramos consideradas um ser com menos capacidade do que os homens, serviços domésticos ou de menos esforço combinavam conosco. Com lutas e conquistas isso mudou, conseguimos entrar no mercado de trabalho que era restrito aos homens. E assim, hoje as mulheres têm mais voz e mais liberdade” (R. G. M. S.).

“Antigamente as mulheres não tinham direito a nada, só os homens que votavam e mandavam na sociedade. Hoje em dia as mulheres podem estar nos mais diversos cargos como professora, advogada, engenheira e até nos cargos políticos. Mesmo assim elas discriminadas simplesmente por serem mulheres, mas temos leis que garantem seus direitos. Tivemos até mulher como presidente como Dilma Rousseff, na história a princesa Izabel que assinou a lei Áurea e aboliu a escravatura. Depois de tantas lutas conseguimos ser respeitadas como mulher, mas ainda existe homens machistas” (S. C. S. S.).

“As mulheres estão cada vez mais avançando para a sua independência. Não se trata apenas de feminismo ou machismo, mas de se libertar dos estereótipos colocados pela sociedade nas mulheres. Não somos mais o sexo frágil, na verdade nunca fomos. Mulheres espalhadas pelo mundo todo, durante épocas passadas, lutaram firmemente para seguir os seus sonhos, seguir os seus instintos e lutar pelo que acreditavam. Muitas vezes sulgadas, tanto pelo pai, quanto pelo marido, romperam com as tradições machistas” (J. T. C.).

Fica evidente, nessas produções, que o encontro com a obra é indizivelmente pessoal e

que, dessa relação, é estimulado o exercício da reflexão, que permite romper com o silêncio, amplia seu conhecimento e constrói sentidos. Vê-se, nessas pequenas produções textuais, uma íntima relação com os textos matrizes da leitura e discussão. Por unanimidade, todos referiram-se à figura da mulher mãe, relatam o lugar da mulher de antes como sendo o doméstico, silenciado e explorado por seres desumanos, e citam os maridos como responsáveis diretos por aquelas situações, homenageiam a figura da mãe como uma mulher que dá amor, que estuda, que tem dupla jornada de trabalho, que se preocupa com a educação dos filhos, que é vaidosa, que estuda, que sofre para gerar uma vida. Em um gesto de humanização, K. G. apresenta uma linda poesia que homenageia essas mulheres guerreiras.

### **3.1 Produto Final: “Noite de Autógrafos”.**

Como preparação para a edição do livro – produto final da intervenção – a aula seguinte aconteceu no laboratório de informática para digitação dos textos. Alguns apresentaram dificuldades em lidar com a tecnologia, sendo necessário que os textos fossem levados pelos professores para serem digitados em casa. Foi confeccionado um convite para os pais ou responsáveis e entregue na escola, para os alunos levarem a eles, porém, como já eram os últimos dias de aula, alguns alunos não estavam presentes, então o convite foi enviado no grupo de WhatsApp, modo pelo qual já vinha sendo mantido contato. Do grupo, vieram muitos agradecimentos dos pais e isso foi muito fortalecedor. Ainda hoje, o grupo é mantido e a comunicação é contínua. Depois de tudo organizado, o livro editado (Anexo 6), a “Noite de Autógrafos” aconteceu no dia vinte de dezembro de 2019, com a presença da direção, coordenação, pais e responsáveis. Foi gratificante ouvir a fala da direção e da coordenação da escola, porque, como essa era uma turma que tinha bastantes conflitos em sala e era diariamente visitada pela coordenação, no depoimento, a coordenadora falou da melhoria do comportamento e agradeceu pelo desenvolvimento do projeto. Os pais também ficaram agradecidos. Seguem algumas fotos que eternizaram esse momento.

Figura 10 – Lançamento do livro



Fonte: autora.

Figura 11 – Mensagens de agradecimento dos pais via grupo de WhatsApp



Fonte: autora.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este é o resultado de um trabalho que objetivou a ressignificar a prática de leitura e escrita dos alunos a partir de narrativas literárias curtas de língua portuguesa brasileira e africana, com ações pedagógicas que lhes permitiram compreender o papel formativo humanizador, cultural e social da literatura. Desde tempos muito remotos, a leitura tem se configurado como um desafio a ser vencido nas salas de aula, visto de vários ângulos e, diante do desafio proposto, optou-se pelo ensino de leitura e escrita do texto literário na escola. Do alto da experiência de dezenove anos na educação básica e sob a luz das teorias estudadas no decorrer das aulas no PROFLETRAS, optou-se pelo embasamento teórico do Letramento Literário e Letramento Crítico, que possibilitou um trabalho que só se configurou quando deixou-se de lado as leituras e iniciou-se uma discussão sobre as difíceis relações pessoais dentro da sala de aula, que impediam de avançar. Viu-se que, antes do diagnóstico da ausência de prática de leitura, havia ali conflitos entre alunos e na relação professor/aluno. Sendo assim, a primeira etapa das atividades foi extensa. Na apresentação do projeto, foi possível sentir os alunos muito desinteressados, uma vez que não opinaram sobre as atividades de leitura, mas aceitaram participar delas. Na aula seguinte, durante a ida à biblioteca e em um processo democrático, os alunos escolheram seus primeiros livros para leitura. Estranharam a livre escolha, já que estavam acostumados a serem meros receptores daquilo que o professor levava para a sala de aula. Encontrou-se aí uma forma de aproximar-se deles. Todos levaram livros para leitura extraclasse. Alguns, resistindo à leitura, encontraram no gibi, segundo eles, uma forma mais leve e rápida de ler. Na sala, trabalhou-se com a leitura de textos curtos. Algumas atividades foram repensadas e outras foram incluídas, entre elas, planejou-se assistir ao filme “Entre os muros da escola”. O ambiente usado para trabalhar com filmes é a biblioteca. Lá, as mesas foram encostadas em um canto e as cadeiras foram dispostas em fileiras. Alguns alunos levaram tapetes e almofadas e sentaram no chão. Nesse contexto, o lanche também foi um atrativo, pois foi levado pipoca, bolo, sucos e refrigerantes. Na roda de conversa sobre o filme, os alunos mais corajosos confessaram que se identificaram com o comportamento daqueles alunos. Através da figura do professor, falaram da difícil relação com alguns professores que, inclusive, haviam abandonado a sala de aula deles, fato que foi confirmado depois. Notou-se que foi um pouco dolorida, para eles, essa identificação como alunos bagunceiros, intolerantes e, muitas vezes, mal-humorados e que, inclusive, não desenvolviam tarefas. Nesse momento de mediação, foi proposto a eles um contrato de trabalho, pautado no respeito às individualidades e na humanização. Foi deixada clara nossa vontade de avançar e melhorar junto com eles. Sabe-se

que esses comportamentos existem na escola, mas, aqui, o diferencial foi a proposta do programa em que é preciso olhar para a totalidade, estilo “ninguém solta a mão de ninguém”. Esse aspecto foi essencial para a formação, porque foi preciso reinventar-se para dar conta das adversidades dentro da sala de aula. Em outros tempos, seria mais cômodo fingir demência e não enfrentar os problemas.

Enfim, voltando ao desenvolvimento das atividades da primeira fase, cada vez mais foi possível perceber que, à medida em que os alunos compreendiam os objetivos da leitura, mais eles se interessavam por ela. É claro que uns leem mais e outros menos, mas pode-se considerar que todos já iniciaram sua prática de leitura. Nesse ínterim, vale destacar que os modos como eles leram também contribuíram para essa formação leitora. Aos poucos, foi-se constatando que liam de diferentes formas: uns gostavam de ler sozinhos e silenciosamente, outros liam em grupo e em voz alta e, ainda, outros gostavam de ouvir a leitura do colega. Havia também aqueles que atrapalhavam. Os desafios para atender a essas necessidades foram muitos. Muitos espaços foram ocupados e o professor/mediador desse processo precisou desdobrar-se em tantos outros.

Dessa primeira fase, com o objetivo de discutir um pouco sobre a identidade, sobre a história de cada um, oportunizou-se, a partir das leituras literárias, que os alunos se situassem nos espaços onde vivem e a olhassem para os elementos que os constituem dentro e fora da escola. Desse entendimento, suas produções demonstraram uma reflexão sobre os textos lidos e um olhar pelo seu eu, apontando, inclusive, seus defeitos, suas relações afetivas com colegas, família e professores, sua constituição física e psicológica, inclusive atravessada por outras produções, como a cinematográfica. Esse processo de produção escrita foi demorado. Muitos apenas registravam algumas atividades no “Diário de Bordo” e não produziam o texto para entregar. Estes foram convocados para aulas extraclasse no contraturno. Mesmo assim, ainda resistiam em desenvolver as atividades. Nesses casos em que o contrato de trabalho não era cumprido, foi necessário falar com os pais e responsáveis pelo grupo de WhatsApp para esclarecer sobre a necessidade de participarem dessas aulas, ou seja, a persistência acompanhou todo o percurso das atividades. Porém, com o passar dos dias e com aulas mais dinâmicas, como aulas a campo e piqueniques literários, as relações ficaram mais fraternas, mais amigáveis e, na segunda fase das atividades, os alunos liam por vontade própria. Liam, porque logo entendiam os objetivos daquelas leituras. Das narrativas literárias lidas extraclasse, foi montado um painel recomendando as leituras feitas pelos alunos. Nesse processo de ler, resumir, ilustrar e recortar, sentiam-se bem à vontade. Àqueles que ainda não haviam concluído nem a primeira leitura, foi oportunizada a produção em dupla. Isso os motivou a querer ler e ver o nome deles na

biblioteca, no painel de leituras. Sentiram-se importantes. Percebeu-se, então, uma mudança de comportamento bastante homogênea. Nesse momento, descobriu-se, em sala de aula, uma aluna faltosa que não sabia ler e, mais uma vez, houve o desafio: o que fazer?

Na segunda fase, para tratar de temas como racismo, discriminação e preconceito, foram selecionados textos de literatura de língua portuguesa brasileira e africana. Imediatamente começaram as perguntas sobre o vocabulário diferenciado. Foi interessante esse processo de busca pelos significados das palavras. Com isso, visualizou-se que as leituras realmente estavam acontecendo e nos mesmos moldes anteriores: na biblioteca, nos piqueniques literários, na sala de aula e fora dela. Iniciou-se, então, o debate e a escrita sobre os temas. Muitos falaram que já sentiram na pele esses efeitos, inclusive dentro da sala de aula. Esse trabalho precisou ser amplamente discutido, uma vez que, a cada atividade desenvolvida, confirmava-se a prática de racismo e preconceito, tanto no ambiente escolar, como fora dele. Essa prática aparece nas produções textuais dos alunos, tanto quanto nas respostas do questionário e da entrevista feitos na escola. Considera-se este um indicativo de que esse assunto deverá ser amplamente trabalhado na escola por todos os professores para que saia do ambiente escolar e atinja a sociedade. É relevante também, em suas produções, os alunos se assumirem como negros, morenos, de cabelos crespos. Entende-se que esse sujeito pensou, refletiu e entendeu quem ele é, independente do que falam. Essa pessoa está com sua autoestima elevada e ninguém mais vai diminuí-la.

Da terceira fase, acredita-se que as leituras e a discussão dos textos literários conseguiram dar aos alunos sustentação para retomar os temas anteriores e os relacionar com os de agora. Por unanimidade, falaram da vida de mulheres que estão diariamente presentes em suas vidas: falaram de suas mães, de mulheres que são fortes, que são mães e amigas, donas de casa que estudam e trabalham fora, que são independentes e conseguiram se livrar de homens que as discriminavam. Inegavelmente, quem está dentro da sala de aula diariamente sabe que os conflitos que nela existem vão além do simples diagnóstico de que os alunos não leem. Vivenciam-se comportamentos relativos à intolerância racial, discriminação, preconceito, que influenciam e desgastam o bom andamento da turma, desviando, assim, sua efetiva participação nas atividades propostas e gastando-se muito tempo resolvendo conflitos.

Enfim, as dificuldades enfrentadas durante o desenvolvimento dessa intervenção referem-se à falta de recursos para custear materiais didático-pedagógicos para o desenvolvimento das atividades, ficando toda essa carga para o professor. Refere-se também aos espaços que não estão em funcionamento, como o laboratório de informática, ao ambiente de sala de aula com ar condicionado que não funciona, porém outras atividades foram pensadas,

revistas e planejadas, buscando sempre desenvolver com qualidade este trabalho.

Dessa forma, o trabalho de ensino de leitura do texto literário na escola foi satisfatório, porque, sobretudo, os alunos foram instigados à prática da leitura, viram a necessidade de romper com o comodismo. Uns mais, outros menos, já iniciaram sua prática diária de leitura e isso fez deles pessoas mais críticas, capazes de enfrentar as situações adversas nos diferentes contextos com os quais se relacionam. Relativamente às produções escritas, há um visível contentamento desses sujeitos alunos. Há uma tomada de consciência que marca a individualidade de cada um, resgata valores, cria uma percepção, que é a interpretação da sua essência, sujeito ativo da sua história, que constrói sua identidade e lhe permite recompor.

Enfim, aprende-se o aluno, aprende-se o professor. Nesse percurso da intervenção, foi possível trabalhar à luz de uma teoria que deu embasamento teórico para dar conta de atender aos diferentes modos de aprender de cada indivíduo, tarefa difícil, mas possível, porém, se não houvesse amor, nada teria sido permitido. Ainda sob o olhar das teorias, acompanhou-se o processo de leitura, interpretação, assimilação e escrita, que propiciou aos alunos uma retomada de consciência, que permitiu visualizar ações e atitudes que demarcam independência, segurança, mudança na relação com o outro e consigo mesmo.

Cabe ainda ressaltar que a leitura literária na escola ainda é renegada não só pelos alunos, como também por profissionais da educação, que veem o livro na mão do aluno como uma desculpa para o professor não dar aula. Porém, reafirma-se aqui que ela precisa continuar a ser ensinada. Nesse percurso, muitos alunos experimentaram a leitura com prazer e, inclusive, fizeram suas escolhas de leitura. Outros compreenderam a sua necessidade em sala de aula e seu valor e também leram. A divulgação do livro, produto final do processo de intervenção, ocorreu nos meios de comunicação locais: no jornal impresso *Cáceres Notícias* e no jornal eletrônico *Jornal Oeste*, e foi muito bem aceito pela comunidade escolar e pelos pais e responsáveis, por ser um material palpável que permite a visualização de todo o trabalho.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Cultura letrada: literatura e leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2006
- ALENCAR, S. E. P. **O cinema na sala de aula: uma aprendizagem dialógica da disciplina história**. Dissert. Mestrado. Fac. de Educação. Univ. Federal do Ceará. Fortaleza/CE. 2007.
- ALVES, R. Sob o feitiço dos livros. **Folha de São Paulo**, 2004. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u727.shtml>> Acesso em 9 mar. 2019.
- AMÂNCIO, I. M. C.; GOMES, N. L.; JORGE, M. L. S. **Literaturas africanas e afro-brasileira na prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**, Zygmunt Bauman: tradução Carlos Alberto Medeiros, Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar, 2005.
- BOYER, M. **História do turismo de massa**. São Paulo: EDUFBA; EDUSC, 2003.
- BRAGANÇA, A. **Contos africanos dos países de língua portuguesa**. (Org.) Rita Chaves: São Paulo: Ática, 2009,
- CANDIDO, A. **O direito à literatura**. In:\_\_\_\_\_. Vários Escritos. 3 ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CANTET, L. **Entre os Muros da Escola** (filme). Produção: Caroline Benjo e Carole Scotta. Distribuição: Imovision. 2008. 1 DVD (128 min).
- CARBONIERI, D. **Entraves**. Cuiabá-MT: Carlini e Caniato Editorial, 2017.
- COELHO, N. N. **Panorama histórico da literatura infanto/juvenil**. São.Paulo. Ática, 1991.
- COELHO, R. M. F.; VIANA, M. C. V. A utilização de filmes em sala de aula: um breve estudo no instituto de ciências exatas e biológicas da UFOP. **Revista de Educação Matemática da UFOP**, v. 1, 2011.
- COENGA, R. **Leitura e Literatura infanto-juvenil: redes de sentido**. Cuiabá-MT: Calini e Caniato, 2010.
- COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- \_\_\_\_\_; **Literatura: a formação de um leitor todo seu**. CEALE DEBATE- FaE/UFMG. Dia 29/03/2016. Publicado em 04 de abril de 2016, Disponível em <<https://youtu.be/S9Cs3yk2eqI>> Acesso em 8 mar. 2018.
- COSTA, A. V. L. **O canto encantado da identidade em raiz de orvalho**. Disponível em <<https://www.ueangola.com/criticas-e-ensaios/item/327-o-canto-encantado-da-identidade-em-%20raiz-de-orvalho>> Acesso em 12 fev. 2019.
- FERREIRA, A. Leitura e escrita nas redes sociais. **Principia**, n° 25, 2014, p. 42-50.

- GOMES, N. L. **Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais**. 1. ed., 1. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- HONWANA, L. B. **Nós matamos o cão tihoso**. Afrontamentos:1964
- MIRANDA JUNIOR, J. **Redes sociais e a educação**. 2. ed., Florianópolis : IFSC, 2013. 60 p. : il. ; 28 cm.
- JESUS, D. M.; CARBONIERI, D. **Práticas de multiletra-mentos e letramento literário: outros sentidos para a sala de aula de línguas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.
- KLEIMAN, A. B. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas-SP: Mercado das letras, 1995
- LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 14. ed. São Paulo: Ática, 2004.
- MAQUÊA, V. L. R. **A escrita nômade do presente: literatura de língua portuguesa**. São Paulo: Arte & Ciência, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Ilhas**. Cuiabá: Lemos Design, 2002
- MARTINS, M. H. **O que é leitura**. Editora Brasiliense S/A, 1982. MENDES, N. F. **Anhuma do pantanal: poesia da terra**. Cáceres - MT, 1993.
- MIGUEZ, F. **Na arte-manhas do imaginário infantil: O lugar da Literatura na sala de aula**. Rio de Janeiro: Zeus, 2000.
- MOTTA, A. L. A. R. O sujeito no discurso ecológico sobre a pesca na cidade de Cáceres Estado de Mato Grosso. Dissertação Mestrado em Lingüística, Unicamp, 2003.
- RAMOS, R. O que são redes sociais corporativas e quais são suas vantagens? Disponível em: <<https://imasters.com.br/conteudo-presenca-digital/o-que-sao-redes-sociais-corporativas-e-quais-sao-suas-vantagens>>. Acesso em 22 fev. 2019.
- RIBEIRO, V. M. **Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF**. São Paulo: Global, 2003.
- RODRIGUES, A. S. **Mente Insana**. Cáceres: Editora UNEMAT/Arte e Ciência, 2008.
- ROJO, R.; MOURA, E. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- SAGRADA, Bíblia-Harpa Cristã. Barueri, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, Rio de Janeiro: Casa publicadora das assembleias de Deus, 2014.
- SILVA, R. R.; COCCO, M. H. **Nossas vozes, nosso chão**. Antologia poética comentada. Cuiabá,MT: Carlini & Caniato, 2011.
- SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- VIANA, M. C. V., **O Cinema na Sala de Aula e a Formação de Professores de Matemática**. Minicurso oferecido aos alunos do Curso de Matemática na UFRRJ. Dia de Atividades Acadêmico-Científico-Culturais.18 de maio de 2010. Seropédica- RJ.
- ZILBERMAN, R. **O papel da literatura na escola**. Via Atlântica nº 14. Dez/2008.

## ANEXOS

## Anexo 1: Textos trabalhados com os alunos

13/08/2018

Identidade Mia Couto.png



## Identidade

Preciso ser um outro  
para ser eu mesmo

Sou grão de rocha  
Sou o vento que a desgasta

Sou pólen sem insecto

Sou areia sustentando  
o sexo das árvores

Existo onde me desconheço  
aguardando pelo meu passado  
ansiando a esperança do futuro

No mundo que combato morro  
no mundo por que luto nasço

Mia Couto |  
Raiz de Orvalho e Outros  
Poemas

## Identidade

Às vezes nem eu mesmo sei quem sou.  
 Às vezes sou "o meu queridinho"  
 Às vezes sou "moleque malcriado".  
 Para mim tem vezes que eu sou rei.

Herói voador,  
 Caubói lutador,  
 Jogador campeão,  
 Às vezes sou pulga,  
 Sou mosca também,  
 Que voa e se esconde  
 De medo e vergonha.

Às vezes eu sou Hércules,  
 Sansão vencedor,  
 Peito de aço, goleador!  
 Mas o que importa  
 O que pensam de mim?  
 Eu sou quem sou,  
 Eu sou eu,  
 Sou assim,  
 Sou menino.



BANDEIRA, Pedro.

## "CANÇÃO DO EXÍLIO"

Minha terra tem palmeiras,  
 Onde canta o Sabiá;  
 As aves, que aqui gorjeiam,  
 Não gorjeiam como lá.

Meu céu tem mais estrelas,  
 Meus vales têm mais flores,

Nossos bosques têm mais vida,  
 Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,  
 Mais prazer eu encontro lá;  
 Minha terra tem palmeiras,  
 Onde canta o Sabiá.



Minha terra tem palmeiras,  
 Que tais não encontro eu cá;  
 Em cismar — sozinho, à noite —  
 Mais prazer eu encontro lá;  
 Minha terra tem palmeiras,  
 Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,

sem que eu volte para lá;  
 Sem que dê fruto os palmeiros  
 Que não encontrei por cá;  
 Sem queinda aviste os  
 palmeiros,  
 Onde canta o Sabiá.

- Gonçalves Dias

## RECALDO A GONÇALVES DIAS

Tua terra tem palmiteiras  
- Sabago para exportar. -  
Na tua terra, Gonçalves Dias,  
muitos flocos de café,  
Retira azeite, ovinos e gado,  
Cantam no outro lugar?  
Por se fazer marenhense:  
Tua uscaripes do Goiás  
- na ambição de plantar roça -  
que as palmeiras que cantavam  
não têm mais o que cantar.

Te pediste um travaseiro  
cheio de terra de café...  
Marrubão dos maranhenses,  
que não podem retornar!  
Travaseiros de sanidade,  
não adianta carregar.  
Se plantado em Travaseiro,  
só se colher sorritos vãos.  
Lembrações de planta certa,  
planta na cunha do chão.

17 O título "Recado a Gonçalves Dias" refere-se ao poema "Recado a Gonçalves Dias" do livro "Recado a Gonçalves Dias" de João Cabral de Melo Neto, publicado em 1968. O poema é uma homenagem ao poeta brasileiro Gonçalves Dias, morto em 1862. O poema é uma crítica à sociedade brasileira da época, que não valoriza a cultura e a arte. O poema é dividido em estrofes e versos. O poema é uma crítica à sociedade brasileira da época, que não valoriza a cultura e a arte. O poema é dividido em estrofes e versos.

Festa chã, Gonçalves Dias,  
tão é mais para plantar.  
Corredor de boia estada,  
vem e só para passar.  
Ente a terra e o asfalto,  
falta segredo um povo ali...  
Tua terra tem palmiteiras  
onde conta a Oleobrás,  
onde conta a Fimprex brás,  
onde conta a Multibrás...

(do livro Versos Abstratos)

## Anexo 2: Atividade “Autorretrato”

### AUTORRETRATO COM MATRIZ

O meu nome é \_\_\_\_\_ mas pode chamar-me de \_\_\_\_\_ porque \_\_\_\_\_.

Tenho os olhos \_\_\_\_\_ como \_\_\_\_\_, os cabelos \_\_\_\_\_ e quando fico triste \_\_\_\_\_.

Se eu fosse um animal seria \_\_\_\_\_. Se eu fosse uma coisa seria \_\_\_\_\_. Se eu fosse uma flor seria \_\_\_\_\_. Mas sou apenas \_\_\_\_\_ chamada(o) \_\_\_\_\_ que sonha com \_\_\_\_\_. Nasci em um dia em que \_\_\_\_\_.

Gosto de ouvir o som de \_\_\_\_\_ de cheirar \_\_\_\_\_ e sentir \_\_\_\_\_. Quando era bem pequena(o) pensava que \_\_\_\_\_.

Contam-me que eu fazia \_\_\_\_\_. Os meus poemas preferidos são os que falam de \_\_\_\_\_ porque \_\_\_\_\_ e quando os leio em voz alta sinto \_\_\_\_\_.

As vezes fecho os olhos e peço \_\_\_\_\_ e desejo que \_\_\_\_\_.

### AUTORRETRATO COM MATRIZ

O meu nome é \_\_\_\_\_ mas pode chamar-me de \_\_\_\_\_ porque \_\_\_\_\_.

Tenho os olhos \_\_\_\_\_ como \_\_\_\_\_, os cabelos \_\_\_\_\_ e quando fico triste \_\_\_\_\_.

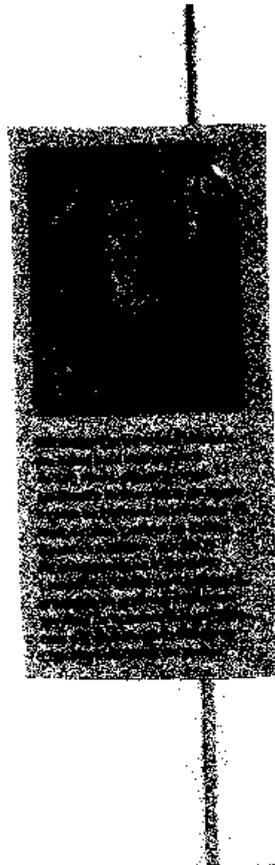
Se eu fosse um animal seria \_\_\_\_\_. Se eu fosse uma coisa seria \_\_\_\_\_. Se eu fosse uma flor seria \_\_\_\_\_. Mas sou apenas \_\_\_\_\_ chamada(o) \_\_\_\_\_ que sonha com \_\_\_\_\_. Nasci em um dia em que \_\_\_\_\_.

Gosto de ouvir o som de \_\_\_\_\_ de cheirar \_\_\_\_\_ e sentir \_\_\_\_\_. Quando era bem pequena(o) pensava que \_\_\_\_\_.

Contam-me que eu fazia \_\_\_\_\_. Os meus poemas preferidos são os que falam de \_\_\_\_\_ porque \_\_\_\_\_ e quando os leio em voz alta sinto \_\_\_\_\_.

As vezes fecho os olhos e peço \_\_\_\_\_ e desejo que \_\_\_\_\_.

### Anexo 3: Textos relacionados à região de Cáceres trabalhados com os alunos



#### MESTIÇA

o impacto súbito  
 decúbito ventral  
 teatral para um tombo  
 o lombo açoiado  
 açoiado o espírito  
 sem mérito algum  
 um egum andarilho  
 seu filho injustiçado  
 atijado como cão  
 no chão do castigo  
 perigo de morte  
 a sorte do cativo  
 vivo por um triz  
 cicatriz herdada  
 bordada na epidemie  
 o verme que devora  
 rememora o ancestral  
 espectral ascendente  
 resplandecente rama  
 da trança antiga  
 uma espiga de ouro  
 nascedouro de reis  
 menestréis da palavra  
 a lavra benigna  
 uma digna herança  
 da criança mestiça

## BAIA DE CACIKES

É a cidade que se formou  
 no próprio curso do rio  
 de esvaziado  
 por ação da mão humana.  
 É a baía de Cáceres  
 o manuseio de tranquilas águas.  
 Na gralha de tua forma  
 afrousa  
 brilhando as barrancas  
 do freguesia centro urbano,  
 compõe a baía,  
 com as baquitas do porto,  
 a ilha varujante e o céu da tarde,  
 cambreade de cores,  
 o fenómeno sempre  
 do pôr-do-sol cácerense.

O repatúgulo é tudo reasol  
 por isso te chamamos,  
 enseada antiga,  
 canhotesmente  
 Baía de Cáceres.



Foto: AKALUO B. D. Cáceres, Vila Maria do Paraguai, Cáceres, BDA, 2005.

## SONHO AZUL

O sonho se deu numa atmosfera  
 predominantemente azul.  
 Imagina-se os contornos  
 e o céu  
 surgiu, a campúculo rancei  
 (hoje atenuada).  
 A fôrça da do pêscoço, viu linda  
 na simplicidade em que foi construída  
 Por não pôs.  
 Minha, não se fez, pois sente...  
 o símbolo de irradiação puz.  
 Tudo parecia renascido em leves tons  
 de azul.  
 Achei-me em semiconsciência,  
 a coração batendo à mana-fô...  
 Acordei.



Moradin do Araguaia, Vila Paraguai - Cáceres - MT.

© Natalina Ferraz

## TUINIU'

De nossas necessidades  
faço histórias, ponderações, estudos  
explicações comuns de tuinú ou tuiho:  
ele possui da conta no crepúsculo

O tuinú, quando acorda e abre as asas,  
ultrapassa as bordas da manhã  
deste modo,  
o espaço aéreo só comporta um.

O tuinú é tão grande, tão grande que  
ao levantar vôo  
o céu sai de perto.

Por fim, Senhor meu, por fim  
quando um tuinú vai a óbito  
(porque nesta vida não falta adversidade)  
quando um tuinú vai a óbito,  
as borboletas requisitam guindaste  
(pelo menos para as penas – do lado do coração).

(do livro Sopa escaldante)

*Luclécia Magalhães Barbosa*

- 2 O Tuinú é uma ave típica da região centro-oeste, especialmente de Nesse poema, Luclécia mostra como é possível trabalhar com o símbolo sem perder o caráter naturalista da poesia, aquele que encontra em qualquer coisa, de qualquer tempo e lugar. O tuinú, no texto, é a que traduz grandezas (tamanho, inicialmente, e depois peso) e as grandezas das necessidades humanas. As vezes, as necessidades tornam-se insuperáveis, fogem ao nosso controle. Para expressar isso, o eu poético expediente fabuloso e diz, por exemplo, que o "céu sai de perto" quando levanta vôo. O ápice da analogia ocorre na última estrofe, quando as são metonímias para morte e, politicamente, sugerem piedade e liberdade, sentidos reforçados também pelo vôo das borboletas, as "penas do coração" (sentimentos, emoções) e pela interlocução que o I (apóstrofe) com a divindade (Senhor meu), não no sentido de que a intimidade dos que repartem o espaço pelo fato de as penas ser ponto de necessitarem de guindaste e leva a ponto de serem tiradas borboletas.

Um dia, o negrinho brincava e sem perceber afastou-se da casa grande. Entrou na mata e aproximando-se do gemido estranho encontrou a senhora num lodagal, em aspecto horrificante. Metade mulher, metade serpente a sinhá metamorfoseava-se gradativamente. Olhava o garoto e deu indícios de que havia compreendido que negro é gente. Quis rir e ao abrir a boca caiu veneno, separando pela pele cascada.

Raiojou revoltada e como uma naja furiosa voou até o Rio Paraguaçu. Apavorados aterraram o local e construíram uma Catedral. Os devotos amarraram o monstro com um fio de cabelo de Nossa Senhora. E a catedral de São Luís de Cáceres nunca mais pôde ser pintada para não incomodar a serpente.

AGNALDO RODRIGUES

Metamorfose

São Luiz de Cáceres nunca mais seria a mesma. Cedo ela tomou o café preto. O negrinho brincava pela casa, corria dando saltos e gritinhos salientes. Subitamente, derrubou um vaso de louça, daqueles bem antigos e de valor inestimável. A sinhá levantou furiosa, espoltoou o garoto. Os olhos estufados e arregalados jurravam-se aos frangidos das faces decorados pelas rugas de velhice. Depois, ela olhou à vaassala e percebendo o desagrado estampado nas feições da negra, ficou indignada. Como quem não admite reprovações dos atos praticados mandou a negra ao tronco.

Desceu chibatada no lombo da infeliz. Tiras de sangue escorreram e movida pela raiva passageira ordenou que a matassem. O coração foi servido no jantar. Delicioso, disse. Dias depois a senhora desapareceu. A criadagem foi posta muito adentro a procura de vestígios, mas tudo o que ouviram a todo fim de tarde eram gemidos. Gemidos sofridos, sentidos. Mas ninguém sabia a origem do som.

no

MENTE  
INSANA

Aginaldo Rodrigues da Silva

## Assassino na Torre da Saldra

No entanto, o sino badalou. A cidade mais uma vez vestiu-se de luto.

Todas as vezes que o sino da torre da catedral badalava anunciava a morte de um habitante da cidade. O sino passou a ser o mensageiro da morte, já que, através dele, todos eram convidados à reunião fúnebre: o badalo do sino significava o sugar de mais uma vida! Ninguém sabia quem badalava o sino. Provavelmente, era o assassino. Ou, simplesmente, o sino é quem cria o assassino.

Um mistério que meia modo a toda gente. Nesse dia ele acordou fúnebre. Tomou o café e foi visitar um por um de seus fiéis. Fazia isso uma vez por semana em dias alternados. Sempre em dia de missa! Como um amorego que se guia a favos humanos, saiu desenfreado para escolher dentre o seu rebanho aquele que iria sentar ao lado de Deus. Ele precisava salvar mais uma alma, já que a todos de uma vez seria impossível.

- Padre senhor Padre! Amanheceu hoje!  
- Para salvar as almas, os missionários devem começar a sua tarefa o quanto mais

cedo possível - ele respondeu.

O padre observou o ambiente, fez a sua pregação, olhou nos olhos de cada um dos integrantes daquela família, fez o sinal da cruz e saiu em direção à outra paragem. Passou a manhã em visitas e pregações. Almoçou entre os fiéis e com eles conversou sobre diversos assuntos: política, economia, literatura, filosofia, direito, sociologia e, é claro, religião.

- Já morte, senhor padre? O que pensa sobre a morte?

- A morte é apenas uma passagem que nos leva a uma vida melhor.

- Ou pior.

- Talvez.

- E se a pessoa foi má durante a vida?

- Tornar-se-á boa após a morte!

- O senhor é muito otimista, padre. Bem, vê que tens um bom coração. Precisas cozer numa vida desgraçada às pessoas que não viveram com decência na terra.

- Não há casos perdidos, meu caro amigo - disse o pároco. Em casos em que a maldade é extrema, a morte despoenta-se como a solução mais eficaz. As almas analisam os seus pecados na presença de Deus e são condenadas a uma regeneração, para que possam alcançar a misericórdia divina e, finalmente, serem felizes.

O padre, na única tentativa de colher uma informação que lhe parecia necessária, indagou, proposadamente, ao seu interlocutor:

- Em nossa cidade, por exemplo, não de má conduta têm tido os filhos de vocês, como se fosse a própria propriedade deles trabalhar. A cidade está limpa! Bem, também não conheço nenhuma pessoa que seja considerada uma pecadora por existência. Ou sabes de alguma?

- Como não, senhor vigário. O que me diz, então, da senhora dona Matilde?

- A do senhor Juarez Rezende?

- Pois. Vive a tirar o marido as suas barbás.

- Adulterio é um crime bárbaro aos olhos do senhor.

E assim continuaram a conversar sobre adulterio e as possibilidades de salvação das mencionadas. Terminado o almoço, o padre foi-se ter na casa dos Rezendes. Conversou com eles, analisou o semblante de cada um, ouviu com muita atenção o que diziam e, sobretudo, falou muito sobre a morte como reparadora dos erros. Sempre que falava sobre salvação olhava à senhora Matilde. Passou a tarde toda a conversar com os Rezendes. Ao fim da visita beizeu a epistola lançou um olhar de pena à Matilde e foi embora. Nesse mesmo dia houve missas. Matilde estava sentada no primeiro banco da Catedral. Ouvia os ensinamentos do padre e parecia entender a tudo. Balançava a cabeça em sinal de positivo, deliberando vocabulário e as palavras do mensageiro de Deus. A pregação era sobre o adulterio. Ao fim da

missa, Matilde foi à procura do padre, pois queria confessar os pecados que ele já bem sabia. Ouviu-a sem dizer uma só palavra. De dentro do confessional ele apenas rezava e rezava em voz muito baixa, parece que nem ouvia as confissões da arrependida.

- Qual a minha penitência, padre? Perguntou Matilde.

Naquela noite, Matilde não dormiu em casa. O marido pensou que ela estava, como sempre, a trair o pelas tabernas. As seis horas da manhã do dia seguinte os sinos da catedral badalaram. O corpo de Matilde foi visto na rua detrás da igreja, repleto de golpes de feridas por punhais. A melodia dos sinos convidava a comunidade para mais uma festa fúnebre. O padre badalava os sinos com um sorriso estacado no rosto, porque tinha a certeza de que havia salvado mais uma alma

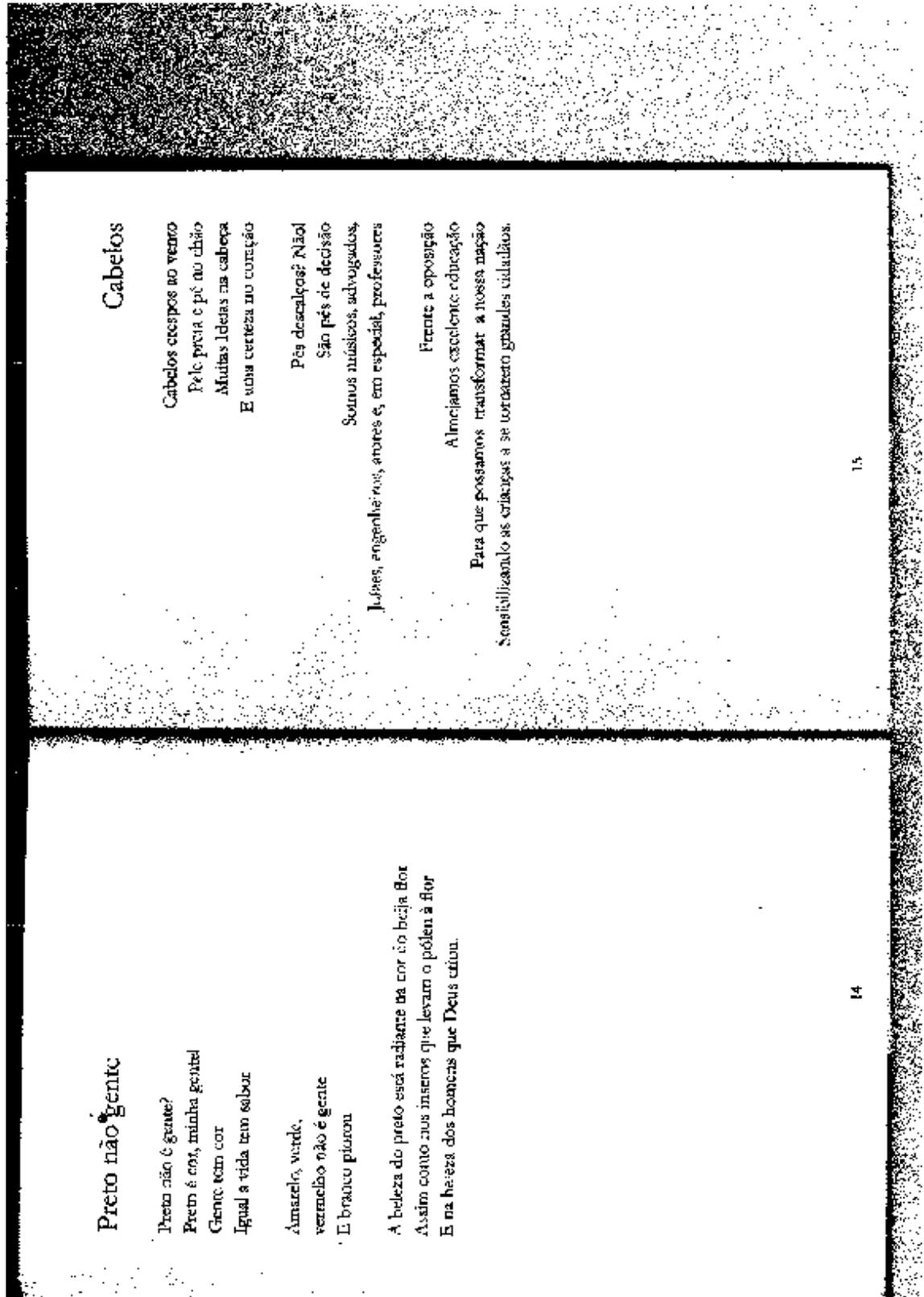
A

garça  
 c  
 s  
 t  
 i  
 c  
 a  
 -  
 s  
 e  
 toda  
 olhos e  
 atenção  
 quando  
 costura  
 mais um  
 peixe no  
 lago  
 b p  
 o r  
 e e  
 d g  
 a a  
 n n  
 d d  
 hat ões \_\_\_\_\_

(do livro *Quem muito olhe a seu fim leu*)**Adyze de Mattos**

4. No poema acima é possível visualizar o perfil de uma garça, ao mesmo tempo em que lêmos sobre ela. Este tipo de composição é denominado concreto. O poeta concreto procura a união do signo ao seu referente. Por sua disposição gráfica, despretensiosa no texto, ocorre a concretização da imagem. A garça está muito presente em diversas localidades do Mato Grosso. Seu bico fino mergulhando e emergindo do lago para pescar peixes assemelha-se ao ato da costura, ao momento em que a linha é introduzida para unir ou pragar bolões. O poeta, que é sempre um buon pescador de momentos, vale-se de imagens comuns da paisagem mato-grossense para descer numa poesia.

## Anexo 4: Textos relacionados aos negros



# As mãos dos pretos

Luís Bernardo Henriques

Já não sei a que propósito é que iam vinha, mas o Qualitat Professor disse um dia que as palmas das mãos dos pretos são mais claras do que o resto do corpo porque ainda há poucos séculos os avós deles andavam com elas apontadas ao céu, como os brancos do mal, sem as exporem ao sol, que lhes ia escurecendo o resto do corpo.

Lembra-me disso quando o Senhor Padre, depois de dizer as catequese que nós não presbiteramos mesmo para vida e que até os pretos eram melhores do que nós, voltou a falar mais de as mãos deles serem mais claras, dizendo que isso era assim porque eles, as escondidas, andavam sempre de mãos postas, a rezar.

Eu achei um piadão tal a essa coisa de as mãos dos pretos serem mais claras por que é que os pretos têm as palmas das mãos assim tão mais claras, por exemplo, disse-me que Deus faz-lhes as mãos mais claras para não se esquecerem a rezar, que faziam para

os seus padres ou qualquer outra coisa que lhes mandavam fazer e que não deva ficar seução lúmpa.

O Senhor Antunes da Coca-Cola, que só aparece na vila de vez em quando, quando as Coca-Colas das cantinas já tinham sido todas vendidas, disse que tudo o que me tinham contado era aldrabice. Chamo que não sei se realmente era, mas ele garantiu-me que era. Espeta de eu lhe dizer que sim, que era aldrabice, ele contou então o que sabia dessa coisa das mãos dos pretos. Assim:

"Antigamente, há muitos anos, Deus Nosso Senhor, Jesus Cristo, Virgem Maria, São Pedro, muitos outros Santos, todos os santos que nessa altura estavam no céu e algumas pessoas que tinham morrido e ido para o céu, fizeram uma reunião e resolveram fazer picles. Sabes como? Pegaram em barro, embarram-no em avelãs molhadas e para cozer o barro das estatuetas levaram-nas para os fornos solares, como tinham pressa e não houvesse lugar nenhum, ao pé do Brasil, para as levarem para os charminhos. Como, fumo, fumo e aí as mãos dos santos ficaram brancas. E tu agora queres saber por que é que as mãos deles ficaram brancas? Pois então se eles tiveram de se movimentar enquanto o barro deles cozia!"

Depois de contar isso, o Senhor Antunes e as outras Setevidas que estavam à minha volta, desataram a rir, todos satisfeitos.

Nesse mesmo dia, o Senhor Pires chamou-me, depois de o Senhor Antunes ter ido embora, e disse-me que tudo o que eu tinha ouvido para ali a ouvir de boca aberta era uma grandiosíssima piada. Não me disse e certinho sobre isso das mãos dos pretos era o que ele sabia: que Deus acabava de fazer os brancos e mandava-os fazer o mesmo banho no mesmo lago do céu. Depois do banho as pessoas ficam muito branquinhas. Os pretos, como foram feitos de material de

Luís Bernardo Henriques



*A morte é assunto que aterroriza e fascina. De onde chega? Para onde leva? Em "O estérno da bicicleta", a morte invade o cotidiano de uma remota aldeia africana. Nessa aldeia, um feio inocente, porém, é quase morto de que a dor causada pela perda: o inferno aqui de uma bicicleta.*

*Traspassada por um humor ácido, com tons de tristeza, a História de Nelson Sautê revela aspectos típicos do dia a dia e particularidades da cultura africana com algo de paródico.*

## Nós chorámos pelo Cão Tinho

Nota a Professora: Para o Livro R. H. H. H. H.

Por ter tido a classe, na aula de português.

Eu já tinha lido esse texto dois anos antes das duas vezes a história me parecia mais bem contada com detalhes que atraiam a atenção de todos os alunos em leitura silenciosa como a camarária professora de português tinha usado. Era um texto muito conhecido em Luanda. Nós mudamos o Cão Tinho.

Eu lembro-me de todos os alunos, da pressão do ar, da leitura e das folhas penduradas do Cão Tinho. Nunca me esqueci disso: um cão com folhas penduradas. Os olhos do cão. Os olhos da leitura. E agora de repente me apareceu todo ali de novo. Nunca mais voltar.

A camarária professora selecionou uns livros para a leitura integral do texto. Assim queria dizer que fossem ler o texto todo de seguida. Para não demorar muito, ela escolheu os que eram melhores. Nós, os da minha turma da oitava, éramos cinquenta e dois. Eu era o número cinquenta e um. Embora muitas vezes tentassem arranjar alternativas para os colegas, aquela era a minha primeira

uma onde ninguém tinha coragem de ser diferente. E alguns outros nomes de estígio violento.

Muitos eram nomes de animais: havia o Scorpena, o Calibito, o Pinça, a Barata-da-Sibéria, a Joana Voa-Voa, a Caravela, o Jacó, que eu não. Deve ser porque eu mesmo falava muito nessa altura. Havia o Fé, o Agostinho-Neto, a Scubidú e mesmo alguns professores Laura não escapavam da nossa lista. Por acaso a camarária professora de português era bebi porcaria e muita chegámos a lhe alembiar.

Os outros começaram a ler a parte deles. No início, o texto ainda está naquela parte que na prova perguntam qual é o nome pessoal dele, que é só introdução. Os nomes das personagens, a situação assim, no geral, e a maia do cão. Mas depois o texto ficava muito mais complicado ordenar um grupo de miúdos para brincar no Cão Tinho. Os miúdos tinham ficado contentes com esse ordem assim muito adulta, só uma menina chamada Isaura afinal queria dar proteção ao cão. O cão se chamava Cão Tinho e tinha folhas penduradas em seu que já falei isto, mas eu gosto muito do Cão Tinho.

Nessa classe eu também tinha gostado muito e eu sabia que aquele texto era duro de ler. Mas nunca pensei que uns legítimos poderiam ficar tão pesados dentro duma pessoa. Se calhar é porque uma pessoa na oitava classe já cresceu um bocadinho mais. A voz já está mais grossa, já fazemos toda hora a olhar as maias das meninas "entaldadas na gaveta", queremos beijar na boca meus demorados e na dança de alças ficámos todos apaixonados até os pais e os primos.

1. O livro usado neste texto foi o livro "Antes, depois, sempre no universo do cão" (N.E.)

2. Dicionário de língua portuguesa (N.E.)

3. Cão (N.E.)

4. Cão (N.E.)

5. Cão (N.E.)

Nós chorámos pelo Cão Tinho

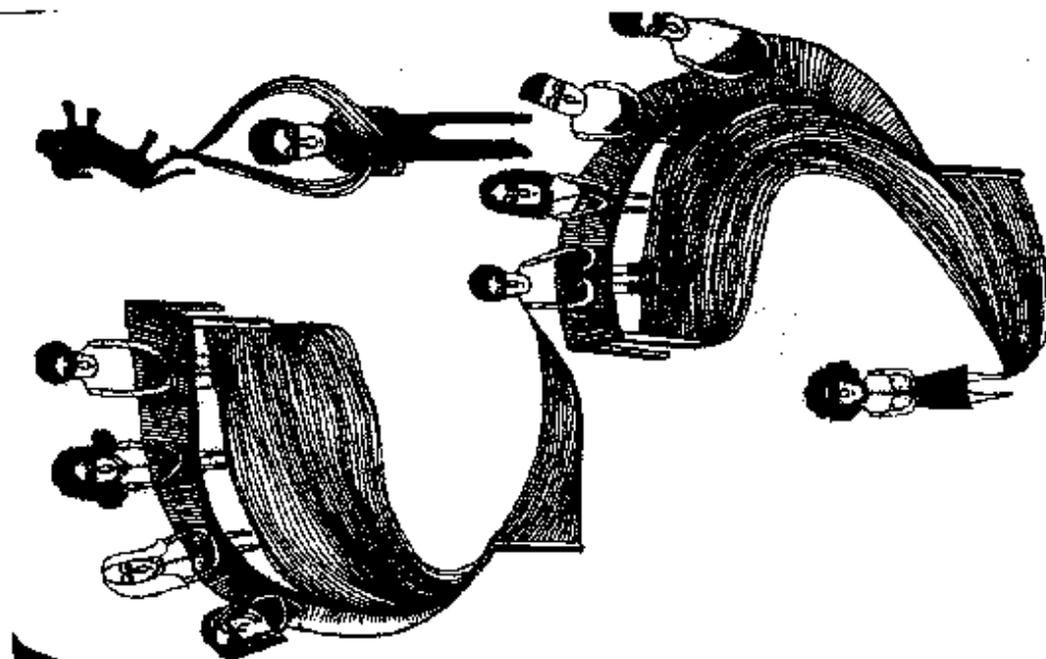
das tuacas vieram perguntar se estavam com frio mesmo assim em Luanda a fazer tanto calor. Se calhar é isso, eu estava mais esticado na maneira de ler o livro, porque comecei a pensar que aquele grupo que lhes mandaram estudar o Cão Tulioco nem tinha de propósito de ir, era como o grupo que tinha sido escolhido para ler o livro.

Não quero dar essa responsabilidade na culpada professora de português, mas foi isso que eu pensei na minha cabeça cheia de pensamentos tristes: se essa professora nos manda ler esse texto outra vez, a língua vai chorar mais, o Cão Tulioco vai sofrer mais outra vez e vão rebolar no chão a tir do Gumbo que já tem medo de disparar por causa dos olhos do Cão Tulioco.

O meu pensamento afinal não estava muito longe do que foi acontecendo na minha sala de aulas, no tempo da oitava classe, duas dias, na escola Muito Yu Kevela, um ano de mil novecentos e noventa: quando o Senbidá tem a segunda parte do texto, os que tinham começado a vir só para castigar os outros, começaram a sentir o peso do texto. As palavras já não eram líbias com rapidez, de dizer que eu era a mala rápida da turma e depois vir um parágrafo. Não. Uma pessoa afinal e de repente tinha medo do próximo parágrafo, escolhia bem a voz de falar a voz dos personagens, olhava para a porta da sala como se alguém fosse disparar uma pedrada de ar a qual-quer momento. Foi assim na oitava classe: ninguém lê o texto do Cão Tulioco sem ter medo de chegar ao fim. Ninguém admira isso, eu sei, ninguém nunca disse, mas bastava estar atento à voz de quem lia e aos olhos de quem escutava.

O céu ficou carregado de nuvens escuras. Olhei lá para fora à espera de uma trovada que trouxesse uma chuva de água frita. Mas nada.

Na terceira parte até a rainha da professora começou a angustiar-me: vou te ensinar a ler que não tinha, em palavras desconhecidas



os pés com o mesmo cuidado, algumas meninas começaram a ficar de olhos molhados. O Chavo avisou: "quanto chorar é melhor, então!" e os ripazes todos ficaram com essa responsabilidade de fazer uma casa como se nada dequão estivesse a ser lido.

Um silêncio muito estranho invadiu a sala quando o Cabrito se sentou. A professora não disse nada. Ficou a olhar para mim. Respirei fundo.

Levantei-me e toda a turma estava também com os olhos pingando em mim. Uma turminha virado para trás para ver bem a minha cara, outros fingiam do mesmo tipo compositivo de racismo. A Ana e a Rafaela que eram muito brancinhas estavam com as bochechas todas vermelhas e os olhos tristes, o Chavo amarelo-que devagar com o dedo dele a apontar para mim. Rogoff também um estape seco porque eu já tinha aprendido há muito tempo a ler um parágrafo deitava antes de o ler com voz alta: era aquela parte do texto em que os miúdos já não têm pena do Cão Lulhoso e querem lhe matar a qualquer momento. Mas o Crioulo não queria. A leitura não queria.

A professora levantou-se, veio devalgar para perto de mim, ficou quicquilha. Como se quisesse me fazer alguma coisa com o corpo dela ali tão perto. Mas, ela já tinha dito, ao me escolher para ser o último a fechar o livro, e eu estava visivelmente desatento, o silêncio normalmente era o que ia já mesmo bem. Mas naquele dia, com aquele medo, ela não sabia que em vez de me estar a perseguir, estava a me castigar nessa responsabilidade de falar do Cão Lulhoso sem chorar.

— Professora ... interrompi muitas dificuldades de falar. ... Não ficou para a saída?

Ela mandamente continuar. Voltei ao texto. Um peso me atrapalhava a voz e eu não podia só fazer uma pausa de olhar as nuvens

103

Genius affertanus

porque tinha que estar atento ao texto e às lágrimas. Se depois o sino tocou.

Os olhos do Cirilo. Os olhos da Luiza. A ruza da professora de ar nos olhos do Cão Lulhoso para as feridas dele penduradas. Os olhos do Chavo. Os olhos da professora nos meus olhos.

Os meus olhos nos olhos da Luiza nos olhos do Cão Lulhoso. Houve um silêncio como se tivessem disparado bue de livros dentro de sala de aulas. Fechou o livro.

Olhei as nuvens. Na minha classe, era proibido chorar à frente dos outros rapazes.

Despedida nasceu em 1877, em Lisboa, Angola. Autor de primeira geração de romances africanos, antes de publicar seu primeiro romance. Depois já era reconhecido como escritor, poeta, jornalista e artista plástico. Sua obra, pertencente de vários períodos literários, já foi traduzida para diferentes línguas, como alemão e chinês. Entre seus livros estão *Diário de Camarões* (romance) e *Os de África* (contos), ambos publicados no Brasil.



103

Não choramos pelo Cão Lulhoso

## O enterro da bicicleta

Nelson Sante

A aldeia foi sacudida com a notícia da morte do deputado. Todas as mentes são norteadas em nossa terra, mas aquela foi invulgar. A consternação cullien também se aldeia mais profunhas. Seria dividida que aquele era um acontecimento para se escrever nos armários da posteridade em que ele era a única personalidade carismática. Não era a primeira vez que empreendida aquela viagem de bicicleta até à vila, onde aparabara o machambor, que o levou ao distrito e, de lá, para a capital da província, de onde seria um boeing para a capital do país, onde se situava o parlamento. Meninim dos habitantes daquelas terras alguma vez ouvira falar de leões. Falava-se, sim, de crocodilos que, não raro, devoravam crianças desprevenidas que tentavam aliviar para a mangue adentro do rio. Contava-se inclusive a história de uma mãe que velou a cabeça do filho, dada que o corpo fora engolido por um crocodilo no rio. Aquilo leão foi

J. Ombres (N.E.)

30

o primeiro de que se ouviu falar e, provavelmente, ouviu-se a falar por aquela mãe. Parece que o deplorado ainda zezou alguma brasa de vida no momento de confronto com a situação. Não fugiu, olhou fronteiramente a situação, sem medo da sua Julia e dos seus rugidos. Mas não se deixou enganar pela ignorância de circunstâncias: as forças e armas eram lá para o momento de resgates. O João levou a melhor, tanto mais que do homem apenas restou uma bicicleta rotunda e alguns fragmentos de sapatos. A aldeia partiu durante dias para os seus funerais.

Quando o deputado seguiu para a capital, a aldeia partiu para a festa. A comunhão duraria nas primeiras horas da manhã. Os habitantes da aldeia eram formalmente convidados para dele se despedirem na véspera. Havia aqueles que mesmo assim madrugavam para ir à machambor, uma à hora dos cultivos estavam lá. Perturbavam-se duas longas filas por onde ele passava saindo de seus eleitores. Ninguém poderia duvidar: estava ali uma leão da aldeia, talvez a maior. Viase na forma como o homem do estomago, com cantos curtos, coreografias populares, batuque e dança que lembrava poesia.

O homem era conhecido por possuir uma extensa biografia, mas quando sublinhava-se a sua passagem literária pela luta social. Aliás, o momento fundador da nacionalidade tinha sido esse o seu exultador. Era um homem predestinado, indubitavelmente não teve uma infância como as outras, caso os seus pais não tivessem carregado a pátria. Não se falava, como os outros metidos de uma pura passagem pelo profano de pastor de gozo. Para profano, não não, dizia-se com ênfase, uma profusão sobre. Cada filho da se envolver em atividades políticas. Teve que abandonar a sua aldeia e tornar a Norte, para partir-se à luta. Regressou com

J. Ombres (N.E.)

O enterro da bicicleta

31

a independência e não quis experimentar a vida da grande cidade, não que temesse seus perigos, as tentações que devoraram os revolucionários, a intriga que viu engolir muitos dos seus companheiros. Retornou à sua aldeia porque acreditava que era um homem do campo e lá tinha uma casa. Na verdade, aquela já não era a aldeia que deixara, mas muitos dos habitantes eram ainda do seu tempo. Vivia agora numa aldeia consual e dedicava-se às atividades políticas.

Caçava e os sonhos. Agora caçavam distantes. Ouvia e sorria. Tinha uma corcova trôpeca no ombro, mas não parecia a mandeiba nem a fêmea nas longas reuniões do partido, no parlamento ou na aldeia.

Muito se dizia também do deputado. Não foi ele que escolheu a mulher, foi-lhe distribuída pela chefe. Isto é o meu marido.

— Quêreres chegar à independência sem mulher? Não és que estás ali, unidas e amarradas?

Aparentam para havet que era solteira. Assim desposou a mulher com quem vivia e partilhava a sua vida. Acomece que o homem via via afeito a esses boatos e prosseguia animado com a sua atividade. Frequentemente doctis para a capital, burocratas no hotel do partido. Ali não faltava gado, mesmo quando lá fora tudo escasseava. Era o tempo das bichas e do curso de raciocínio. O preto de que mais gostava no hotel era calcitrado de calcito. Uma Lada vinha apinhado e dirigisse ao parlamento.

Na aldeia onde vivia o deputado não havia um único automóvel. Por aquela rua, a única, de poeira e sem árvores, por vezes passavam bicicletas. Era uma rua sem o ombrejilho dos monturos,

1 Filho (N.E.)

2 Como faziam na antiga União Soviética muito frequente nos países africanos que começam a sair depois da independência (N.E.)

apenas com crianças que brincavam de baixo do sol quando não tinham gado. Nos dias em que o deputado regressava da capital, a rua enfeitava-se. Duas crianças eram preparadas para oferecer uma coroa de flores, que lhe era colocada sobre o pescoço. Muito depois de vê-las a marchar, com passos sincronizados, como se fosse um dia só, regressavam à capital. O deputado cumprimentava toda a gente com delicadeza. O seu regresso era não só motivo de festa na aldeia, mas também de tristeza.

O homem, depois dos cumprimentos da aldeia, dirigia-se à casa, onde lhe esperavam um balde de água quente para se banhar e comida diligentemente preparada pela mulher. Enquanto isso, os seus numerosos filhos não o largavam, tentando saber que perdidas o pai trouxe da grande cidade. Mas tarde recuava-se com as pernas murchas da aldeia e fazia uma longa banha, contando episódios das viagens, as pessoas com quem falara, o contacto com os altos dirigentes do partido e da Nação. O deputado repetia fielmente os discursos proferidos na tribuna do parlamento, argumentando sobre as vitórias da revolução, vituperando o inimigo. Os seus olhos orçava, os gestos eram rápidos, e sua eloquência manifestava-nos numa figura mítica. Porém o ouvinte apenas poderia convencer-se de que estava ali o presidente, fazendo um daqueles seus discursos.

O homem era o orgulho daquela remota aldeia, que vicia das mãos de alguns gado, trair do que mata. A água escasseava, mas para que não muito boje, pelo qual as mulheres procuravam aquecer os alimentos com fogueira à cabeça. As cozas eram de adobe, muitas delas variadas, hieráticas. Na semana uma curva feita de palha, onde as mulheres se deitavam na ausência das tardes do tempo de calor. Havia

3 Mãe, vovozinho (N.E.)

4 Um dia de festa de angola, onde se usava ao sol, a roupa tradicional de palha ou algodão para fazer as suas vestimentas. (N.E.)

deputado. As autógrafas não eram antenadoras. Só havia a bicicleta que se resistia à violência do refrigo. Masrou a bicicleta, havia quem usasse, já vinha muito desfigurada. A peixeja toda sido de melhor modo. Mas tinha que haver um funeral. Porém, não havia tempo para enterrar. O caixão velho por vezes roupa o seu silêncio proverbial e fôlego ulhando para a invenção do céu:

A alma do morto só decisões quando entramos o seu corpo.  
Um outro, do grupo, interrogou-se:

Como havemos de vestir o luto se não enterremos o homem?  
A despeito, formosmos-nos vários conselhos. As espiões e a azáfama se haviam apoderado de todos. A aldeia preparava-se para se curvar a morte e era homenageada ao seu mais ilustre filho, o deputado da Nação.

Ele morreu um furioso do Estado!

Quase ninguém entendeu aquela frase demorida, aquela enfática proclamação. As ideias sucediam-se:

... Temos que construir um mausoléu.

Também ninguém sabia o que significava aquela palavra que entrava uma evidente grossolofôquia. Apenas o professor, que era uma lenda da aldeia, se recordava do significado daquela estranha coisa que tinha sido invocada. Ele explicou complicando:

... Mausoléu é um sepulchro austroso.

Mais conselheiro. O homem do partido, que fizera aquela eloquente proposta, enches os pulmões de orgulho e resmungou:

... Mausoléu é um lugar onde se enterram os grandes. Enterram é uma forma de expressão. Na verdade, eles são depositados em gavetas sem dimensão, houve quem atalhasse:

Os grandes, sim, não estão depositados numa cripta?

— Sim, os nossos grandes descuem na cripta, mas essas são as grandes nacionais, outros assim como o deputado merecem tano

ali um posto sanitário, muito preciso, onde a velha paratista olhada a bordo o tipo de doentes. A trevoe mais frondosa tinha uma gigantesca copa que fazia uma sombra enorme, capaz de abrigar todos os crianças que aguardavam acovoadas. Era uma aldeia pobre, mas os seus habitantes eram felizes. O deputado gostava de o reficir nos encavellou em que participava quando relatava os progressos da sua terra.

No dia em que foi conhecida a notícia da morte do deputado, os irmãos não tiveram outras, as mãemas regressaram cedo da malhada, os homens se reuniram na casa do mais velho dos aldeões. O deputado era um homem de um certo ideal, mas havia amigos na aldeia, que tinham outra antipatia. A nuca de poesia, onde perfilavam as habitações da aldeia para receber a figura singular da terra, em um horizonte de tristeza e desalento. Os irmãos recolhiam-se. Não se ouzavam as grunhidas que atravessavam os dias, nem os gritos dos que chamavam pelos seus, apenas um outro galo encarejava extemporâneo. Um profundo silêncio baixava em a poeta da sua.

A velha parede ficava o posto sanitário. Não tinha muitos doentes. Era uma situação de emergência. Foi encarejado de assontar e amparar a vítima. Outros mãemas também assomaram à porta da casa do deputado com a mesma missão, enquanto os homens tentavam uma saída para aquele emburgho. Os filhos do falecido foram distribuídos pelas famílias mais próximas para brincarem com outras crianças.

Os amigos foram unânimes: um funeral com o rigor inapropiado. Mas antes de tudo era preciso resgatar o que sobrava do infante encontro entre o homem e o animal naquela viagem fática do

7 Termo que designa mulheres mais velhas, por alusão ao vechho do tempo. Inguia é uma noção do Maranhão. (N.R.)  
A ilustração retrata algum de respeito. (N.E.)



alides. Sempre que uma figura importante desembarcava naquela  
 lugar, mesmo o próprio deputado tinha sido agraciado. Infelizmente  
 vezes com aqueles câmbios. Era uma manobra da ordem que cui-  
 dava do assunto e, ao que parece, tratava uma indústriai comu-  
 petência. A comissão de ornamentação tratou de cobrir fôrca ni-  
 vestras das mais variadas. A entrada de casa do deputado havia uma  
 coroa enorme e o percurso que foi traçado do lugar onde saíra e  
 uma até ao centro foi igualmente engalanado.

Nenhum pommer escapou. Havia duas bandeiras apenas na  
 aldeia. Uma por cima, que via a casa o administrador do distrito  
 e fora guardada para ocasiões solenes; e outra estava na. Ambas le-  
 ram pueras a sua base. Os músicos desentrousi bandeiras nas folhas  
 ocultas dos cedernos e prenderam-as com jaus de cabelo a entrada  
 das casas. Vieram viúvas de longe: o administrador, representantes de  
 outras aldeias, uma alta figura do partido que ninguém sabia identi-  
 ficat. A aldeia toda compareceu na manhã do funeral e encontravase  
 junto da pelarique que ficava num desampado que servia de campo  
 de futebol para os miúdos. Quase todos entregavam tempo que de-  
 terminava o luto e tinham os rostos corajugidos de dor e tristeza.

A urna imponente num pequeno estrado. Foi coberta por capul-  
 cas<sup>10</sup>, as bandeiras, as duas únicas que existiam não eram suficientes  
 para todo o feretro. Os convidados tinham lugares sentados, assian  
 como as autoridades locais e aqueles que se haviam deslocado para  
 a cerimónia. A viúva e os nove filhos do deputado estavam senta-  
 dos na primeira fila, do lado esquerdo, num banco sem costas, por  
 condiz passaria a enorme fila dos que lhes prestavam homenagem.

<sup>10</sup> Capoteção do Mulher Moçambique (N.E.)

<sup>11</sup> Em vez de infâmica - no sentido de fustigar em Moçambique de diversas maneiras utilizado  
 a campo, como um vestido, no modo de quarda, como uma casa, enviado na roupa etc.  
 As capulcas tinham: entre muito presentes em strait. (N.E.)

(1) O início tinha sido marcado para as parvitas hinas, o sul foi des-  
 h) a a fugir o voto das presentes. As mulheres cantavam. O chefe da  
 selojo do partido fez o elogio fletobit, seguiram-se mensagens, eufes  
 il os hinas de aldeia carregaram, acompanhados, aquela enorme e  
 ilidone uma. O cortejo percorreu o trajeto indicado, as quartas e as  
 quafitika que se despediam do deputado ao intequetiva. Chega-  
 dos, se demissão houve mais elogios antes de a urna descer à terra

Na final, houve lavagem de mão, em casa do defunto. A casa  
 yndala do chá tinha muito gente e as convivas, nos estúlos  
 dos honetas, já denunciavam que havia alguma desconfiança. Os  
 ferretos começaram a despoir-se o início da tarde para empreen-  
 derem a viagem de regresso. Te repente, surgiu um burburinho e  
 oprimeção a juntar-se pessoas. Chegara, não muito tempo antes,  
 um estrangeiro. O homem fizera tudo para chegar antes das huns-  
 cas de danças bicicles. Porém, houve percalços que o ultraram  
 pela estrada. A sua volta estavam apenas as hinas que haviam  
 acompanhado aquele último ritual de despedida do deputado. As  
 mulheres mantinham-se num grupo à parte. O mensageiro caiu  
 logo, sempre com a língua de fora. Ainda tentaram reanimá-lo,  
 ficou morto antes de revelar o que lhe trouxera de tão longe.



Mulheres durante o funeral em 1987, em Lourenço  
 Marques (hoje Maputo), Moçambique. São as  
 viúvas e as irmãs do deputado. A mulher à direita  
 da foto, em primeiro plano, é a esposa do deputado  
 morto. Independentemente. Muito da sua história tem  
 been objeto perfido de história moçambicana. Por-  
 meio das histórias de comunicação, foi professor e  
 jornalista.

Dizia um poeta que o homem é o único animal que passa pelo seu semelhante e fugir que não vê. As formigas, nas suas trilhas, só passam umas pelas outras, cumprimentam-se. Você pode observar. Elas se beijam, descejam bon-dia e presseguem.

Esse espírito de humanidade, no sentido pleno do reconhecimento do outro como seu semelhante, é uma grande lição que poderíamos aprender com as formigas, embora, por conta de umas questões paralelas o trabalho tem sido uma grande metáfora para o ensinamento dos homens.

No transcurso da vida estamos sempre nos encontrando com alguém. Como é que as pessoas surgem na nossa vida? Não nos damos conta de que diariamente uma pessoa diferente passa por nós. Mas entendamos o valor disso.

Se as pudéssemos pensar que cada pessoa é um mundo, uma casa com poção e sótão, uma possibilidade infinita de coisas... Um universo! Como entrar nesse mundo, nessa casa, andar pelas divisões internas, usar suas paredes, a força de seu aficção, o acolhimento de sua poltrona preguiçosa num canto de sala, um telhado que protege a natureza implacável que desce do céu, portas e janelas que dividem áreas íntimas, um degrau abaixo que vela contos e histórias antigas, um cômodo neutro do nível que abriga segredos inconfessos.

Quando olhamos os prédios num cidade grande, aquelas linhas todas que desprendem de milhares de janelas, o que nos dizem? Cada luz é uma vida? Não. Cada luz é um grupo de vidas, um grupo de conflitos, de contradições, de vicissitudes.

Que desejo essa casa inspira, que tentações tem essa casa

que quanto mais a descoberto mais a amo? Na medida em que a revelo sinto vontade de transformar seu espaço, a imobilidade da parede, o sabor da parede, a textura do seu silêncio. tantas cores e cores supradas em certos dias, quanta quietude em ilhas de calmaria, quanto gritos em dias de tormentas. Tanta publicidade na forma, quando coisa calada sob as cortinas. E o desejo de subir degrau por degrau, abrir janela por janela, encanear portas, levantar o tapete, reverter a mobília, desatampar as paredes...

Mas uma pessoa é uma pessoa e por isso tem mais de um estado e mais de um porão, tem satélites milimétricas no desvão das paredes, tem dor escondida no porta-retrato sorridente da sala de visitas, tem sonhos atirados pela emergência da vida, tem pela vida que ainda não foram inventadas e acinzentadas que ainda não puderam sorrir ou entristecer porque andam esperando que sejam terminadas, tem noção do tempo das geleiras, tem frutas maduras envelhecidas, tem carinho sem destinatário e afeto insistente, amor de gato e cachorro que não abstrai...

Uma pessoa é uma pessoa e conhecê-la é estar disposto a entrar através de suas galerias, apertando para ver onde é que tem um interruptor de energia, não para interromper coisa alguma, mas para ver onde é que dá pra ser feliz. Assim mesmo, um dia as paredes vão embora. Depois de termos sido dependentes do seu simples existir sem nos dar conta. Nesse momento da ausência, tudo fica separado, a luz incomoda, o sussurro é preciso, e sofrer é uma consequência que lampeja timidamente sem saber se é ator ou não.

Depois de tanto barulho ficamos avisados de que aquela pessoa é um mundo que faz parte do nosso e que por falta de tempo ou de interesse, passamos sem visitar alguns lugares raros de sua terra estranha. O sentimento da ausência resume a língua portuguesa a respeito da ausência. E ficamos sabendo através da memória parte de um mundo diferente, que nos diz respeito, e que de repente nos traz de uma vontade de passear pelos seus vales e montanhas.

Nesse momento é hora de sentir saudade, como dizem Drummond e Manuel de Barros, de ter lições com as crianças.

## Zito Makoa, da 4ª classe

Na mesma hora, era que a professora chegou, já tinham-lhes se-  
parado. Mesmo assim arrumava para o meio das crianças e pôs duas  
cadeiras da casa de Zito. O barulho das mães na casa grande da do-  
mestradinha que estava a fazer o almoço e mesmo o fêto, confiado  
pela professora, ficou quietinho que nem um rato.

Mães, mães, mães, mães! Quem começou? — e a fala  
irritada da mulher empolada e gorda fazia-lhe ainda tremor os bra-  
ços na ponta da nariz. — Mães, mães, mães, mães.

Ninguém que se acousou. Ficaram mesmo com os olhos no chão  
da aula, fingendo e espantando as crianças que os sapatos tinham de-  
scido no cimento durante a confusão. Ruivosa, a professora deu  
um pulso na usanga de Zito e gritou-lhe:

— Desembriços, matricados! É sempre tu que arranhas con-  
fissões!

1. O mesmo (N. 1.)  
2. Pessoa de pequena usanga (N. 2.)

— É, ele mentou — e essa acusação da filha obrigou toda a  
gente a gritar, apontando-lhe, sacudindo o membro de respeito que a  
professora trazia quando chegava.

— Foi ele, né pessoal? Receveu coisa...

— É bandido. O irmão é terrorista!

É os gritos, os insultos escondidos, apertando-se à volta de Zito  
Makoa enquanto a professora sacudia com força o braço, para ele  
confessar mesmo. O miúdo, gorilho e baixo, balançava parecia  
que chorava e não chorava com ninguém. As lágrimas é que cor-  
riam na cara arranhada da peleja que tinha passado.

A confusão tinha começado mesmo no princípio da escola  
quando Chiquito, um miúdo amarelado como bruto e agouço  
de arrete como era sua avó, viu Zito de amigo dos negros,  
por causa da boca da manha. É que Zito e Zito eram amigos de  
muito tempo. Desde a 1ª a escola era a mesma e os dois gostavam  
de sair nas aulas para caçar os pássaros nas hortaças das plantações,  
antes de Zito Makoa, que estava nozar no Rangel, ficar no largo  
da escola, esperando a carrinha da dona de só futebol, naquela  
hora de seis quando o povo saíam no sentido do N. 1.

Sempre trocava suas roupas, lance de Zito era para Zito e  
antes de Zito de Zito. Zito era para Zito. Um dia  
acertou, na 3ª, quando Zito adiantou fazer uma 1ª prova, cae-  
ra nas águas das chuvas na frente da cozinha dele, o Zito, enfiar-  
la, na outro dia lhe deu um bocado de fazenda que tirou no pai.

1. Pelo tamanho de um sêculo de escola receve que tem possibilidades matricais.  
(N. 1.)

2. Criança (N. 1.)

3. Dito, filho de família de moço e esposa; miúdo popular e baixo se usava usanga longa.  
(N. 2.)

4. Caso de tratamento precário, barbaço. (N. 3.)

Zito Makoa, da 4ª classe

o primeiro...  
o primeiro...  
o primeiro...

... sempre...  
... sempre...  
... sempre...

... em...  
... em...  
... em...

... e...  
... e...  
... e...

Zeca veio deitar, envolvido o mabelo dos olhos, guardando o mão no bolso. Os outros cercaram-lhe à volta da professora e Bino aproveitou para dar-lhe ainda um empurrão. No meio daqueles miúdos todos, atambidos e descontentes, ficou o Zeca com os olhos pousados no chão, o Zito Makau chorando de talva e a professora.

— Mostra aí o bilhete que esteve aqui. Expressat

— Não escrevemos bilhete nenhum...

— É mentira, é mentira, a gente viu! ... as filhas perceberam que as cores à volta do nome de Zeca.

— O bilhete, depressa! — e afastou-se para tirar o aponteiro.

Sucedeu um ruído alpendo, a sala ficou mais grande à volta dos miúdos e a professora parou a fazer os sinais, como em técnico de professora, na orelha do Zeca, mas ele não falou ainda.

— O bilhete, sim! O bilhete, duas...

As pontinhas continuaram a beler-lhe na cabeça e no ombro. Foi aí que Zito Makau se pôs na frente e levou a quarta pancada.

— De aí, Zeca. Não importa.

Nessa vez Zito saiu com o pisco da professora, mas fez um fogo. O bilhete já — saia no bolso do anigo e a cambula foi, com cuidado, e chamada por um em "par de Zito", para perguntar na fim com voz diferente:

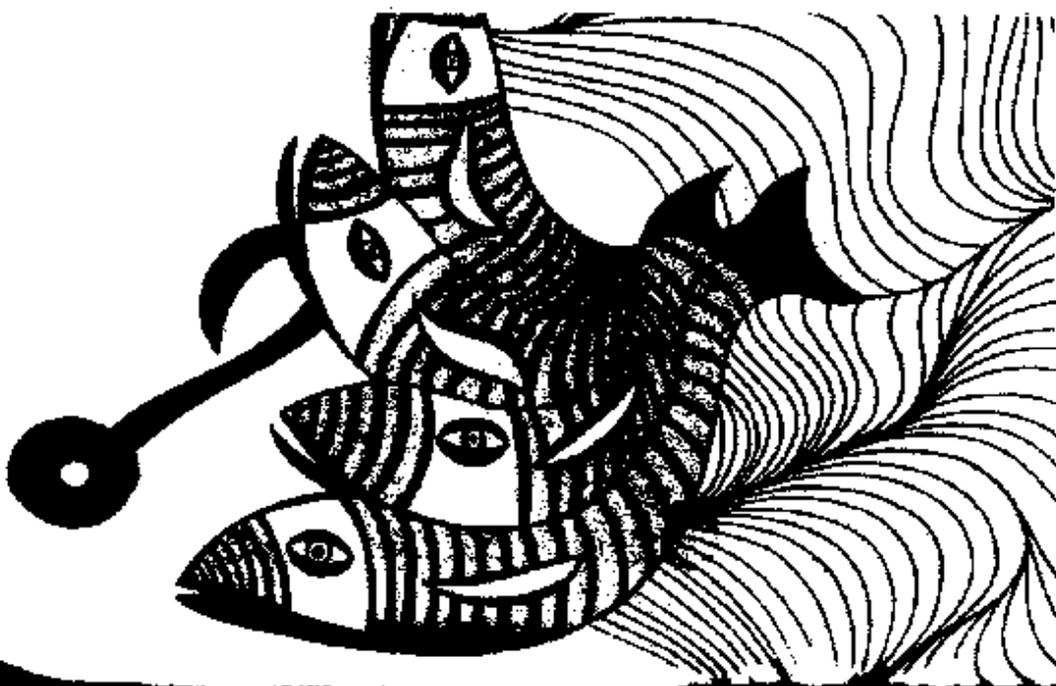
— Quanto escreveu isto? Mas tu, miúdo?

Zito nem teve mais tempo de se desatender. As crianças choraram de toda a parte e, quando a professora acabou, levantou-se pelas cadeiras, no gabinete do diretor da escola. Além de Zito chorando, os outros miúdos foram parando-lhe, uns com cara de mau, outros com sorrisos iníquos suaves.

12. A parte inferior da página, onde a menina vaticina o futuro, é muito inspirada na maresmã (Mila)

100

Com os africanos



— Ah, não! Vá-lhe na escola, não! Malandro, vidões de nuca e se se já se viu esta falta de respeito! Negro: Todos iguais, todos iguais...

A voz irritada da professora soou-se cá fora, e Zeza Silva e Inêsava a dar do amigo um capoto da variedade, não sabia mesmo o que ia fazer para lhe apagar aquele fogo. Não gostavam mesmo, essa coisa de aldráque nunca que fazia, a mãe sempre lhe gabava por isso mesmo, e apanhava-lhe não falava nem as reuniões, aquilo que ele fazia, tanto faz é bem, já me faz é qual, ele nemava, e agora, porque já hoje era melhor mesmo mentir, era ainda a vontade de o amigo lavar mesmo. Não lhe vinham a cabeça. Por isso que tinha dado aquele outro bilhete, de é que tinha lhe escrito de pressa, aproveitando o confusão.

Por o Afonso mesmo que estava feliz com as palmatoadas do director, se ouvia, cá fora, o boqui, mas não, um grito, ou um outro, chamando-lhe de negro-malandro-pancador, o bilhete que ele, Zeza Silva, escreveu em cinco ou seis linhas, para salvar o amigo da escola, o amigo das brincadeiras e de fazer coisas.

O recreio estava acabar, o continuei a já fazer a campainha. Zeza Silva pensou então que não podia deixar o Zito sozinho, e chegou ao quarto do director, sem ninguém, abastecendo com as dozes, o melhor era mesmo fugir na escola.

Os outros todos estavam na classe e ele sem entrar na casa de banho, onde tinha se escondido da professora, e do director, e deu voltas a casa da escola.

No jardim da frente tinha parais a cantar nos pios e, uoua hora das onze, um sol bonito e quente brincava as sombras com as folhas e as paredes. Trepado num vaso alto, Zeza Silva, o coração a bater de alegria parecia ia lhe saltar do peito, empurrar a janela de vidro do quarto do director e chamar:

— Zito!

Canções africanas

O amigo veio devagar, desconfiado e melancólico, mas, quando viu a filha a cara do Zeza desprezar, quis pôr um riso no meio do choro calado, mas não conseguiu. Desatou mesmo a chorar com toda a vontade.

— Zito, deixa, não chores. O bilhete está aqui, o nome: bilhete está aqui. Ela não lhe apanhava. Aquela era outra.

Desamarrando uma folha de papel, mostrou ao amigo o pequeno pedaço do caderno de uma linha onde, com a letra grande e torta dele, Zito Maluco tinha escrito durante a noite: "Acho-o a ti e os seus amigos".

Devagar, trepando na cadeira, sem batição, rebechar o bilhete, guardou-lhe bem no bolso e pôs outra vez na mão do amigo, as suas palavras, que tinham apanhado-se pelo confusão de Zeza Silva.

Mirando o amigo fingia-se com depressa no papel dele, pouco a pouco, Zito Maluco deixou correr as lágrimas no meio do riso no, de parol, Zito Maluco deixou-se com depressa no papel dele, pouco a pouco, que lhe e achou no coração e angústia, atrapalhado, o amigo que corria no nariz e lhe desent na boca um hino gostoso de mel.



Leandrinho Vieira nasceu em 1886, em Portugal. Ainda criança, José Leandrinho Vieira mudou-se para Angola, onde levou para si a vida de artista. Foi preso diversas vezes e, na prisão, produziu grande parte de sua obra. Comparado a muitos da geração como Gilgamesh, Inês, e suas histórias Leandrinho conta e divulga a mensagem humana e denúncia social. No Brasil, foram publicadas suas obras de contos, poemas e A cidade e a infância.

Zito Makou, de 44 e 1910

## Anexo 5: Entrevistas respondidas pelos alunos do Ensino Médio

**Escola Est. Profa. Ana Maria das Graças de Souza Noronha**

Profa: Dionila Gomes Tavares

Grupo de alunos:

*Adriana, Luíza, ...*

### Questionário para entrevista

Nome do entrevistado:

Série: *2ªA*

**Em relação ao preconceito racial você diria que:**

Existe, porém é ignorado ()

Existe e é discutido (  )

Existe, porém não declaradamente (  )

Não existe. (  )

**Já sofreu algum tipo de preconceito racial?**

Sim

~~Não~~

Descreva:

.....  
 .....  
 .....

**Já presenciou alguma atitude racista?**

Sim

~~Não~~

Descreva:

.....  
 .....

**Para você, há segregação racial (ato de separar/isolar) aqui na sua escola?**

Sim

~~Não~~

Descreva:

.....  
 .....

**Em relação ao ambiente escolar, você percebe diferenças no tratamento dado a brancos e negros?**

~~Não~~

Sim

Descreva:.....  
 .....  
 .....

**Em relação a ideia segundo a qual haveria igualdade de oportunidades para negros/brancos, homens/mulheres, jovens/adultos na sociedade brasileira, você diria que:**

Podem ser comprovada na prática, pois há igualdade racial no Brasil.

Faz parte do imaginário social brasileiro, mas não se confirma na prática;

Não faz parte do imaginário brasileiro;

Nunca existiu

Descreva.

.....  
 .....  
 .....

**O que justificaria a implementação do sistema de cotas:**

Uma dívida histórica com os negros, a quem o acesso ao ensino superior foi e é dificultado.

Um ato meramente político, que reforçaria a ideia de que o Brasil é uma democracia racial

Tomar o acesso ao ensino superior mais igualitário dentre os que são menos favorecidos.

Uma política abusiva que mascara a real necessidade educacional voltada para a melhoria da qualidade do ensino público.

**Você acha que o sistema de cotas:**

Contribui para a diminuição da desigualdade entre raças;

Contribui para o agravamento do problema do racismo, que não é tão difundido na sociedade brasileira;

Cria oportunidades para o negro, mas acentuam a discriminação racial;

Prejudica estudantes que obtêm boas notas no vestibular e perdem a vaga para os cotistas;

É injusto, pois beneficia uma elite negra e não os negros mais pobres;

Reforçam a crença da incapacidade intelectual do negro;

É essencial, pois visa a correção da desigualdade de acesso ao nível superior.

**A discussão em torno da questão racial é importante e deve ser tratada como tema principal?**

Não pois é irrelevante,

Não, pois vivemos numa democracia racial;

Sim, na medida em que afeta a vida de toda a sociedade brasileira e a construção de sua identidade

Não sei informar

**Existe algum tipo de preconceito na sua escola?**

Não

Sim

Descreva:

*Se existir, em qual horário?*

Existe algum tipo de preconceito em sua sala de aula?

~~Não~~

Sim

Descreva:

O preconceito mais frequente na sua escola está relacionado a:

Raça

Idade

Opção sexual

~~Não~~

Class Social

Outros - Quais?

Quais os assuntos referentes a diversidade que gostaria de ser abordado na escola?

*O preconceito sobre o uso de drogas e o de  
prejuizo a Bullying*

*Bom dia*

Escola Est. Profa. Ana Maria das Graças de Souza Noronha

Profa: Dionila Gomes Tavares

Grupo de alunos:

*Interno do bairro da Vila*

**Questionário para entrevista**

Nome do entrevistado:

Série: *1.º C*

Em relação ao preconceito racial você diria que:

- Existe, porém é ignorado (X)
- Existe e é discutido ( )
- Existe, porém não declaradamente ( )
- Não existe ( )

Já sofreu algum tipo de preconceito racial?

- Sim
- Não

Descreva: *nao sofreu nenhum tipo de preconceito*

Já presenciou alguma atitude racista?

- Sim
- Não

Descreva: *nao presenciou nenhuma atitude racista*

Para você, há segregação racial (nto de separar/isolar) aqui na sua escola?

- ~~Sim~~
- Não

Descreva: *nao há segregação racial na escola*

Em relação ao ambiente escolar, você percebe diferenças no tratamento dado a brancos e negros?

- Não
- ~~Sim~~

Descreva:

Em relação a ideia segundo a qual haveria igualdade de oportunidades para negros/brancos, homens/mulheres, jovens/adultos na sociedade brasileira, você diria que:

Pode ser comprovada na prática, pois há igualdade racial no Brasil;  
Faz parte do imaginário social brasileiro, mas não se confirma na prática;  
Não faz parte do imaginário brasileiro;

Nunca existiu

Descreva:

O que justificaria a implementação do sistema de cotas:

Uma dívida histórica com os negros, a quem o acesso ao ensino superior foi e é dificultado.

Um ato meramente político, que reforçaria a ideia de que o Brasil é uma democracia racial.

Tornar o acesso ao ensino superior mais igualitário dentre os que são menos favorecidos.

Uma política abusiva que mascara a real acessibilidade educacional voltada para a melhoria da qualidade de ensino público.

Você acha que o sistema de cotas:

Contribui para a diminuição da desigualdade entre raças;

Contribui para o agravamento do problema da formação, que não é tão difundido na sociedade brasileira;

Cria oportunidades para o negro, mas mantém a discriminação racial;

Prejudica estudantes que obtêm boas notas no vestibular, e perderei a vaga para os cotistas;

É injusto, pois beneficia uma elite negra e não os negros mais pobres;

Reforça a crença de incapacidade intelectual do negro;

É essencial, pois visa a correção da desigualdade de acesso ao nível superior.

A discussão em torno da questão racial é importante e deve ser tratada como tema principal?

Não, pois é irrelevante;

Não, pois vivemos numa democracia racial;

Sim, na medida em que afeta a vida de toda a sociedade brasileira e a construção de sua identidade;

Não sei informar

Existe algum tipo de preconceito na sua escola?

Não

Sim  
Descreva:  
O preconceito mais frequente na sua escola é relacionado a:

Existe algum tipo de preconceito em sua sala de aula?

Não  
Sim  
Descreva:  
O preconceito mais frequente na sua escola está relacionado a:

O preconceito mais frequente na sua escola está relacionado a:

Raça  
Idade  
~~Opção de sexo~~  
Moda  
Classe Social  
Outros: Quais?  
.....  
.....

Quais os assuntos referentes a diversidade que gostaria de ser abordado na escola?

De ter uma seção anual  
livres.....

*Beleza A*

Escola Est. Profa. Ana Maria das Graças de Souza Noronha

Profa: Dionila Gomes Tavares

Grupo de alunos:

Questionário para entrevista

Nome do entrevistado

Série: *2*

Em relação ao preconceito racial você diria que:

Existe, porém é ignorado ( )

Existe e é discutido ( )

Existe, porém não declaradamente (X)

Não existe. ( )

Já sofreu algum tipo de preconceito racial)

Sim

Não X

Descreva:

*Não que eu me lembre*

Já presenciou alguma atitude racista?

Sim X

Não

Descreva:

*Já presenciou por diversas vezes em algumas escolas, porém a pessoa que cometeu a atitude racista, acha que não mora de uma brancos deira*

Para você, há segregação racial (ato de separar/isolar) aqui na sua escola?

Sim X

Não

Descreva:

*Sim, principalmente entre os meninos.*

Em relação ao ambiente escolar, você percebe diferenças no tratamento dado a brancos e negros?

Não X

Sim

Descreva: *Na minha opinião não existe essa diferença de tratamento das pessoas, mas sim da parte dos educadores, mas entre os alunos tem diferença*

Em relação a ideia segundo a qual haveria igualdade de oportunidades para negros/brancos, homens/mulheres, jovens/adultos na sociedade brasileira, você diria que:

Pode ser comprovada na prática, pois há igualdade racial no Brasil;  
 Faz parte do imaginário social brasileiro, mas não se confirma na prática;   
 Não faz parte do imaginário brasileiro;

Nunca existe

Descreva: *Faz parte do imaginário social brasileiro, mas não se confirma na prática*

O que justificaria a implementação do sistema de cotas:

- Uma dívida histórica com os negros, a quem o acesso ao ensino superior foi e é dificultado;   
 Um ato meramente político, que reforçaria a ideia de que o Brasil é uma democracia racial;  
 Tornar o acesso ao ensino superior mais igualitário dentro os que são menos favorecidos.  
 Uma política abusiva que mascara a real necessidade educacional voltada para a maioria da qualidade de ensino público

Você acha que o sistema de cotas:

- Contribui para a diminuição da desigualdade entre raças;  
 Contribui para o agravamento do problema do racismo, que não é tão difundido na sociedade brasileira;  
 Cria oportunidades para o negro, mas acentua a discriminação racial;  
 Prejudica estudantes que obtêm boas notas no vestibular e perdem a vaga para os cotistas;  
 É injusto, pois beneficia uma elite negra e não os negros mais pobres;  
 Reforçam a crença de incapacidade intelectual do negro;  
 É essencial, pois visa a correção da desigualdade de acesso ao nível superior;

A discussão em torno da questão racial é importante e deve ser tratada como tema principal?

- Não pois é irrelevante;  
 Não, pois vivemos numa democracia racial;  
 Sim, na medida em que afeta a vida de toda a sociedade brasileira e a construção de sua identidade;   
 Não sei informar

Existe algum tipo de preconceito na sua escola?

Não

Sim

Descreva:

Sim, mas as pessoas ficam não na hora

Existe algum tipo de preconceito em sua sala de aula?

Não

Sim

Descreva:

Sim, mas hoje eles os alunos que praticam o preconceito. Alguns que são bem sucedidos, mas não percebem que estão machucando o outro.

O preconceito mais frequente na sua escola está relacionado a:

Raça

Idade

Opção sexual

Moda

Classe Social

Outros - Quais?

Na maioria das vezes está relacionado a Raça, opção sexual e classe social.

Quais os assuntos referentes a diversidade que gostaria de ser abordado na escola?

Tanto na escola quanto em casa deveria ser abordado o "Respeito" em primeiro lugar e um tema que eu gostaria que abordassem na escola é a "consequência do preconceito" hoje existe muitos casos de morte entre os adolescentes por suicídio e a maioria porque sofreu algum tipo de discriminação e preconceito.

Escola Est. Profa. Ana Maria das Graças de Souza Noronha

Profa: Dionila Gomes Tavares

Grupo de alunos:

*gabriel, lucas e samira*

Questionário para entrevista

Nome do entrevistado: ..

Série: *8º B*

Em relação ao preconceito racial você diria que:

Existe, porém é ignorado (X)

Existe e é discutido ( )

Existe, porém não declaradamente ( )

Não existe. ( )

Já sofreu algum tipo de preconceito racial?

Sim

Não

Descreva:

*Não*

Já presenciou alguma atitude racista?

Sim

Não

Descreva:

*Sim, algumas vezes, não quando estavam falando quando estavam com os amigos porque ali não tinha ninguém*

Para você, há segregação racial (ato de separar/isolar) aqui na sua escola?

Sim

Não

Descreva:

*Sim, porque ficam separados e falam por dentro falando e na maioria das vezes ninguém sabe*

Em relação ao ambiente escolar, você percebe diferenças no tratamento dado a brancos e negros?

Não

Sim

Descreva: Sim, tratam os negros de  
crianças malucas que não negram

Em relação a ideia segundo a qual haveria igualdade de oportunidades para negros/brancos, homens/mulheres, jovens/adultos na sociedade brasileira, você diria que:

Podem ser comprovada na prática, pois há igualdade racial no Brasil;  
Faz parte do imaginário social brasileiro, mas não se confirma na prática;  
Não faz parte do imaginário brasileiro;

Nunca existiu

Descreva:

Os negros não sabem que a igualdade  
existe. Mas não sabem como fazer  
para melhorar as condições de qualidade  
de vida e não sabem lidar com a discriminação

O que justificaria a implementação do sistema de cotas:

Uma dívida histórica com os negros, a quem o acesso ao ensino superior foi e é dificultado.

Um ato meramente político, que reforçaria a ideia de que o Brasil é uma democracia racial

Tornar o acesso ao ensino superior mais igualitário dentre os que são menos favorecidos. X

Uma política educativa que mascara a real necessidade educacional voltada para a melhoria da qualidade do ensino público.

Você acha que o sistema de cotas:

Contribui para a diminuição da desigualdade entre raças;

Contribui para o agravamento do problema do racismo, que não é tão difundido na sociedade brasileira; X

Cria oportunidades para o negro, mas acenham a discriminação racial;

Prejudica estudantes que obtêm boas notas no vestibular e perdem a vaga para os cotistas;

É injusto, pois beneficia uma elite negra e não os negros mais pobres;

Reforçam a crença da incapacidade intelectual do negro;

É essencial, pois visa a correção da desigualdade de acesso ao nível superior;

A discussão em torno da questão racial é importante e deve ser tratada como tema principal?

Não pois é irrelevante;

Não, pois vivemos numa democracia racial;

Sim, na medida em que afeta a vida de toda a sociedade brasileira e a construção de sua identidade. X

Não sei informar

Existe algum tipo de preconceito na sua escola?

Não

Sim  
 Não

Existe algum tipo de preconceito em sua sala de aula?  
 Sim, não há nenhum preconceito entre  
 tipos de preconceito

Existe algum tipo de preconceito em sua sala de aula?

Não  
 Sim

Descreva: Sim, Sobre quem tem uma opinião  
 Não tem opinião a respeito, era de outros  
 alunos, todos diferentes meus colegas

O preconceito mais frequente na sua escola está relacionado a:

Raça

Idade

Opção sexual

Moda

Classe Social

Outros: Quais?

Muitos tipos de preconceito, especialmente  
 de classe social

Quais os assuntos referentes a diversidade que gostaria de ser abordado na escola?

Bullying e preconceito racial

Escola Ec. Prof. Ana Maria dos Anjos de Souza Damascos

Prof. Dionila Gomes Tavares

Cidade de origem *Emerson, Gomes, Matini*

### Questionário para entrevista

Nome do entrevistado: *Elisiane S. B*

Em relação ao preconceito racial você diria que:

- Existe, porém é ignorado   
 Existe e é discutido ( )  
 Existe, porém não declaradamente ( )  
 Não existe. ( )

Já sofreu algum tipo de preconceito racial?

- Sim  
 Não   
 Descreva

Já presenciou alguma atitude racista?

- Sim x  
 Não  
 Descreva: *com meu irmão (como? buidando?)*

Para você, há segregação racial (ato de separar/diferenciar) entre as pessoas?

- Sim x  
 Não  
 Descreva

Em relação ao ambiente escolar, você percebe diferenças no tratamento dado a brancos e negros?

- Sim x  
 Não

Sim x

Não nunca

em nenhum caso? ..?

Existe algum tipo de preconceito em sua sala de aula?

Sim x

Não

Discrimine: Por que eles recebem esse tipo de tratamento?

O preconceito mais frequente na sua escola está relacionado a:

Raça <sup>estética</sup> ~~estética~~

Idade

Opção sexual

Moda

Classe Social → ~~estética~~ <sup>estética</sup>

Outros: "Quem?"

??

Quais os assuntos referentes a diversidade que gostaria de ser trabalhados na escola?

relação raça

Descreva: *Na minha concepção, sempre houve a ideia de todos iguais no nível de acesso ao ensino superior.*

**Em relação a ideia segundo a qual haveria igualdade de oportunidades para negros/brancos, homens/mulheres, jovens/adultos na sociedade brasileira, você diria que:**

Pode ser comprovada na prática, pois há igualdade racial no Brasil;  
 Faz parte do imaginário social brasileiro, mas não se confirma na prática;  
 Não faz parte do imaginário brasileiro;  
 Nunca existiu

Descreva:

**O que justificaria a implementação do sistema de cotas:**

Uma dívida histórica com os negros, a quem o acesso ao ensino superior foi e é dificultado;  
 Um ato meramente político, que reforçaria a ideia de que o Brasil é uma democracia racial;  
 Tornar o acesso ao ensino superior mais igualitário dentro os que são meios favorecidos.  
 Uma política abusiva que mascara a real necessidade educacional voltada para a melhoria da qualidade do ensino público.

**Você acha que o sistema de cotas:**

Contribui para a diminuição da desigualdade entre raças;  
 Contribui para o agravamento do problema do mesmo, que não é tão difundido na sociedade brasileira;  
 Cria oportunidades para o negro, mas acentua a discriminação racial;  
 Prejudica estudantes que obtêm boas notas no vestibular e perdem a vaga para os cotistas;  
 É injusto, pois beneficia uma elite negra e não os negros mais pobres;  
 Reforçam a crença da incapacidade intelectual do negro;  
 É essencial, pois visa a correção da desigualdade de acesso ao nível superior;

**A discussão em torno da questão racial é importante e deve ser tratada como tema principal?**

Não, pois é irrelevante;  
 Não, pois vivemos numa democracia racial;  
 Sim, há medida em que afeta a vida de toda a sociedade brasileira e a construção de sua identidade;  
 Não sei informar

**Existe algum tipo de preconceito na sua escola?**

Não

Sim

Descreva:

.....

.....

.....

Existe algum tipo de preconceito em sua sala de aula?

Não

Sim

Descreva:

.....

.....

.....

O preconceito mais frequente na sua escola está relacionado a:

Raça

Idade

Opção sexual

Étnia

Classe Social

Outros - Quais?

.....

.....

Quais os assuntos referentes a diversidade que gostaria de ser abordado na escola?

.....

.....

Escola Est. Profa. Ana Maria das Graças de Souza Noronha

Prof(a): Dionila Gomes Tavares

Grupo de alunos:

*Nelly, Paulo*

### Questionário para entrevista

Nome do entrevistado: \_\_\_\_\_

Série: *8.º B*.....

Em relação ao preconceito racial você diria que:

Existe, porém é ignorado

Existe e é discutido ( )

Existe, porém não declaradamente ( )

Não existe. ( )

Já sofreu algum tipo de preconceito racial?

Sim

Não

Descreva:

*Não*

Já presenciou alguma atitude racista?

Sim

Não

Descreva:

*Não*

Para você, há segregação racial (ato de separar/isolar) aqui na sua escola?

Sim

Não

Descreva:

*Eu acho que não tem, pois saindo mais cedo  
ou não percebem*

Em relação ao ambiente escolar, você percebe diferenças no tratamento dado a brancos e negros?

Não

Sim

Descreva, se possível, pessoas de cor que "professores" tenham dito serem "melhores" que "seus colegas brancos, de uma menor faixa etária, mas os dois grupos, estarão certos

**Em relação a ideia segundo a qual haveria igualdade de oportunidades para negros/brancos, homens/mulheres, jovens/adultos na sociedade brasileira, você diria que:** -> não sei

Pode ser comprovada na prática, pois há igualdade racial no Brasil;  
Faz parte do imaginário social brasileiro, mas não se confirma na prática;  
Não faz parte do imaginário brasileiro;  
Nunca existiu  
Descreva.

#### O que justificaria a implementação do sistema de cotas:

Uma dívida histórica com os negros, a quem o acesso ao ensino superior foi a é dificultado.  
Um ato meramente político, que reforçaria a ideia de que o Brasil é uma democracia racial  
Tornar o acesso ao ensino superior mais igualitário dentre os que são menos favorecidos.  
Uma política abusiva que mascara a real necessidade educacional voltada para a melhoria da qualidade do ensino público.

#### Você acha que o sistema de cotas:

Contribui para a diminuição da desigualdade entre raças;  
Contribui para o agravamento do problema do racismo, que não é tão difundido na sociedade brasileira;  
Cria oportunidades para o negro, mas acentuam a discriminação racial;  
Prejudica estudantes que obtêm boas notas no vestibular e perdem a vaga para os cotistas;  
É injusto, pois beneficia uma elite negra e não os negros mais pobres;  
Reforçam a crença da incapacidade intelectual do negro;  
É essencial, pois visa à correção da desigualdade de acesso ao nível superior.

#### A discussão em torno da questão racial é importante e deve ser tratada como tema principal?

Não pois é irrelevante;  
Não, pois vivemos numa democracia racial;  
Sim, na medida em que afeta a vida de toda a sociedade brasileira e a construção de sua identidade.  
Não sei informar

#### Existe algum tipo de preconceito na sua escola?

Não

~~Sim~~

Descreva:

.....  
 .....  
 .....

Existe algum tipo de preconceito em sua sala de aula?

Não

~~Sim~~

Descreva:

.....  
 .....  
 .....

O preconceito mais frequente na sua escola está relacionado a:

Raça

Idade

Opção sexual

Mulher

Classe Social

Outros - Quais?

.....  
 .....  
 .....

Quais os assuntos referentes a diversidade que gostaria de ser abordado na escola?

.....  
 .....

**Resumo A**

Escola Est. Profa. Ana Maria das Graças de Souza Noronha

Profa: Dionita Gomes Tavares

Grupo de alunos:

*Dionita Roberto*

**Questionário para entrevista**

Nome do entrevistado: .....

Série:

*8º B*

Em relação ao preconceito racial você diria que:

Existe, porém é ignorado

Existe e é discutido ( )

Existe, porém não declaradamente ( )

Não existe ( )

Já sofreu algum tipo de preconceito racial?

Sim

Não

Descreva:

*Não*

Já presenciou alguma atitude racista?

Sim

Não

Descreva:

*Sim, pela falta de ser baixa*

Para você, há segregação racial (ato de separar/isolar) aqui na sua escola?

Sim

Não

Descreva:

*Não*

Em relação ao ambiente escolar, você percebe diferenças no tratamento dado a brancos e negros?

Não

~~Sim~~

Descreva: Sim, há uma "cultura" de quem quer dizer  
 "cultura" e "cultura" há quem quer dizer "cultura" e quem  
 quer dizer "cultura" há quem quer dizer "cultura".

Em relação a ideia segundo a qual haveria igualdade de oportunidades para  
 negros/brancos, homens/mulheres, jovens/adultos na sociedade brasileira, você  
 diria que: -> Não tenho certeza

Podem ser comprovada na prática, pois há igualdade racial no Brasil.  
 Faz parte do imaginário social brasileiro, mas não se confirma na prática.  
 Não faz parte do imaginário brasileiro.  
 Nunca existiu

Descreva:

.....  
 .....

O que justificaria a implementação do sistema de cotas:

Uma dívida histórica com os negros, a quem o acesso ao ensino superior foi a  
 dificuldade.  
 Um ato meramente político, que reforçaria a ideia de que o Brasil é uma democracia  
 racial.  
 Tornar o acesso ao ensino superior mais igualitário dentre os que são menos  
 favorecidos.  
 Uma política afirmativa que mascare a real necessidade educacional voltada para a  
 melhoria da qualidade do ensino público.

Você acha que o sistema de cotas:

Contribui para a diminuição da desigualdade entre raças;  
 Contribui para o agravamento do problema do racismo, que não é (ou é pouco) resolvido na  
 sociedade brasileira;  
 Cria oportunidades para o negro, mas acentua a discriminação racial;  
 Prejudica estudantes que obtêm boas notas no vestibular e perdem a vaga para os  
 cotistas;  
 É injusta, pois beneficia uma elite negra e não os negros mais pobres;  
 Reforça a crença da incapacidade intelectual do negro;  
 É essencial, pois visa a correção da desigualdade de acesso ao nível superior.

A discussão em torno da questão racial é importante e deve ser tratada como tema  
 principal?

Não pois é irrelevante;  
 Não, pois vivemos numa democracia racial;  
 Sim, na medida em que afeta a vida de toda a sociedade brasileira e a construção de sua  
 identidade.  
 Não sei informar

Existe algum tipo de preconceito na sua escola?

Não

Sim

Descreva:

Sim, com a ideia que os grupos não devem  
 a ser com o seu tamanho de

Existe algum tipo de preconceito em sua sala de aula?

Não

Sim

Descreva:

Sim, com o Luis Felipe o apelido  
 de "Quindim" todo que ninguém sabe  
 se gosta

O preconceito mais frequente na sua escola está relacionado a:

Raça

Idade

Opção sexual

Média

Classe Social

Outros - Quais?

Moda e estrutura corporal

Quais os assuntos referentes a diversidade que gostaria de ser abordado na escola?

"Não sei!"

BOMBA

Escola Est. Profa. Ana Maria das Graças de Souza Noronha

Profa: Diomila Gomes Favares

Grupo de alunos:

Laraine Junip

## Questionário para entrevista

Nome do entrevistado:

Série: 8º B

Em relação ao preconceito racial você diria que:

Existe, porém é ignorado (X)

Existe e é discutido ( )

Existe, porém não declaradamente ( )

Não existe ( )

Já sofreu algum tipo de preconceito racial)

Sim

Não X

Descreva:

Já presenciou alguma atitude racista?

Sim X

Não

Descreva: Sim, em uma discussão em uma sala de aula

entre a professora

Para você, há segregação racial (ato de separar/isolar) aqui na sua escola?

Sim

Não X

Descreva:

Não, não há segregação racial aqui na escola, mas

há uma diferença entre

Em relação ao ambiente escolar, você percebe diferenças no tratamento dado a brancos e negros?

Não X

Sim

Descreva:

Em relação a ideia segundo a qual haveria igualdade de oportunidades para negros/brancos, homens/mulheres, jovens/adultos na sociedade brasileira, você diria que:

Podé ser comprovada na prática, pois há igualdade racial no Brasil;  
 Faz parte do imaginário social brasileiro, mas não se confirma na prática;  
 Não faz parte do imaginário brasileiro;  
 Nunca ouviu

Descreva:

Uma parte do imaginário social brasileiro, mas não se confirma na prática. Há desigualdade de oportunidades, mas não há discriminação racial. Há desigualdade de oportunidades, mas não há discriminação racial. Há desigualdade de oportunidades, mas não há discriminação racial.

O que justificaria a implementação do sistema de cotas:

Uma dívida histórica com os negros, a quem o acesso ao ensino superior foi e é difícil.   
 Um ato meramente político, que reforçaria a ideia de que o Brasil é uma democracia racial.  
 Tornar o acesso ao ensino superior mais igualitário dentro os que são menos favorecidos.  
 Uma política atíptica que mascara a real necessidade educacional voltada para a melhoria da qualidade do ensino público.

Você acha que o sistema de cotas:

Contribui para a diminuição da desigualdade entre raças.  
 Contribui para o agravamento do problema de racismo, que não é tão difundido na sociedade brasileira.  
 Cria oportunidades para o negro, mas acirra a discriminação racial.   
 Prejudica estudantes que obtêm boas notas no vestibular e perdem a vaga para os cotistas.  
 É injusto, pois beneficia uma elite negra e não os negros mais pobres.  
 Reforça a crença da incapacidade intelectual do negro.  
 É essencial, pois visa a correção da desigualdade de acesso ao nível superior.

A discussão em torno da questão racial é importante e deve ser tratada como tema principal?

Não, pois é irrelevante.  
 Não, pois viveríamos uma democracia racial.  
 Sim, na medida em que afeta a vida de toda a sociedade brasileira e a construção de sua identidade.   
 Não sei informar.

Existe algum tipo de preconceito na sua escola?

Não

Sim  
 Não  
 Existe algum tipo de preconceito em sua sala de aula?  
 Se sim, qual? *Alguns alunos usam roupas de preconceito*  
*religiosa e política.*

Existe algum tipo de preconceito em sua sala de aula?

Não  
 Sim  
 Se sim, qual? *Alguns alunos usam roupas de preconceito*  
*religiosa e política.*

O preconceito mais frequente na sua escola está relacionado a:

Raça  
 Idade  
 Opção sexual  
 Idioma  
 Classe Social  
 Outros: Quais?

Quais os assuntos referentes a diversidade que gostaria de ser abordado na escola?

*Diferença entre Homossexualidade*

Anexo 6: Reportagem em jornal local sobre este trabalho

12 CALENDÁRIO DOMINGO 19 DE FEVEREIRO DE 2018 **Expressão**

# Escola Ana Maria das Graças Noronha realiza projeto de intervenção de mestrado e publica livro

Após o sucesso do livro "Uma nova perspectiva para a Letramentos em Sala de Aula", a professora de Língua Portuguesa da Escola Ana Maria das Graças Noronha, Maria Regina de Souza, realizou um projeto de intervenção de mestrado e publicou o livro "Uma nova perspectiva para a Letramentos em Sala de Aula".

Na segunda publicação, a autora aborda a importância da leitura e da escrita no contexto escolar, bem como a importância da intervenção pedagógica na formação do leitor e do escritor. O livro é dividido em duas partes: a primeira trata da intervenção pedagógica e a segunda trata da formação do leitor e do escritor.

O livro traz um resumo das atividades de leitura/escrita e escrita, desenvolvidas nos três etapas do projeto. Na primeira, trabalha-se com a elaboração de uma diversidade de atividades de leitura/escrita e outras formas de expressão, que contemplam dar ao aluno condições para que busque sua própria interação com o texto literário, seja em sala de aula ou em casa.

O livro traz um resumo das atividades de leitura/escrita e escrita, desenvolvidas nos três etapas do projeto. Na primeira, trabalha-se com a elaboração de uma diversidade de atividades de leitura/escrita e outras formas de expressão, que contemplam dar ao aluno condições para que busque sua própria interação com o texto literário, seja em sala de aula ou em casa.



**UROCLIN**  
CENTRO DE DIAGNÓSTICO E TERAPIA EM UROLOGIA  
RUA JOSÉ DE ALMEIDA, 100 - JARDIM SÃO CARLOS - SÃO PAULO - SP  
FONE: (11) 3061-1000



**MULTIVIDA**  
Cuidados com você e sua família



**ESTE CAMINHÃO VAI PASSAR NA SUA RUA!**

A Companhia Local de Água e Esgoto (CALDEA) investiu em uma frota de caminhões para a coleta de lixo, melhorando a qualidade dos serviços e a saúde pública. A frota passa a ser composta por caminhões modernos e eficientes, garantindo a coleta regular e adequada do lixo domiciliar e comercial.

**AguaSul Pantanal**  
Novos Investimentos. Novas Atitudes.

**Anexo 7: Livro escrito pelos alunos**



**SALA DE AULA**

**COLETÂNEA  
DE TEXTOS**

**Organização  
Profª. Esp. Dionila Gomes Tavares**



**PROJETO DE LEITURA/ESCRITA**

**LETRAMENTO LITERÁRIO: UMA NOVA  
PERSPECTIVA PARA A  
LEITURA/ESCRITA EM SALA DE AULA**

**COLETÂNEA DE TEXTOS**

Edição especial 2018

**Escola Estadual**

## **Dedicatória**

*Aos alunos do 8º Ano A - Ensino  
Fundamental 2018 da Escola  
Estadual Profa. Ana Maria das  
Graças de Souza Noronha, que  
participaram deste projeto com  
empenho e dedicação.*

## **Agradecimentos**

A Deus, pelo ânimo. Aos pais, pelo incentivo, companheirismo e apoio. À Direção e à Coordenação, por acreditarem. À professora titular da sala, pela paciência.

Aos colegas, pela amizade. À Profa. Dra. Vera Lúcia da R. Maquêa, pelas imprescindíveis orientações em todo o percurso. À minha família pelo apoio incondicional.

Aos meus colegas do mestrado, para os quais digo com muito carinho que permanecerão para sempre em minha memória como membros da minha família. E a todos vocês, leitores.  
Motivo principal para o escritor

## LER, SONHAR E ESCREVER

Há uma frase de Pablo Neruda que diz: “Escrever é fácil. Você começa com maiúscula e termina com ponto. No meio coloca as ideias”. Usando de ironia, Neruda nos dá uma lição acerca da dificuldade de ser um escritor. No entanto, é consenso entre os escritores que um bom escritor só se faz a partir de um bom leitor.

Mas a leitura, também, está longe de ser uma atividade fácil. Para muitos, especialmente crianças e jovens, pode ser muito mais agradável ver televisão, ouvir música, encontrar os amigos, seja pessoalmente ou através dos recursos oferecidos pelas redes sociais nos computadores, ou simplesmente pensar na vida.

Mesmo sabendo de todas essas dificuldades, nossos jovens escritores deram asas à criatividade e o resultado disso poderá ser apreciado nesse livro, produzido com muito carinho para todos que fazem do ato de ler algo prazeroso, pois tanto para ser escritor quanto para ser leitor é preciso “soltar a Imaginação”!

Este livro desprezioso é uma imagem límpida da natureza de um trabalho bem feito, cujos ingredientes são a pesquisa, a experiência, a reflexão e o respeito pelos alunos e alunas, concebidos como sujeitos e protagonistas dos seus processos de conhecimento. O resultado é um conjunto integrado de cores que dão vida a cada uma das atividades, delicadamente pensadas pela Dionila, em todo o esplendor de sua prática docente: um trabalho que só a maturidade profissional permite com esse nível de competência e de responsabilidade.

Mas há um aspecto deste livro que merece relevo; que diz respeito à visão libertadora dessa grande professora: ao promover que os seus alunos e alunas falem, se expressem, que percebam a importância da leitura literária, Dionila os ensina a maior das lições, a de que ler e escrever não são atividades apenas para seres iluminados e especiais, mas para todos e todas aquelas que acreditam que a educação pode transformar as pessoas e o mundo.

Em cada texto, de cada pequeno grande autor, encontramos a dimensão mais próxima de um trabalho ideal: aquele compartilhado e colaborativo, que faz de nós tão mais gente.

É essa voz plena de humanidade e de esperança que encontramos neste livro. Boa leitura para todos nós.

**Vera Lúcia da Rocha Maquêa**  
Universidade do Estado de Mato Grosso - PROFLETRAS/18



**Diretora: Jane Bellote**

**Coordenação: Danieli Carvalho  
Ednéia Regener Maria Edileuza**

## APRESENTAÇÃO

É com carinho que apresento a vocês este livro com um resumo das atividades realizadas no Projeto de Intervenção Pedagógica LETRAMENTO LITERÁRIO: UMA NOVA PERSPECTIVA PARA A

LEITURA/ESCRITA EM SALA DE AULA, como atividade do curso Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, desenvolvido com a turma do 8º Ano A na Escola Estadual “Profa. Ana Maria das Graças de Souza Noronha”, em Cáceres-MT. Este projeto se justifica a partir das minhas inquietações/reflexões, minhas experiências em sala de aula e na coordenação pedagógica. Nesse percurso vi/ouvi, nas reuniões pedagógicas e conselhos de classe, algumas situações antagônicas relacionadas ao aluno leitor/não-leitor, os professores das séries iniciais (até 5º ano) afirmavam que seus alunos liam, já os das séries finais do ensino fundamental afirmavam que enfrentavam muitos problemas no processo de ensino aprendizagem porque seus alunos não liam (6º ao 9º ano). Para desenvolvê-lo inscrevemo-nos na linha de pesquisa Leitura e Ensino de Literatura com perspectiva teórica no Letramento Literário de Rildo Cosson e Letramento crítico. Sob este novo olhar que corresponde a multiplicidade de sentidos tomaremos as inferências de Cosson sobre letramento literário como “processo de apropriação da literatura enquanto linguagem, do letramento crítico tomaremos a compreensão de Ana Paula Martinez Duboc (2016, p. 61) “como exercício que convida o aluno a problematizar não apenas o discurso imbuído no texto, mas sim e, sobretudo, a sua própria compreensão sobre o texto, [...] um exercício de “ler, se lendo”, que leva o leitor a compreender os motivos pelos quais se lê, o que a leitura fala ou o que ela não fala, o que o texto considera ou desconsidera.

Sobre o aspecto metodológico norteamo-nos pela elaboração de uma diversidade de atividades de leitura/escrita e outras formas de expressão que conseguiram dar ao aluno condições para que buscasse nos textos literários toda a sua força humanizadora capaz de aprofundar, de transcender nosso diálogo com a sociedade, como possibilidade de construção de um sujeito melhor, mais sensível, crítico, capaz de se colocar no lugar do outro, gesto que buscou ressignificar, que se destinou a ampliar, fortalecer a apropriação das habilidades de ler e escrever em um processo interativo. Na escolha dos textos, tomamos as narrativas literárias curtas de língua portuguesa brasileira e africanas, com as quais oportunizamos que os alunos produzissem a leitura, refletissem sobre os principais temas nelas abordados tomando para si a

constituição dos sentidos de pertencimento e de identificação. Assim, nosso principal objetivo foi reconhecer o espaço da sala de aula como lugar de leitura, reflexão, experiência, oferecendo ao aluno contextos, aplicações e estímulos para o exercício da leitura e da escrita, de forma crítica.

**Para melhor sistematizar o trabalho planejamo-lo em 3 etapas de atividades:**

Na primeira, nosso objetivo foi conhecer um pouco a história de cada aluno, saber como ele se relaciona com a escola, com o espaço onde vive e com a sua família, essa proposta foi centrada na leitura dos textos literários: “Identidade” de Pedro Bandeira, “Identidade” do escritor moçambicano Mia Couto, “Canção do Exílio” de Gonçalves Dias, “Recado a Gonçalves Dias” de Dom Pedro Casaldáliga, entre outros. Discutimos e debatemos sobre as temáticas suscitadas nos textos, oportunizando-os a se situarem no espaço onde vivem e a olharem para os elementos que os constituem. Desse entendimento, destacamos aqui as produções dos alunos que demonstram uma reflexão sobre os textos literários lidos, demonstram um olhar carinhoso pelo seu eu, apontando inclusive seus defeitos, suas relações afetivas com a sua constituição física e psicológica, sua constituição enquanto sujeito-leitor do texto literário, inclusive atravessado por outras produções como a cinematográfica por exemplo, nos possibilitando perceber um modificador para o ensino de literatura no âmbito escolar com vistas a desenvolver práticas de ensino que se restringe tão somente a habilidade de ler e escrever, mas que ultrapassa os muros da escola e contribui para a efetiva formação leitora, crítica e social.



## IDENTIDADE

Me chamo A.P., tenho 14 anos, meu cabelo é castanho escuro, sou uma menina legal e gosto de passar o dia com a família, tenho amigos divertidos e gosto de sair com eles.

Gosto de dormir à tarde, tenho olhos escuros, gosto de viajar com a família para lugares novos.

Tenho uma família legal que amo muito, estudo em uma escola legal onde tenho amigos divertidos, os professores são legais, as vezes são meio chatos.

Sou feliz por ter a vida, gosto muito de tudo.  
A.P.

## IDENTIDADE



Sou Antonio dos Santos da Silva, tenho 13 anos, nasci em Cáceres no dia 07.08.2004 e ainda moro aqui, gosto do som de violão, viola e baixo, mais quero mudar para outros lugares.

Meus parentes moram em São Paulo, Sergipe e Cuiabá.

Meu cabelo é preto, meus olhos são castanhos, minha mãe nasceu em Cáceres e meu pai em São Paulo, o nome da minha mãe é Laudiceia e do

meu pai Antonio Minha mãe é sergipana e meu pai é baiano, sou mato-grossense com muito orgulho. A.S.S

### IDENTIDADE



O meu nome é A. mas pode me chamar de A. porque esse é o meu nome. Tenho os olhos castanhos como castanha, os cabelos pretos e quando fico triste choro. Se eu fosse um animal seria pássaro. Se eu fosse uma flor seria girassol, mas sou apenas uma pessoa chamada Ariel que sonha com o futuro. Nasci em um dia em que eu saí da barriga. Gosto de ouvir o som sertanejo e funk, de cheirar perfume e sentir felicidade. Contam-me que eu fazia bagunça. Os meus poemas preferidos são os que falam de aventura e quando os leio em voz alta sinto como estivesse diante do poema. As vezes fecho os olhos e peço alegria e desejo que o mundo melhore. A.R.M.



### IDENTIDADE

Meu nome é C., sou uma pessoa muito brincalhona, gosto de comer bastante, gosto de sempre estar com os meus amigos toda tarde, sempre com um bom tereré. C. V



## IDENTIDADE

O meu nome é C. mas pode chamar-me de C. porque todos me chamam assim.

Tenho os olhos castanhos escuro como terra molhada, os cabelos pretos e quando fico triste eu choro muito porque sou muito chorona.

Se eu fosse um animal seria gato. Se eu fosse uma coisa seria beija-flor,

Se eu fosse uma flor seria rosa branca,

Mas sou apenas um ser humano chamada mulher das rosas que sonha em ser enfermeira.

Nasci em um dia que estava chovendo.

Gosto de ouvir o som do vento e silêncio de cheirar flores e folhas de limão e sentir o carinho de todas as pessoas. Quando eu era menor pensava que não seria capaz de ser quem eu sou.

Contam-me que eu fazia muita bagunça.

Os meus poemas preferidos são os que falam de amor e romance porque vivo de amor e quando eu leio em voz alta sinto felicidade por fazer o que eu amo.

As vezes fecho os olhos e peço conde e desejo comer. C.M

## IDENTIDADE



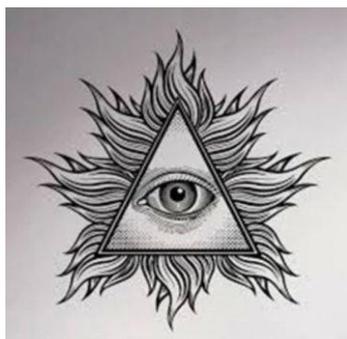
Eu sou uma pessoa um pouco louca, gosto de internet e de assistir netflix, youtube, néck e ficar sozinho. Um dia ou outro fazer uma rodinha de tereré com os amigos.

Eu gosto de ciências e tecnologia, acho que para falar de um assunto tem que apresentá-lo de uma forma que atraia, exemplo é melhor passar horas no youtube assistindo nostalgia, história que passar uma hora na sala de aula com uma aula de história.

Quando você gosta do tema que se é apresentado, você presta mais atenção e consequentemente você aprende mais

quando você gosta.  
E.G.M.

## IDENTIDADE



Meu nome é G. e esta é a minha identidade, tenho 13 anos e muitas amizades, as vezes sou meio tímida, as vezes sou brava, as vezes sinto raiva do nada. Sou bastante carinhosa mas as vezes não quero ninguém perto de mim, chego a ser insuportável, as vezes tenho toda a paciência necessária, sou até bem educada!

Gosto de ler, gosto de comer e de ouvir música, amo poesia de romance, gosto muito da maioria dos meus professores. Tenho vários sentimentos, sou de vários jeitos, mas sou bem feliz assim. G.S.C.



## IDENTIDADE

Moro em Cáceres. Meu nome é H.N.S., tenho 13 anos de idade, gosto muito daqui, a minha família mora aqui e eu prefiro ir para outra escola, se eu pudesse eu ia para outra cidade.

# Outra Cidade # Outra Escola H.N.S.

## SOU FELIZ

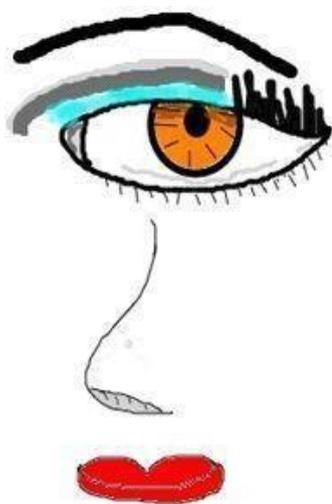


Sou um menino brincalhão e sou feliz, então as vezes eu que ainda imagino que ainda tenho amigos.

Sou feliz de ter família perto de mim para fazer companhia. As vezes eu falo

demais e quase não consigo parar.  
 Me considero inteligente, as vezes me chamam de nerd mais eu não me importo e podem me chamar de qualquer coisa Inclusive de (super herói), realmente eu gosto de salvar pessoas, e pode me chamar de qualquer coisa que eu não me importo, sou feliz onde moro e permanecerei até morrer.  
 H.S.O

## IDENTIDADE



Meu nome: J., mas me chamam de J.,  
 tenho 13 anos, os olhos pretos, cabelo bem curto e cor castanho claro.  
 Se eu fosse um animal queria ser uma cobra  
 Se eu fosse uma coisa queria ser um celular  
 Se eu fosse uma flor seria uma rosa,  
 Mas sou apenas uma garota chamada J. que sonha com um futuro melhor.  
 Nasci em um dia que estava chovendo,  
 Quando fico triste eu choro muito.  
 Gosto de cheirar uma linda flor e sentir o vento no meu rosto.  
 Quando eu era menor pensava que o mundo era só maravilhas.  
 Contam-me que eu fazia muita bagunça  
 Os meus poemas preferidos são os que falam de romance,  
 Gosto quando eu leio em voz alta, sinto até falta de ar. As vezes fecho os olhos e peço saúde,  
 Desejo que o mundo seja melhor.  
 J.T.C.

## IDENTIDADE



Eu me chamo K.F., tenho 13 anos e gosto de brincar de verdade ou desafio.  
 Minha mãe se chama Maria Eunice e meu pai Herminio.  
 Tenho três irmãos e 4 irmãs, todos filhos do meu pai, a minha mãe só tem três filhos, Tenho um cachorro que se

chama Chena, gosto muito de ter amigos e, Tenho muito orgulho de ter a família que tenho. K.F.S.C.

## IDENTIDADE



Tenho os cabelos crespos e um metro e cinquenta e três centímetros, gosto de ouvir música eletrônica, gosto de comer doce e de sentir a brisa no meu rosto, tenho dificuldade na leitura e quando era pequena pensava que nunca ia ter uma amiga, gosto de chupar picolé e gosto de andar a cavalo com as minhas amigas e de cheirar as flores se eu fosse um animal seria um pato. K.C.

## IDENTIDADE



Meu Nome é K.

Eu gosto muito de sair e passar os melhores momentos da vida com meus amigos e com minha família. Falando um pouco mais sobre mim:

Tenho cabelos enrolados como caracóis, Meus olhos são escuros como a noite e brilham como o dia.

Gosto de sair, mas para mim nada se compara a ficar sozinha no meu quarto escutando música, sou apaixonada por poesias acústicas, pop e rap isso sim é gênero musical.

Bom, as vezes também gosto de sentar e refletir um pouco sobre a vida, o futuro e até mesmo o presente. K.G.



## IDENTIDADE

...Falar sobre mim é fácil. Eu sou a menina de sorriso fácil, a garota que por

tudo chora, a menina que tem todos os sonhos possíveis dentro de si, a menina que ama ouvir um “Eu te amo” seja de amigos ou familiares, a menina que adora viver uma aventura. Sabe aquela menina que não cala a boca? Que tem a risada mais escandalosa? Prazer, sou eu. Eu odeio transparecer aquilo que sou por dentro, mesmo nos dias em que está tudo confuso dentro de mim, eu sorrio e apenas sigo em frente, esperando a chuva passar e o sol voltar a brilhar. Eu sou muito nervosa, muito tímida, muito sonhadora, muito amiga, muito apaixonada, muito loca, tem dias que eu estou assim: “Eu não sei se estou muito bem, não sei se se estou triste, ta tudo tão...Affs! Sla”.

Eu sou chata, teimosa, dramática, chorona, carente, ciumenta, complicada, marrenta, difícil, Mas pensa num coração bom. Uma frase que eu mais falo “TÔ COM FOME”, “TÔ COM SONO”, “AFFS” QUE PREGUIÇA VEI”, “MÓ SONO”. K.G.B.N.



## IDENTIDADE

Sou tímida...também  
 Sou escandalosa, falo baixo  
 Mais também grito, mais grito do  
 que falo Gosto, mas também  
 disgosto

Não sou perfeita mas, não sou imperfeita Deus já trouxe muita coisa boa, Mas também, já levou Tenho muitos amigos e poucos inimigos. As vezes tenho vontade de fazer algo, Luto pelo que quero E as vezes estou igual um velho chinelo Sem valor algum Gosto do dia mas ... Prefiro o luar Pois o silêncio da noite é o que me faz chorar, pois fico só pensando... Em tudo e me pergunto: O que será de mim no futuro? L.S.



## MINHA VIDA

Minha vida as vezes é muito alegre, mas as vezes é muito triste e sem graça e muito deprimente, as pessoas não gostam do meu jeito é por isso que eu não gosto de falar com quase ninguém, gosto muito de ficar em casa. M.O.

## IDENTIDADE

Meu nome é M. e tenho 13 anos, meu apelido é mimi, os meus amigos me chamam assim, gosto muito de estudar, de ler, de escrever e também de conversar com os meus familiares e amigos.

Tenho os olhos castanhos da cor de um cacau e os cabelos loiros e curto. Sou muito feliz ao

lado de quem gosta de ficar comigo conversando de coisas boas!

O nome da minha mãe é Neuza Gomes e do meu pai João Silva, quando fico triste com alguém eu tento disfarçar mais não consigo, mesmo assim eu os perdooo porque gosto muito deles, sejam amigos, pais, avós, cunhados, irmãs, tios, tias, etc. Eu desejo tudo de bom para aquelas pessoas que eu amo, professores, pais e que eu seja algo no futuro. M.A.



## IDENTIDADE

Eu sou morena, tenho 1,65 cm de altura, tenho cabelos e olhos pretos como as penas da pomba com um gato no escuro. Se eu fosse uma coisa qu eria ser uma barra de chocolate, se eu fosse uma flor seria um girassol como o sol, mas que pena, sou só um a menina de 14 anos que pensa muito alto, Se eu fosse dona do meu futuro queria ser uma estrela para viver lá no céu. Sou assim, meu nome é N. e as vezes fecho os olhos e peço paz e felicidade, desejo ter uma amiga muito



boa!!!

N.K.C.

### IDENTIDADE

O meu nome é P.E. mas podem me chamar de Paulo, tenho os olhos castanhos como jabuticaba, cabelos pretos e quando fico triste eu choro. Se eu fosse um animal seria cachorro, se eu fosse uma coisa seria velozes e furiosos, se eu fosse uma flor seria uma rosa mas sou apenas um garoto que sonha com os filmes. Nasci em um dia em que estava frio. Gosto de ouvir o som do piano de cheirar flor e sentir a flor. Quando era (mais) menor pensava que os bichos de pelúcia falavam. Contam-me que eu pegava os doces do meu avô. Os meus poemas preferidos são os que falam de aventura, por que são mais animados e quando eu os leio em voz alta sinto que estou em um teatro, as vezes fecho os olhos.

P.E.S.S.



### IDENTIDADE

Meu Nome é R., mas pode me chamar de R.. Tenho 15 anos, sou muito legal, gosto de muitas coisas, uma delas é comer kkk, gosto de fazer palhaçadas, de com amigos, mas o que mais gosto de fazer é joga futebol, apesar de não ser muito boa (caretinha). Sou muito louca, e tem motivos, minha mãe e minhas irmãs falam que quando eu era pequena eu corria de um lado para o outro e socava meu cabeção na parede (Que? Pera ai?). Sim essa é uma verdade. Meu animal preferido é cachorro e gato (mas como minha mãe não gosta, então não tenho um gato (caretinha), mas hoje tenho 3 cachorros lindos e fofos, “hoje”, porque já tive muitos cachorros. Minhas comidas preferidas é tudo que não tenha cebola, pimentão jiló, pepino e palmito, odeio essa coisas. (caretinha) E isso é umpouco da minha “identidade”. (caretinha).

R.G.M.S.





### IDENTIDADE

Meu nome é E., mas pode me chamar de D., tenho 14 anos, faço aniversário no dia 09 de Junho, natural de Cáceres-MT, minha cor preferida é preta, tenho 1,63 de altura, peso 55 kg. Meu gosto musical é sertanejo. E.



### IDENTIDADE

Falando Sobre mim: Prazer, meu nome é R.B. e hoje vou falar um pouco sobre mim, Bom, não tenho muito o que falar mas vou começar falando das coisas básicas.

Tenho 14 anos, meus cabelos são escuros como a noite. Meus olhos são castanhos cor de mel. Gosto de sair bastante, assim como adoro fazer amizades novas.

Sou bem magrinha, e isso me incomoda bastante. osto muito de sertanejo, funk e amo forró e lambadão. Eu gosto muito de danças, comer e dormir.

Amo muito minha família, principalmente minha mãe porque é nela que eu confio

e sim, é ela que vai estar do meu lado quando eu mais precisar.

Bom, eu não venho muito na escola porque sou muito preguiçosa, mas amo muito as colegas da minha escola. Bom, é isso. R.B.

### IDENTIDADE

Eu sou morena como a moreninha, tenho 1,45 cm de altura, os olhos pretos como um gato no escuro, tenho os cabelos pretos como a pena da pomba, se eu fosse uma coisa seria um batom, se eu fosse uma flor seria um girassol como o sol, mas sou apenas uma menina chamada Stefany, tenho 13 anos e que pensa alto e as vezes pede paz, felicidade e amor.

Gosto de poemas que falam de amor por gostar de ler em voz alta, porque



me sinto bem e porque são lindos.  
S.C.S.S.

### **IDENTIDADE**

Os Cabelos são de mel e quando fico  
triste choro Se eu fosse um animal seria  
como um urso forte e fofinho.  
Se fosse uma coisa seria uma bicicleta  
veloz e furiosa.

Se eu fosse uma flor seria uma rosa perfumada  
e espinhosa .

Mas sou apenas um sonhador chamado  
solidão, paixão.

Que sonha com um futuro brilhante.

E quando leio em voz alta sinto que  
alimento a minha alma .

As vezes fecho os olhos e peço  
paz no mundo Desejo que seja feliz  
hoje e sempre.

W.H.B.



Ainda nessa primeira fase, dentre os muitos outros aspectos abordados pensamos nas múltiplas possibilidades de leitura a serem exploradas além do texto literário, assim, realizamos uma aula campo interdisciplinar no centro histórico de Cáceres com as disciplinas de ciências - Profa. Luana, que abordou aspectos da preservação do meio ambiente, pantanal mato-grossense e questões relacionadas ao habitat das onças, figura que naquela época povoava a área verde na orla do Rio Paraguai, e com a disciplina de história - Profa. Evenir, que proferiu uma fala sobre os aspectos históricos do conjunto arquitetônico e paisagístico tombado há cerca de seis anos em Cáceres, entre eles a catedral, Casa Rosa e Marco do Jauru, lembrou ainda a Lenda do Minhocão. No ensino de literatura, lemos os textos: “Garça” de Aclyse de Matos, Tuiuiu de Natalino Ferreira Mendes, “Mestiça” de Divanize Carboniere, Metamorfose de Aguinaldo Rodrigues, entre outros, oportunizando aos alunos revisitarem na natureza, na realidade, os elementos que serviram de pano de fundo e sensibilizaram os poetas a expressarem seus sentimentos nos textos trabalhados, e constatar diante dos nossos olhos que a escrita passa por esta transformação do real ao ficcional, passa por um posicionamento diante do objeto a ser relido permitindo uma reflexão sobre a realidade que vivencia na escola e fora dela, e assim, ter condições de interagir para melhor compreendê-la e transformá-la. Essa momento extra-classe foi muito gratificante porque pela primeira vez essa turma teve a oportunidade de sair do ambiente escolar para uma aula, assim, foi notável a disposição que tiveram para a leitura literária, para a leitura visual e contemplação dos ambientes. Terminamos nosso tour com um piquenique na SICMATUR, momento oportuno para fortalecer nossas relações interpessoais e tirar

fotografias, processo que ajuda a compor a forma de expressão de cada um.

### Aula campo interdisciplinar





Utilizando-se do aspecto metodológico “técnica da oficina” onde cada atividade de leitura corresponde a uma atividade de escrita, assim os alunos produziram seustextos.



### O MINHOCÃO

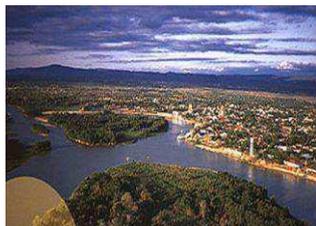
A história do minhocão em um dia de muito sol, as crianças estavam tomando banho na praia do rio quando perceberam que algo mexeu debaixo da água. Saíram da água e esperaram ver o que era aquilo na água. Quando o minhocão saiu da água as crianças ficaram assustadas, não sabiam o que fazer.

Então, pegaram fios de cabelo e amarram ela, a igreja estava sendo construída, tinha um buraco bem fundo, as crianças amarraram o minhocão bem amarrado e colocaram-o no buraco e tamparam com com terra.

A igreja foi construída e até hoje ninguém sabe que debaixo da igreja tem um minhocão. A. P

Há várias cores de ipês, amarelo, roxo, rosa, verde e branco, o mais maravilhoso é o azul.

O mais difício de se ver é o azul e o branco, o verde ele é mais encontrado nas matas do cerrado, o amarelo é do Pantanal, o roxo, o rosa também, há outros tipos de ipês, há o para-tudo, que dá flores iguais a do ipê e dá as flores na mesma época dos ipês. A.S.



## O RIO

As sinuosas curvas do rio Paraguai atraí para o cais da praça barão adultos e crianças que se encontram com a harmonia entre o rio, a praça e a natureza do mato.

O que entristece é que a viagem que os olhos vêem não pode na realidade. O rio vem sofrendo com a falta de consciência das autoridades e pessoas comuns que poluem suas águas canalizando suas redes de esgoto para o rio, que fica com um cheiro mal, e mata os animais que bebem água lá.

D.

## TUIUIÚ

Majestoso tuiuiú  
 Ave símbolo do pantanal  
 De beleza fundamental  
 Anda devagar e calmamente  
 Com suas longas pernas afinadas  
 Alça voos rasantes  
 Abrindo suas grandes asas planadas!  
 À beira dos banhados  
 Passa o tempo sossegado  
 Se alimentando e refrescando  
 E a natureza contemplando  
 De pescoço preto e alongado  
 E papo nu e avermelhado  
 No natural espelho d'água  
 Passa horas se admirando! C.V.



## ONÇA

Quando a onça apareceu  
 O povo lhe aplaudiu  
 Os aplausos são de espanto, medo e admiração  
 Ela causou intrigas  
 O perigo é eminente  
 Em nosso porto presente  
 Sossego já  
 Difícil de explicar  
 Os especialistas disseram  
 “De lá ela não sairá”  
 Famosa a cidade ficou  
 O fato novo a agitou

Perigo ela não trás  
O que faremos então? E.G.M.



### **TUIUIÚ**

O tuiuiú é uma ave brasileira, que mede cerca de 2 metros de altura, come peixe, sapo, rã, entre outros, todos admiram a sua beleza, ao ver o tuiuiú todos querem tirar fotos com eles para se lembrar a vida toda. As penas do tuiuiú são brancas, pretas e vermelhas que formam um colorido encantador, ao final da vida voam em um show sobre as águas do Rio Paraguai, se preparam para iniciar a pescaria, que na maioria das vezes é para levar para os seus filhotes garantindo assim a preservação dessa espécie. H.S.A

### **ONÇA E O PESCADOR**

Já bastante vivido e aposentado o Srº Chico, um experiente pescador, passeava com o seu barco nas margens do Rio Paraguai, lá morava uma onça mas ele não sabia então, atravessou o Rio e chegando lá assustou-se porque de longe avistou uma onça em cima de uma árvore, mas teve uma sorte grande porque ela havia acabado de comer um jacaré e não estava com muita fome. Mesmo assim pegou o pouco de peixe que tinha e deu para ela. Enquanto a onça comia, distraidamente ele pegou o seu barco e foi embora sem que ela o atacasse.



Passado alguns dias a onça atravessou o rio e foi até a casa do Srº Chico, a pobre onça estava magra e com fome, o pescador a alimentou e todos os dias a onça ia lá comer. Assim, o Srº Chico percebeu que a onça era domesticada e que não sabia buscar o seu próprio alimento. K.

### **PESCADOR ASSOMBROSO**

Em pleno século XXI, uma onça apareceu em nossa cidade do outro lado



do rio. Certa noite em que a lua estava cheia, o pescador saiu tarde da noite, depois de pescar vários peixes, ele estava indo embora pela mata e de repente ouviu um barulho, e de repente a onça apareceu em sua frente, ele ficou muito assustado e sem reação ao ver o animal tentou se afastar andando para trás e cada passo que dava a onça se aproximava cada vez mais e abriu a sua grande boca, ele tentou oferecer os peixes a ela mas sem sucesso, ela comeu-o por inteiro, deixou só a pele e seus cabelos. Até hoje uma parte da floresta é assombrada pelo seu espírito, quando as pessoas andam por lá escutam gritos e gemidos do pescador. K.G.

### **A CASA ROSA**



Havia uma família que morava na Casa Rosa, eles se chamavam Dulce, o dono da casa tinha o nome de Alfredo Dulce, pelo tom de cor da casa a família sofreu muito preconceito, então as pessoas começaram a provocar muito a família Dulce que ficou com raiva de todas aquelas pessoas. No outro dia a família estava limpando a casa quando chegou uma mulher bem velhinha que a família não conhecia, ela, foi dar um recado dizendo que estavam correndo perigo naquela cidade. Depois de uma semana começaram a acontecer coisas estranhas, a família ficou assustada. Na casa ficaram uma menina, uma senhora, um senhor. Depois que a menina completou 18 anos seus pais morreram e ela ficou sozinha morando naquela casa, mas decidiu deixar a casa e mudar de cidade, até hoje aquela casa está abandonada e ninguém pode entrar nela. L.O.



### **OS PÁSSAROS**

Uma menina estava passando por um

rio e viu muitos pássaros como tuiuiús, ela foi correndo falar com sua mãe que lá no rio havia muitos pássaros tuiuiús erguidos no céu, e foram para lá, sua mãe falou: - Que lindos os pássaros! O sol está brilhando, tem muitas gramas, o verde e flores em cima da grama, flores bonitas, a natureza é muito bonita. !!! N.K.



### A CATEDRAL

A catedral foi construída para espantar os maus espíritos, ela não pode ser pintada porque pode despertar a mulher metade serpente que mora ali, caso isso aconteça ela amaldiçoará as pessoas que vão lá dentro da catedral.

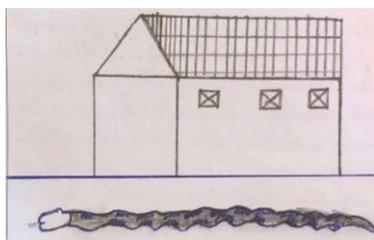
A partir daí ela irá aparecer todos os dias à meia noite em forma de anjo e todas as pessoas que aparecerem na sua frente ficará em trans, não conseguirá se mexer e logo em seguida desmaiará. M.O.



São Luiz de Cáceres não seria mais a mesma, o Negrinho brincou o dia inteiro no quintal, brincando de carrinho e jogando bola, de repente derrubou o vaso de louça daqueles bem caro, a Sinhá ficou brava e brigou com o garoto, ela ficou tão brava que ordenou que o matassem. Dias depois, a senhora desapareceu, colocaram um monte de pessoas atrás dela mas nunca acharam vestígios, sempre ouviam gemidos, gemidos sofridos, mas ninguém sabia a origem dos gemidos. Um dia o Negrinho estava brincando e sem perceber afastou-se da casa grande, entrou na mata e ouvia gemidos estranhos e encontrou a senhora em um lodaçal, ela estava metade mulher, metade serpente, ela riu porque o garoto era negro e achou que negro não era gente, quis rir e ao abrir a boca caiu

veneno, esparramando-se pela pele cascuda. Rastejou revoltada, como uma naja foi para o rio Paraguai. Apavorados aterraram o local e construíram uma catedral, Os devotos amarraram o monstro com um fio de cabelo de Nossa Senhora. E a catedral nunca mais pôde ser pintada para não incomodar a serpente.

S.C.S.



Era uma vez uma lenda do mionção que todo mundo esta falando, todo mundo esta dizendo que o mionção sai de baixo da igreja quando todas as pessoas estão pintando a igreja. R.

## ATIVIDADES DA 2ª FASE

Aqui propomos a leitura de uma diversidade de textos de literatura de língua portuguesa brasileira e africana, achamos pertinente introduzir textos que julgamos ainda não muito conhecidos desse público para promover uma discussão/debate sobre a contribuição cultural dos negros com o Brasil, dando a abertura para tratarmos de temas como a diversidade cultural/racial/preconceito/discriminação e pensar a aplicabilidade da Lei 10.639/03, a partir dos textos: “As mãos dos pretos” do escritor moçambicano Luiz Bernardo Honwana, “Nós chorámos pelo Cão Tinhoso” de Ondjaki, “Meus dois pais” de Moacir Carrasco, “Preto não é gente” de João Gonçalo do Nascimento, entre outros. Após as leituras abriu-se um leque de discussões/debate/escrita sobre a sociabilidade vivida no ambiente escolar, foram suscitadas situações vividas na sala de aula/escola, que causavam muitos conflitos e que foram repensados a partir dessas reflexões dos textos literários.



## PRODUÇÃO TEXTUAL

“O preconceito é mais praticado nas escolas, por amigos que colocam apelidos e a pessoa apelidada não gosta mas não fala nada ao amigo de que não está gostando e o amigo continua praticando-o pensando que é uma brincadeira, mas uma hora chega, a pessoa que sofre preconceito pode ficar com depressão e pode até se auto mutilar, cortar os pulsos e pode até se suicidar”. A.

“O preconceito tem vários fatores que prejudicam uma pessoa como por exemplo colocar apelidos, chamar as pessoas de gordas, de pretas, baixas, alta, etc.

Na maioria das vezes o preconceito começa por simples brincadeiras que podem magoar as vítimas e causar transtorno mental. Esse ato também pode prejudicar a pessoa futuramente em seu trabalho, vida social e com seus familiares”. C.M.

“Um dia eu estava na rua com vários amigos tomando tereré, vi que do outro lado da rua havia um senhor idoso querendo atravessar, ninguém quis ajuda-lo. Eu gentilmente o ajudei a atravessar a rua e logo ele me agradeceu como um gesto de carinho. Voltei para a roda de amigos que logo começaram a me zoar, fiquei muito triste, mas para retribuir meu gesto o senhor idoso me defendeu como forma de retribuição.

Diante da situação ficou um clima de muita tristeza porque percebi que meus amigos estavam discriminando aquele senhor indefeso”. M.M.

“O preconceito é quando falam mal das pessoas, tipo: você é feia, gorda, chata, etc. E esse ato acontece como uma simples brincadeira ou uma conversa qualquer que deixa a pessoa triste, geralmente uma das partes é prejudicada e não encontra força para lidar com a situação”.

“Sim já tive preconceito, sou muito alta e as pessoas me chamam de: gigante, girafa,

poste e até macarrão instantâneo, eu acho isso muito feio porque não temos culpa de crescer tanto, não sei porque ficam fazendo isso com as pessoas não gosto de fazer com as pessoas e espero que parem de fazer comigo”. K.G.N.

“Eu já vi preconceito acontecer muitas vezes, tantas vezes que teve até uma que aconteceu com um primo meu na escola, e isso foi tão revoltante que o próprio preconceito foi feito pela professora que deveria ser uma pessoa para dar exemplo. O preconceito começou a partir do momento que a professora começou a chamar ele de “Neguinho”, porque na sala que ele

estudava só tinha pessoas brancas e ele era o único moreno...” C. V.

“O preconceito está em quase todo lugar, e no dia a dia o preconceito existe por diversas coisas, pode ser porque você é gordinho, magro, moreno e baixo, etc. Mas isso não é motivo de você ser preconceituoso, preconceito é feio e deve acabar no mundo”. W.

“Pois bem o preconceito é uma forma de julgamento. Por ex: O preconceito racial, muitas vezes ligado aos negros, que moram em favelas, são pelos atos de criminalidade que tem nas favelas, mas nem todos que ali vivem são traficantes, ladrões ou criminosos”. E.

“Preconceito é uma opinião que formamos das pessoas antes de conhecê-las. É um julgamento apressado e superficial e muito perigoso, pois ao invés de melhorar a nossa vida e da sociedade acaba trazendo muitas situações complicadas e até mesmo violentas. J.

“Ano passado presenciei uma cena desagradável, meu primo Igor foi para a escola, lá saiu de casa tinha três meninos que sempre estavam juntos e se aproveitavam dessa força para lhe colocarem apelidos. Igor os ignorava, mas certo dia resolveu sair para se distrair na praça perto de sua casa, não demorou muito para surgir em sua frente um grupo de meninos que logo começaram a lhe bater.

Sem entender o que estava acontecendo meu primo pediu socorro e outras pessoas que ali se encontravam ligaram para a polícia que prendeu seus agressores. Após comunicar seus pais todos foram para a delegacia, e lá Igor ficou sabendo que foi vítima de bullying, fora agredido porque é gordo.

D.

“...O que é o preconceito? É quando você não aceita a outra pessoa por ela ter uma cor diferente e um cabelo diferente, não ter dinheiro, isso no caso é o preconceito na minha opinião”. G.S.

“Em uma tarde ensolarada eu estava andando de bicicleta quando de repente vi um grupo de pessoas na calçada, passando ali por perto percebi que estavam falando mal de um amigo, achei injusto e resolvi defendê-lo, como eu estava sozinho acabei apanhando, fui para casa muito triste e relatei o fato aos meus pais que ficaram chocados e me aconselharam a não usar da mesma violência.

Como o fato requer providências, meus pais foram falar com os pais dos meninos que estavam comentando um ato de preconceito com meu amigo, os pais chamaram a atenção de seus filhos e me pediram desculpas e prometeram que nunca mais iriam praticar nenhum ato de preconceito”.

A.

“Ao assistir à novela malhação, logo observei a discussão de dois homens, um chamava o outro de viado/gay, o ofendido não queria brigar, porém, o mais exaltado continuava com os xingamentos e nem percebia que estava em uma escola, ambiente onde deve prevalecer boas relações de convívio social. Para conter a falta de respeito do colega, ambos foram encaminhados à coordenação pedagógica para esclarecer os fatos. Sérgio, O mais exaltado foi suspenso por três dias para que pudesse refletir sobre seu ato de preconceito/discriminação. Em um ambiente escolar, ou mesmo na rua o respeito deve sempre prevalecer. H.

“O preconceito/discriminação são caracterizados por ações do ser humano que cria uma imagem irreal do outro.

Vivi, senti na pele essas desumanidades quando na sala de aula tive colegas que me xingaram de baleia, gordo, burro, obeso, bolo fofo, falavam ainda para eu ir vender banha, No momento da agressão até ficava nervoso mas não brigava porque sei que Jesus me ama e me aceita do jeito que sou.

Portanto, aceitar o outro do jeito que é será a melhor saída, lembrando que isso significa respeito. H.

“Um belo dia, estava muito bonito e que minhas amigas estavam tomando teres na frente da minha casa quando de repente estava passando uma criança de bicicleta- Ela caiu na frente da casa da mulher e então a minha colega foi ajudá-la e ela recusou a ajuda porque ela era negra, tinha belos cabelos crespos, e os olhos escuros e ele era loiro, ele tinha olhos azul, e era filha de gente muito importante, então ela se levantou sozinha e foi embora.

N.

“O preconceito/racismo é um ato terrível que muitas vezes passa despercebido, mas só para quem pratica.

Muitas vezes, a vítima não sabe como reagir mesmo, não lidando muito em, outros conseguem lidar e veem como brincadeira.

Sabemos que isso pode magoar o próximo, então o mais conveniente seria não praticar esse ato, a não ser que a pessoa se sinta confortável com a situação e não se sinta atingida em ambos sentidos. K.G.

“Bullyng é uma coisa que as pessoas não gostam de sofrer, algumas entram em depressão ou querem suicídio.

Nós não podemos cometer bullyng com outras pessoas, isso é crime, alguns falam que isso foi uma simples brincadeira.

Entretanto, nem isso acontece, é prejudicada e não consegue lidar com isso, as pessoas que sofrem bullyng não se sentem muito bem com isso.

As pessoas tem que ter respeito com outras pessoas, ninguém gosta dessas brincadeiras sem graça, isso é muito feio. A.P.

“Para quem não sabe a palavra preconceito significa: Antipatia ou aversão a outras raças, religiões, classes sociais, etc., é quando você sente repugnância contra outra pessoa que não seja da mesma classe ou raça. O preconceito acontece todos os dias em escolas, empresas, mercado e até mesmo na família pelos pais, mães, irmãos e etc.

O preconceito não só existe, como também é discutido, em algumas escolas há segregação racial, que faz com que os brancos fiquem em lugares ou salas diferentes dos negros. Os preconceitos mais frequentes são sobre: raça, idade, opção sexual, moda e classe social.

Normalmente quando vemos alguém cometendo preconceito rimos ou fazemos piadas juntos, né? Pois quando você ri ou incentiva, você também é culpado e também está cometendo preconceito. A melhor coisa a fazer é se afastar, sair de perto. L.

A melhor maneira de ajudar a pessoa é você aceitar ela do jeito que ela é e não do jeito que você quer que ela seja. Quando você despreza alguém que está sofrendo preconceito isso faz com que ela pense em si matar, cometer suicídio. Pois ajude quem precisa, pois um dia é você quem pode precisar”. Não gostamos de sofrer bullyng, mas todos nós cometemos bullyng, não importa como, mas cometemos contra os negros, brancos, gordo, magro, não importa sempre tem. Não cometa, evite esse tipo de ação, isso é crime”.

L.

“O preconceito é sobre um filme que eu assisti, era um menino que tem uma deficiência e o nome dessa deficiência é síndrome de turete e toda vez que ele ficava com raiva a síndrome

de turete piorava e ele ficava fazendo um

barulho estranho e as pessoas ficavam olhando e falando mal dele, ele explicava para os outros porque ele fazia aquele barulho”. M.

“O preconceito/discriminação começa com uma simples brincadeira, que para a pessoa que comete o ato é normal, mas para a pessoa que sofre é muito doloroso, que a partir do momento que você faz uma brincadeira de mal gosto, você está cometendo um ato de desrespeito com a pessoa, e isso pode fazê-la entrar em depressão, que é uma coisa difícil de controlar.

A solução para que isso não aconteça é o respeito, o respeito é muito importante na vida do ser humano, se todos respeitassem uns aos outros, teríamos um mundo melhor”. R.

“O preconceito existe, há muito tempo tivemos grandes eventos na história que o preconceito estava presente como a escravidão e o nazismo no mundo.

Esses grandes eventos deixaram nossa atual sociedade com cicatrizes, temos hoje um grande favorecimento aos brancos e alguns grupos neo- nazistas.

O preconceito hoje em dia é crime é crime, tanto preconceito racial como o preconceito por religião, opção sexual ou por ter cabelo ruim.

Só iremos acabar com o preconceito se começarmos a respeitar negros e brancos, pobres e ricos”. S.

"Preconceitos é um ato que muitos desocupados e covardes faz com outras pessoas, muitas vezes o preconceito é causado via internet. E sim, existe sim uma forma de acabarmos com isso é só termos consciência e aprender a respeitar uns aos outros." E.

Atividades desenvolvidas sobre o tema Preconceito/Discriminação para campanha na mostra pedagógica

**DIA INTERNACIONAL DE LUTA  
PELA ELIMINAÇÃO DA  
DISCRIMINAÇÃO RACIAL**

"Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele,  
por sua origem ou ainda por sua religião.  
Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem  
aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar."

*Nelson Mandela*

**IGUALDADE RACIAL DEVE SER UMA LUTA DE TODOS!  
VAMOS JUNTOS CONTRA O RACISMO**

**Igualdade Racial**

Mais  
Respeito  
menos  
preconceito

**XÔ**   
**PRECONCEITO**

PESSOAS SÃO DIFERENTES  
E ISSO É NORMAL

**PROMOVENDO**

**#ZERO  
DISCRIMI  
NAÇÃO**



## BANNER PARA A MOSTRA PEDAGÓGICA



*Escola Estadual Profª Ana Maria das Graças de Souza Noronha.*  
Diretora: Jane Bellote



UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO - SEDUC



**LETRAMENTO LITERÁRIO: UMA NOVA PERSPECTIVA PARA A LEITURA/ESCRITA EM SALA DE AULA**  
**Mestranda: Dionília Gomes Tavares**  
**Orientadora: Vera Lúcia da Rocha Maquêa**

**OBJETIVO GERAL**  
 Reconhecer o espaço da sala de aula como lugar de leitura, reflexão, experiência, oferecendo ao aluno contextos, aplicações e estímulos para o exercício da leitura e da escrita, de forma crítica.

**OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Analisar e identificar aspectos formais de textos literários
- Refletir sobre o papel social da leitura e da escrita
- Propor o desenvolvimento de atividades de práticas de leitura/escrita que permitam compreender o papel formativo e humanizador da literatura.





**Atividades desenvolvidas no projeto**



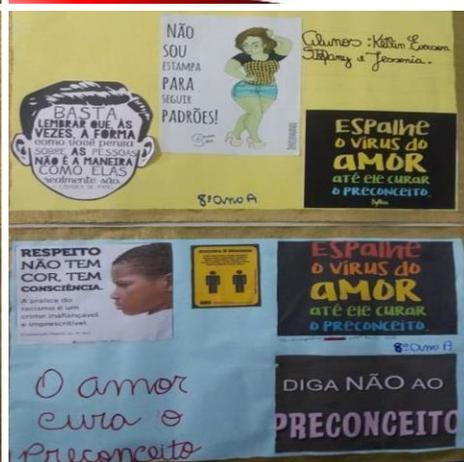


**Confecção de cartazes**





## MOSTRA PEDAGÓGICA



### ATIVIDADES DA 3ª FASE

Na terceira etapa a partir da leitura/discussão dos contos: “Sem asas, porém” de Marina Colassanti, “O enterro da bicicleta” de Nelson Saúte, “Zito Makoa, da 4ª série” de Luandino Vieira, “Lição da coisas” de Vera Maquêa e “Feliz aniversário” de Clarice Lispector, entre outros, pensamos/compreendemos com os alunos a condição das mulheres nos textos, relacionamos essas mulheres com outras conhecidas através de suas histórias de leitura ou com mulheres que protagonizaram/protagonizam sua história de vida. Refletimos sobre a identidade dessas mulheres que povoam os textos literários, bem como, as nossas vidas. Foi válido lembrar que no passado, países machistas como o nosso cometeram atos de extrema violência contra a mulher, e mesmo assim, mesmo aterrorizada pelo medo tornaram-se os seres mais fortes, mais resistentes que uma família pode ter no seu seio, estudam, trabalham dentro e fora de casa, alimentam, protegem, aquecem corações e conquistam cada vez mais a confiança do mercado de trabalho. E assim, os alunos escreveram seus textos intitulados “Vida de Mulher”.

“No início do século as mulheres não tinham vez, não votavam, não trabalhavam fora do ambiente doméstico, eram tipo que empregadas de seus maridos, os homens pensavam que o lugar delas era somente na cozinha.

Mas agora está totalmente diferente, as mulheres estudam e muitas das vezes tem um trabalho mais bem sucedido do que dos homens.

Minha mãe mesmo com seus afazeres domésticos trabalha das 8 10 da manhã as 8 da noite cuidando da minha prima, mesmo assim, sobra tempo para cuidar muito bem de mim e dos meus outros dois irmãos, eu mesmo tenho muito orgulho dela”

A.

“Uma das melhores mulheres do mundo é a mãe, aquela que nos ama, nos cuida, protege desde o primeiro piscar de olhos, aquela que cuida dos mínimos detalhes com muito carinho antes mesmo da nossa chegada.

Mãe não é só aquela que nos dá a luz, mas também aquela que faz o papel de cuidar e amar, até porque em algumas famílias laços sanguíneos não significam nada. Todos temos em nossas vidas aquela mulher que faz papel de mãe, esposa, cidadã, etc. E além de tudo isso, trabalha muito para que não nos falte o que comer, servir, e para que tenhamos uma educação de qualidade”.

P. K. G.

“Nesse texto irei dizer sobre uma mulher muito guerreira e forte que faz parte da minha vida que é a minha mãe. Uma mulher que é um exemplo de pessoa dentro de casa, uma mulher batalhadora, mulher de braço forte, mulher que sempre lutou

para manter minha irmã e eu na escola, um amor de mulher, luta pelos seus direitos, tem uma boa convivência com a família, amigos e colegas. Em casa e na rua ela tem um bom diálogo com as pessoas, mesmo que para ela seja estranho. Corre atrás dos seus direitos, é forte e nos protege muito, tem um caráter de mulher muito especial. Uma mulher vaidosa e sensível.

Ela está desempregada, é formada na área de história”. C.

“Neste texto resolvi falar sobre a mulher mais importante da minha vida, a minha mãe, uma pessoa que sempre batalhou pelo que quis, sempre fez de tudo para ver as pessoas felizes, uma mulher que é independente, que trabalha, que cuida da casa, faz muitas coisas e ainda tem tempo para se divertir, ela é uma mulher super feliz com a vida eu sou muito feliz por ter ela comigo todos os dias.” G. S.

“A mulher sofreu muito para gerar uma vida, sendo que quase perde a sua, também sofreu muito preconceito porque é frágil e desprotegida.

Os homens pensam que só porque são mulheres não podem trabalhar fora de casa”.

M.O.

“A minha mãe é lutadora, trabalhadora, ela enfrenta racismo, me protege, é uma mulher que eu nunca vi, ela consegue tudo de melhor para mim, é uma mãe e um pai, estrago uma porta ela arruma, um chuveiro ela arruma, então eu agradeço a Deus por ter dado uma mãe maravilhosa, obrigado Deus por dar uma mãe maravilhosa, obrigado Deus”. H.

A vida da mulher é muito ocupada, é trabalhadora. A mulher pode se considerar agrotada porque ela está no trabalho, na cozinha, cuidando dos filhos e do marido doente.

A maioria das vezes os maridos não deixam as mulheres irem nas festas, (pois tem ciúmes) e as mulheres não conseguem ir onde quer, porque os homens pensam que mandam na casa!”. H.

“Meu nome é Diogo tenho treze anos, minha mãe se chama Elza e eu vim escrever dessa pessoa que eu admiro muito, que eu amo e sempre vou amar, ela faz de tudo para nos ver bem, é uma pessoa muito legal, é professora pedagoga, tudo que ela faz é com amor, eu tenho orgulho de

ser filho de uma pessoa tão especial”. D.

“As mulheres estão cada vez mais inseridas na sociedade, a pouco mais de 150 anos atrás mulheres eram usadas apenas para cuidar de casa e dos filhos, mas hoje já estão até nos cargos mais altos dos poderes, já tivemos até uma presidente mulher, mulheres hoje já votam e já tem os mesmos direitos que os homens, direitos como: educação, salário, respeito. Estamos longe de um mundo 5 estrelas, estamos melhor que ontem e pior que amanhã”

E.G.

“A mulher que vou citar é mais que especial para mim. È minha professora de português Dionila Gomes Tavares, ela é minha inspiração para tudo, ela me aconselha para estudar, para ficar bem com minha família, eu amo minha professora demais, quando estou com ela me sinto bem.

Professora parabéns por ser essa pessoa maravilhosa na minha vida”. L.

“Mesmo com a modernidade do século XXI a mulher ainda sofre muito preconceito e assédio no dia a dia, no trabalho ganham menos que os homens mesmo trabalhando igual e tem menos direitos que os homens, também tem preconceitos em algumas profissões ou esportes como futebol e outros”. M.M.

“A mulher é um gênero feminino e hoje em dia existe muito machismo contra elas, mas elas podem fazer qualquer coisa que homem, e no trabalho elas ganham também o mesmo salário. E as mulheres tem os mesmos direitos que todos”.

W.

“Minha homenagem é pra você  
 Que ao mesmo tempo é mãe e pai.  
 Que tem o dom de nos facilitar  
 Que luta por grandes ideias;  
 Minha homenagem é pra você  
 Que é atriz ou escritora  
 Que é dançarina ou do teatro  
 Que é cineasta ou pintora;

Minha homenagem é pra você  
Que corre atrás do seu intento  
Que é independente, lutadora  
Que é a mais linda obra vinda do firmamento;  
Minha homenagem é pra você  
Que é vitoriosa e sabe o que quer  
Que é a mais rica benção de Deus  
Minha homenagem é pra você mulher. K.G.

“A vida da mulher na sociedade de hoje é muito melhor que antigamente. Em tempos erámos consideradas um ser com menos capacidade do que os homens, serviços domésticos ou de menos esforço combinavam conosco.

Com lutas e conquistas isso mudou, conseguimos entrar no mercado de trabalho que era restrito aos homens.

E assim, hoje as mulheres têm mais voz e mais liberdade”. R.

“Antigamente as mulheres não tinham direito a nada, só os homens que votavam e mandavam na sociedade.

Hoje em dia as mulheres podem estar nos mais diversos cargos como professora, advogada, engenheira e até nos cargos políticos.

Mesmo assim elas discriminadas simplesmente por serem mulheres, mas temos leis que garantem seus direitos.

Tivemos até mulher como presidente como Dilma Rousseff, na história a princesa Izabel que assinou a lei Áurea e aboliu a escravatura.

Depois de tantas lutas conseguimos ser respeitadas como mulher, mas ainda existe homens machistas”. S.

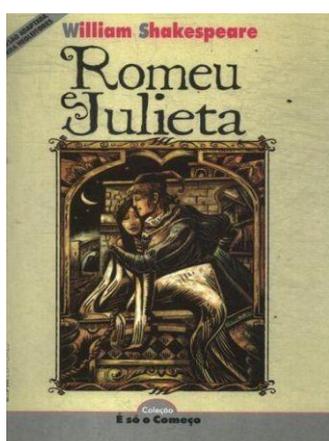
“As mulheres estão cada vez mais avançando para a sua independência. Não se trata apenas de feminismo ou machismo, mas de se libertar dos estereótipos colocados pela sociedade nas mulheres. Não somos mais o sexo frágil, na verdade nunca fomos.

Mulheres espalhadas pelo mundo todo, durante épocas passadas, lutaram firmemente

para seguir os seus sonhos, seguir os seus instintos e lutar pelo que acreditavam. Muitas vezes sulgadas, tanto pelo pai, quanto pelo marido, romperam com as tradições machistas”. J.

A atividade de leitura e escrita: “**Li, gostei e recomendo**” foi desenvolvida em conformidade com as leituras realizadas, em dupla os alunos conversaram sobre as leituras realizadas, escolheram uma narrativa, escreveram um breve resumo e fizeram um mural que está exposto na biblioteca convidando outros a também lerem.

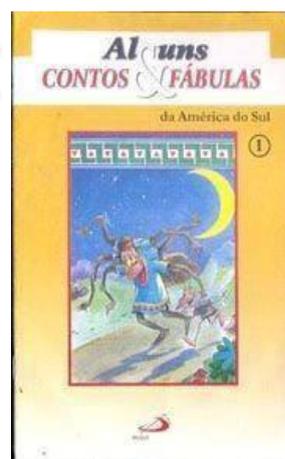
#### ALGUNS DOS LIVROS LIDOS E RESUMIDOS:



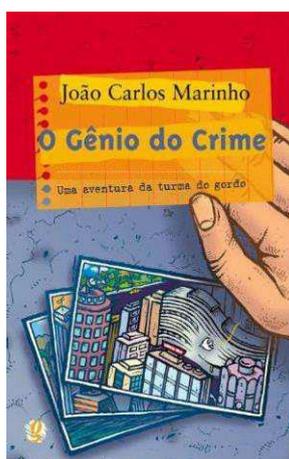
Aluna: Gabriela



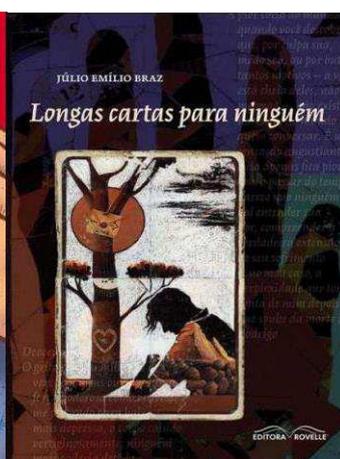
Aluna: Jessenia



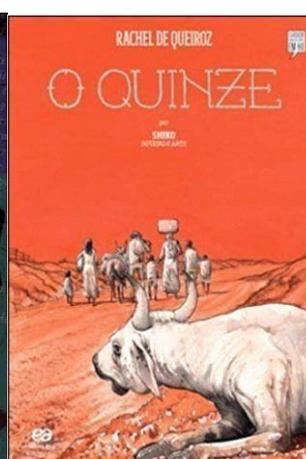
Aluno: Matheus



Aluno: Everson



Alunas: Stefany/Ketlin



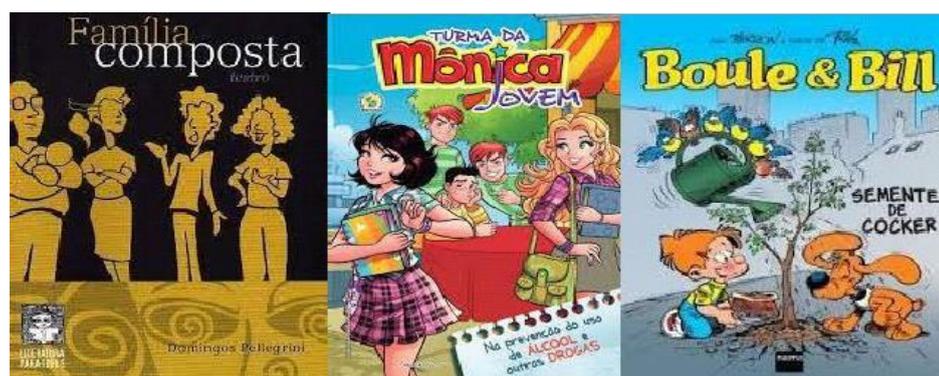
Aluna: Leandra



Aluna: Caroline

Aluna: Agatha Grady

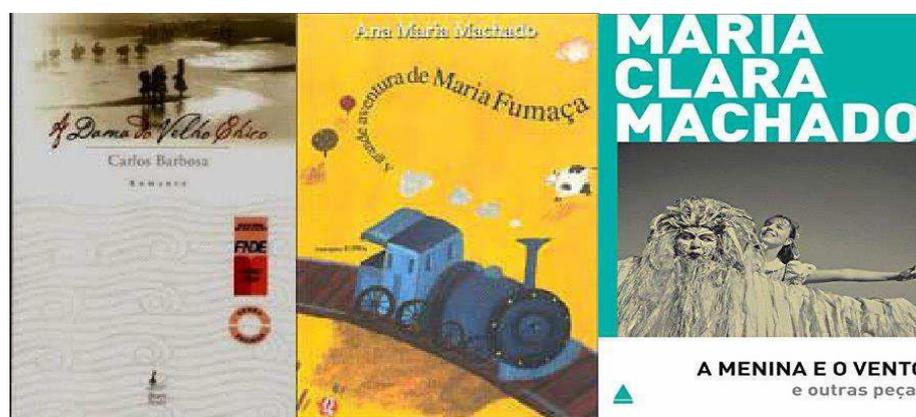
Aluno: Hebert



Alunas: Eduarda/Naelly

Alunos: Rai/Miguel

Alunas: Kelly/Kemili Cristine



Aluna: Michely

Aluno: Henrique

Aluna: Rafaela



Aluno: Matheus

Aluno: Diogo Roberto

Aluno: Antonio

Além das leituras realizadas extraclasse e em sala de aula, as atividades de leitura mais apreciadas foram as realizadas na biblioteca e nos “Piqueniques literários”





Leitura na Biblioteca da escola





As Bibliotecas Escolares são espaços onde se organizam os mais diversos materiais bibliográficos, é um instrumento de desenvolvimento do currículo que fomenta o ensino na escola, essencialmente o ensino de leitura literária, propicia a formação do indivíduo em um processo permanente, estimula a criatividade, o pensamento crítico e a capacidade de expressão para tornar o indivíduo mais fraterno, mais livre para relacionar-se com o próximo.

Estes fatos se configuram nos textos aqui publicados e nos possibilitam perceber que, através da leitura de textos literários, os alunos entraram em contato com situações/temas que permeiam suas histórias de leitura e de vida, e puderam colher neles, elementos que lhes possibilitaram reconstruir seus valores, constituírem-se como sujeito pensante, crítico, que mobiliza sua consciência e interroga com mais criticidade/liberdade, para viver no mundo com mais autonomia, com mais humanidade, foi um pouco remexer em seus baús



Dionila Gomes Tavares, é especialista em Língua Portuguesa e Literatura, há 19 anos é professora efetiva da Rede Estadual de Educação de Mato Grosso. Ao longo dos seus 52 anos procurou construir uma solidificada formação ética e cidadã, é responsável pelo projeto de intervenção “Letramento Literário: Uma nova perspectiva para a leitura/escrita em sala de aula” como pré-requisito para obtenção do título de mestra no PROFLETRAS/UNEMAT/CÁCERES-MT. Sob orientação da Profa. Dra Vera Lúcia da Rocha Maquêa.



